

FÁBIO LUÍS SANTOS TEIXEIRA

**O CORPO BELO COMO FORMA DE PODER: CARTOGRAFANDO A
BIOPOLÍTICA DA BELEZA EM FOUCAULT**

RECIFE, 2010

FÁBIO LUÍS SANTOS TEIXEIRA

**O CORPO BELO COMO FORMA DE PODER: CARTOGRAFANDO A
BIOPOLÍTICA DA BELEZA EM FOUCAULT**

Dissertação apresentada ao Programa associado de pós-graduação em Educação Física-UPE/ UFPB, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Estudos sócio-culturais do movimento humano.

Orientador: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha.

RECIFE, 2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Escola Superior de Educação Física - ESEF - UPE – Recife

T266c Teixeira, Fábio Luís Santos
O corpo belo como forma de poder : cartografando
a biopolítica da beleza em foucault / Fábio Luís Santos
Teixeira. – Recife: ESEF/UPE, 2010.
189 f.

Orientador: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha
Dissertação (Mestrado em Estudos Sócio-culturais do
Movimento Humano da Universidade de Pernambuco, 2010).

1. Foucault. 2. Beleza. 3. Biopolítica. 4. Tecnologias de si.
I. Caminha, Iraquitan de Oliveira (orient.). II. Escola Superior
de Educação Física, UPE. III. Título.

CDU 111.85:796.4 2.ed.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação: O corpo belo como forma de poder: cartografando a biopolítica da beleza em Foucault

Elaborada por Fábio Luís Santos Teixeira

Foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovado para obtenção do grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA na área de concentração: Estudos sócio-culturais do movimento humano.

Data: 12 de março de 2010.

Prof. Dr. Mauro Virgílio Gomes de Barros

Coordenador do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Eugênia Tereza Castelo Branco Correia
Krutzen
UFPB

Prof. Dr. José Pereira de Melo
UFRN

Prof. Dra. Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas
UPE

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

Ao Professor Iraquitan de Oliveira Caminha, orientador que com carinho e paciência apontou os caminhos que me levaram a desenvolver uma leitura vertical e apaixonante da realidade que nos cerca.

Ao Professor Dr. José Pereira de Melo e à Professora Dra. Eugenia Tereza Castelo Branco Correia Krutzen pela atenção, disponibilidade, pelos conselhos, enfim, riquíssima contribuição.

À Professora Dra. Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas, pelo carinho, pela sabedoria e por acreditar em mim desde a graduação.

Aos colegas de mestrado, Ricardo, Bruno, Carla, Eliene, Sandra, Rômulo, Naiane, Suênia, Iana e Tatiana pelos bons momentos de discussão e companheirismo.

Às voluntárias que se disponibilizaram a participar das entrevistas e aos coordenadores das academias de ginástica que me receberam de portas abertas.

Aos membros do programa de mestrado associado em Educação Física – UPE/UFPB, o primeiro programa de mestrado em Educação Física do norte-nordeste brasileiro.

À CAPES pelo financiamento dos meus estudos.

À Tatiana Acioli, minha amiga, companheira, e conselheira.

À Dona Edneida pelo acolhimento nos meus primeiros anos em Recife e por estar sempre perto de nossa família.

À minha família: ao meu honrado pai Francisco, minha dulcíssima mãe Rosário, minha queridíssima tia Carminha, e aos meus amados irmãos Flávia e Júnior, vovó Dulce e vovô Sabino. Apesar dos sacrifícios e das dificuldades, o apoio de vocês foi o mais importante para mim. Sinto muito orgulho de ser como vocês, um NORDESTINO, filho de Caruaru que não tem medo de chegar aonde quer!

A todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho.

A partir da idéia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte.

Michel Foucault

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as operações biopolíticas que inserem a construção de corpos belos nos jogos de verdade, à luz da teoria de Foucault. Especificamente procuramos identificar os processos de transformação da beleza em objeto de saber, e discutir as relações de poder que regulam a construção de corpos belos, a partir do discurso de trinta mulheres praticantes de exercício físico em academias de ginástica. O estudo, caracterizado como qualitativo foi realizado em seis academias de ginástica da cidade do Recife selecionadas randomicamente. Utilizamos como instrumento um roteiro de entrevista composto por imagens. Como técnica de análise de discurso, utilizamos a análise de enunciados com base na proposta arqueológica foucaultiana. Percebemos através da investigação arqueológica que a beleza se tornou objeto de saber a partir de políticas eugenistas de combate à fealdade, as quais utilizaram a Educação Física e a ginástica como ferramenta para produção de corpos belos, compreendidos como superiores, dóceis, saudáveis e produtivos. A análise dos discursos permitiu a identificação de dois dispositivos da beleza atuantes na contemporaneidade: um dispositivo jurídico-funcionalista e um dispositivo bioascético. Identificamos a atuação dos princípios de dimorfismo sexual, de medicalização e normalização da aparência física, os quais atuam criando padrões de aparência, excluindo corpos feios e valorizando socialmente corpos belos. Por outro lado, percebemos que a busca pela produção de corpos belos na atualidade, não é apenas o resultado de um processo histórico de dominação institucional, mas sim uma estratégia assumida pelos sujeitos contemporâneos para produzir poder a partir da construção da sua aparência corporal. O destaque conferido à produção estética do corpo pelas entrevistadas permitiu-nos verificar que a prática de exercício físico não é movida apenas pela saúde, mas sim pelo propósito de ter poder através da beleza. Este poder vinculado à construção estética possibilita dominar a conduta dos outros e reconstituir as posições assumidas pelos sujeitos numa ordem cultural de estetização da vida e de supervalorização do corpo.

Palavras-chave: Foucault, Beleza, Poder, Biopolítica, Tecnologias de si.

Abstract

In this study we analyze the biopolitical operations that include the construction of beautiful bodies in games of truth, using Foucault's theory. Specifically we sought to identify the processes of transformation of beauty into an object of knowledge, and discuss the power relations that govern the construction of beautiful bodies, from the speech of thirty women practitioners of exercise in gyms. The study, characterized as qualitative, and exploratory was developed in six gym clubs selected randomly in the city of Recife. As interview technique we used photo elicitation. As technique of discourse analysis, we used the analysis of discourse proposed by Foucauldian archeology. Through archaeological investigation we identified that beauty became an object of knowledge from the institutional training of eugenics policies to combat ugliness, which used the physical education and gymnastics as a tool for producing beautiful bodies, understood as socially superior, gentle, healthy and productive. Discourse analysis allowed the identification of two active devices of beauty in contemporary society: a legal-functionalist and a bioascetic device. We identified the role of the principles of sexual dimorphism, medicalization and normalization of physical appearance, which contribute to create standards of appearance, excluding ugly bodies and enhancing social bodies beautiful. On the other hand, we realize that the search for the production of beautiful bodies in the news, not just the result of a historical process of institutional domination, but one strategy taken by contemporary subjects to produce power from the building of their body appearance. The attention given to the aesthetic production of the body by the interviewees allowed us to verify that physical exercise is not driven only by health but by the purpose of having power through beauty. This power linked to the aesthetic construction allows to dominate the others, and reconstruct the positions of the subjects in a somatic culture.

Keywords: Foucault, Beauty, Power, Biopolitics, Technologies of the self.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO 09

Capítulo 1 – Trajetória Metodológica..... 14

1.1 Natureza da pesquisa 14

1.2 A seleção dos sujeitos..... 16

1.3 A técnica de eliciação fotográfica 18

1.4 Analisando os enunciados..... 26

Capítulo 2 – A produção biopolítica de corpos belos 33

2.1 A sociedade disciplinar e o nascimento do sujeito 33

2.2 Eugenia e poder sobre a fealdade 40

2.3 Educação Física como cura da fealdade..... 65

Capítulo 3 - O corpo belo como tecnologia de si 80

3.1 Desvendando o sujeito do desejo 80

3.2 “Cuidar” e “conhecer”: princípios das tecnologias de si..... 85

3.3 A moralidade somática contemporânea: cuidar como um poder.... 90

Capítulo 4 – Cartografando o poder da beleza 95

4.1 Dimorfismo sexual, beleza e a super-mulher contemporânea..... 97

4.2 O controle social da aparência corporal 117

4.3 A construção do corpo belo como uma tecnologia de si 145

Considerações finais 169

REFERÊNCIAS..... 174

APÊNDICES

A – Roteiro de Entrevista 186

INTRODUÇÃO

Vivemos, atualmente, tempos imperativos da construção do corpo perfeito. Por todos os lados, imagens nos cercam e discursos não cessam de lembrar sobre a importância de ter um corpo belo como uma forma de viver feliz, ter saúde, aumentar a longevidade e de se destacar socialmente.

Marchando em direção ao reconhecimento do corpo perfeito como corolário da felicidade, as sociedades ocidentais assistem, hoje, ao aparecimento de uma economia estética da aparência corporal voltada ao reconhecimento da beleza como uma forma de poder, e à criação de estratégias de estetização do saber.

Neste contexto, as academias de ginástica, *spas* e clínicas de estética surgem como espaços especializados, legitimados pelo saber científico, e construídos sobre a promessa de transformar corpos obesos, sedentários e “anormais” em corpos saudáveis, fortes e belos.

Desde que esta economia da aparência estética surgiu nas sociedades ocidentais contemporâneas, diversas áreas do conhecimento como a Filosofia, Sociologia e a Psicologia se ocuparam em produzir teorias no sentido de compreender a sua valorização.

A atual busca pela beleza corporal foi analisada inicialmente como uma necessidade frívola, decorrente de um poder adaptado ao consumismo e vinculado a expectativas sociais que se apoiavam num sistema coercitivo. Wolf (1981) defendeu essa interpretação na obra *O mito da Beleza* considerando a busca pela boa aparência nos dias atuais como “a última das antigas ideologias femininas” que ainda tem o poder de controlar as mulheres.

Outras interpretações sobre a centralidade da beleza na atualidade associam-na à hegemonia do sistema econômico capitalista que transformou a aparência corporal em objeto de consumo. Vigarello (2006) e Eco (2007b), por exemplo, falam da criação de uma “beleza de consumo” surgida após a década de 60. Lipovetsky (2006), por sua vez, considera a beleza como uma arma de sedução utilizada pela mídia e pela publicidade para mobilizar economicamente a sociedade da moda que “sacraliza o novo”.

Para Giddens (2002), o fenômeno da construção da beleza corporal é o reflexo de uma cultura do risco em que a derrocada das autoridades deslocou o culto ao corpo para o nível da segurança ontológica que significa uma sensação de

estabilidade e de integração do sujeito na sociedade. Como consequência a beleza passou a fazer parte dos projetos individuais de construção da identidade.

Le Breton (2007) também adota esta perspectiva associando a construção da beleza como forma reconhecimento de si, entretanto, ele aponta que a definição da auto-identidade não está mais fundada num dualismo entre corpo e alma e sim entre corpo e sujeito. Nesse sentido, a beleza corporal se tornou um empreendimento estético a ser administrado da melhor maneira possível para ratificar a presença de si numa moral biotecnológica.

Também se tem analisado o problema da exaltação da beleza física humana como um reflexo de uma cultura do narcisismo. Essa temática foi primeiramente abordada por Christopher Lasch no livro *A Cultura do Narcisismo* (1979) no qual o autor defende que os sujeitos contemporâneos são movidos por um desejo de aprovação e, paradoxalmente, por desejos anti-sociais e individualistas. Tendo se intensificado a partir da década de 60, a moral narcisista privilegiaria as sensações mais egoístas em detrimento da cooperação e da coletividade.

Maffesoli (1996), se debruçando sobre o mesmo objeto, chega a constatar que, na contemporaneidade, a estética se transformou em *ethos*, num modo de viver. Na atual circunstância estética, a “solidariedade social” forma uma “moral universal e aplicável em todos os lugares” que funciona através de atrações, repulsões, emoções e paixões associadas de forma complexa. Segundo a hipótese levantada pelo autor, a pele (o envoltório) obteve tanta importância quanto o maquinário interno do corpo e, por esse motivo, as imagens conquistaram o poder de forjar subjetividades.

No contexto da Educação Física, Bento et al. (1999), ao investigar a beleza sobre o prisma da “corporalidade e o do regresso do corpo”, associa a procura desmedida pela aparência como [...] resultado de novas orientações para o sentido da vida, ao lado da desmontagem de autoridades e referências tradicionais (p. 49). Nesse sentido, o corpo aparece como “um novo Deus”, enquanto as leis da saúde e do rendimento corporal sustentam uma onda de revalorização, de modelação e de reconfiguração estética da sociedade.

Adotando um ponto de vista histórico, Foucault (1999) compreende a valorização da aparência corporal na contemporaneidade como uma resposta do poder à revolta do corpo sexual, que teve início com as ofensivas de controle sobre os sujeitos ainda na Modernidade. O resultado desta querela está na utilização

econômica radical da beleza na qual o corpo é estimulado ou discriminado negativamente conforme sua aparência.

De acordo com as interpretações destes pensadores seria possível afirmar que a construção da aparência estética corporal tornou-se objeto de preocupação e espelho de uma sociedade contemporânea que é, ao mesmo tempo, uma sociedade do consumo, do espetáculo, da moda, do risco, da corporalidade, da estética, do narcisismo e da vigilância.

Esta multiplicidade de perspectivas esconde, contudo, a existência de uma lógica sócio-cultural centrada no sujeito construído historicamente, a qual Foucault (2006a) denomina de biopolítica. Esta biopolítica corresponde ao movimento estratégico de inserção do sujeito nos jogos da verdade, ou seja, à transformação do corpo humano em objeto de saber e objeto de poder, visando proteger e maximizar a vida.

Dessa forma, acreditamos que a contemporaneidade é marcada por um controle biopolítico da aparência corporal que se desempenha sobre duas formas: o desenvolvimento de tecnologias de poder que visam dominar a aparência corporal, e a construção de corpos belos enquanto estratégia de autogoverno e governo do outro, isto é, como uma tecnologia de si.

No sentido de entender a inserção da beleza nos jogos da verdade, isto é, sua transformação em objeto de saber e estratégia de dominação biopolítica, procuramos, nesta investigação, responder à seguinte questão: que operações biopolíticas fundamentam a construção de corpos belos como uma forma de poder na contemporaneidade?

Para analisar estas operações biopolíticas, conduzimos nossa investigação no sentido de identificar arqueologicamente os processos históricos de objetivação da beleza os quais permitiram, não apenas o desenvolvimento de saberes sobre a construção tecnológica de corpos belos, mas também o seu reconhecimento social enquanto estratégia biopolítica de dominação.

Por outro lado, procuramos discutir, à luz da teoria de Foucault, a experiência da construção estética do corpo como um poder que resulta, ao mesmo tempo, de um processo institucional de controle da aparência corporal, e do reconhecimento da beleza como uma forma de auto-governo e exercício de dominação do outro. A necessidade de produzir poder através da beleza encontra condições ideais na ordem cultural contemporânea que supervaloriza as sensações corporais e a

maximização da vida (VIRILIO, 1992; FOUCAULT, 1999; COSTA, 2004; ORTEGA, 2003; 2004).

Nesse sentido, entendemos que a busca pela produção de corpos belos na atualidade, não é apenas o resultado de um processo histórico de dominação institucional, mas sim uma estratégia assumida pelos sujeitos contemporâneos de produzir poder a partir da construção da sua aparência corporal. Esse poder é exercido a partir de investimento sobre a própria beleza e objetiva, sobretudo, dominar a conduta dos outros e reconstruir as relações de existência do sujeito através de uma auto-gestão do corpo.

Procuramos atingir estes objetivos através da análise enunciativa do discurso de mulheres praticantes de exercício físico em academias de ginástica, no sentido de revelar os jogos de verdade que permitem a inserção do corpo belo nos campos do poder e do saber na contemporaneidade. Pretendemos com isso enriquecer a investigação a partir do olhar feminino que nas culturas ocidentais está profundamente associado à construção estética da aparência.

A familiaridade com o campo empírico foi construída ao longo de 7 anos de prática profissional quando nós realizamos atividades de orientação personalizada e de prescrição de exercício para grupos especiais. Durante este tempo, foi possível transitar em várias realidades, vivenciar situações extremamente diferentes do ponto de vista pessoal e profissional, e interagir junto a pessoas de características sócio-culturais bastante distintas, mas que tinham, em relação ao exercício físico e à própria intervenção do professor, expectativas bastante semelhantes.

Foi no âmbito dessas expectativas reveladas na relação professor-aluno que à obsessão pela produção do corpo belo, principalmente nas mulheres, apareceu como uma dúvida desafiadora e inquietante. No nível empírico, a falsa impressão de que as academias de ginástica eram apenas um espaço destinado ao exercício e ao culto ao corpo foi cedendo lugar a uma visão capaz de perceber a existência de uma “riqueza escondida”, ou seja, o nosso olhar se tornou mais sensível a certos elementos que de tão materiais, que de tão práticos, passavam despercebidos, escondidos sorrateiramente num cotidiano frenético.

Nosso trabalho foi desenvolvido ao longo de quatro capítulos. No primeiro capítulo desenvolvemos um relato sobre a nossa trajetória metodológica desde a explicação da natureza da pesquisa, até a fase exploratória passando pela escolha dos sujeitos e construção do instrumento.

No segundo capítulo, nos ocupamos em discutir a construção do corpo belo como um biopoder. Objetivamos desvendar a partir do nosso referencial teórico o imperativo da construção do corpo belo como um reflexo das disciplinas aplicadas sobre o corpo no contexto das políticas de combate à fealdade. Aqui discutiremos o papel da Educação Física como área de saber instituída para correção e produção do corpo belo. Antes disso, partiremos da idéia de sujeito a ser corrigido que Foucault traz em sua fase genealógica.

No terceiro capítulo, realizamos uma incursão nas obras que Foucault desenvolveu sobre estética e ética para compreender o conceito de tecnologia de si e identificar os princípios que regem seu funcionamento.

No último capítulo, tentaremos cartografar o poder da beleza, hoje, a partir da análise dos discursos coletados em nossa pesquisa de campo. Dessa forma, procuramos contribuir para as discussões sobre o corpo na contemporaneidade abordando, sobretudo, a sua instalação dentro do regime de verdade, e a produção de uma subjetividade que associa a construção do próprio corpo às possibilidades de reconstruir a sua própria existência.

CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

1.1 Natureza da pesquisa

Este estudo de campo assume um caráter descritivo e exploratório na medida em que se volta à interpretação de um fenômeno partindo da exposição e descrição detalhada de suas características. Não tem a intenção de traçar um perfil populacional através de levantamento estatístico, nem tampouco de demonstrar unicamente evidências numéricas a partir da análise dos dados coletados. Objetiva tão somente analisar as relações de poder no âmbito da construção do corpo belo conforme a teoria de Foucault, por um caminho rigoroso, obedecendo aos critérios científicos de consistência, coerência, originalidade e objetivação.

Tais critérios, segundo Demo (1995), funcionam como regras internas que separam ciência da Ideologia e do senso comum, exigindo do discurso proferido uma estrutura lógica com enunciados não-contraditórios, argumentação atual com consistência teórica e criatividade na tentativa de desvendar os fenômenos em sua realidade.

Enquanto pesquisa predominantemente qualitativa, este estudo abraça o desafio de incorporar intencionalidades e significados aos atos e às relações sociais que vigoram em torno da construção do corpo - aqui compreendido como fenômeno sócio-cultural. Mais precisamente objetivamos discutir a construção do corpo belo que, inserido nos campos do poder e do saber, transita permanentemente entre os domínios da objetivação e da subjetivação numa espécie de *continuum* e não como uma oposição contraditória (FOUCAULT, 2006a).

Paralelamente intencionamos identificar as operações biopolíticas que permitiram a transformação da beleza em objeto de saber. Não obstante a delimitação qualitativa do estudo nós acreditamos que a sua natureza não deve ser entendida apenas como um reflexo da dicotomia quantitativa-qualitativa que paira sobre as produções científicas atuais (THOMAS; NELSON, 2002). Concordamos com o posicionamento de Minayo e Sanches (1993) segundo o qual não é possível afirmar uma superioridade entre as abordagens quantitativas e qualitativas, mas, sim uma relação de complementaridade.

[...] Do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra. De que adianta ao investigador utilizar instrumentos altamente sofisticados de mensuração quando estes não se adequam à compreensão de seus dados ou não respondem a perguntas fundamentais? Ou seja, uma pesquisa, por ser quantitativa, não se torna “objetiva” e “melhor”, ainda que prenda à manipulação sofisticada de instrumentos de análise, caso deforme ou desconheça aspectos importantes dos fenômenos ou processos sociais estudados. Da mesma forma, uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade (MINAYO; SANCHES, 1993 p. 247).

Assim, apesar da tônica qualitativa do estudo ressaltamos uma breve coexistência em relação à metodologia quantitativa. Essa aproximação certamente contribuiu para fortalecer o rigor metodológico do trabalho.

As orientações teórico-metodológicas desenvolvidas em torno do nosso problema de pesquisa foram desenvolvidas fundamentalmente sobre o pensamento de Foucault, filósofo que lançou as diretrizes para realização de uma “analítica do poder”.

De acordo com ele uma investigação deste tipo não deve postular apenas uma compreensão do termo “poder” como conjunto de instituições ou de violências que produzem objetivação e subjetivação. Deve-se, além disso, tentar compreender as linhas de ação e a multiplicidade de correlações de força em suas próprias esferas de organização e de exercício. Ao desenhar uma analítica do poder Foucault (2005b) delimita certas particularidades que devem ser consideradas:

- 1- Não se trata de analisar as formas regulamentadas de poder em seu centro, trata-se de apreender o poder em sua periferia, em suas extremidades. Tomar o poder onde ele se torna capilar, ou seja, nas instituições regionais, locais e, sobretudo, materiais e nos pontos de seu exercício;
- 2- Deve-se evitar a análise do poder no nível da intenção ou da decisão, mas sim estudá-lo em seu objeto, em seu campo de aplicação, ou seja, no campo em que são produzidos os seus efeitos reais. O que importa não é questionar os motivos que levam as pessoas a querer dominar, mas sim investigar o que acontece nos níveis dos processos que moldam e regem os comportamentos destas pessoas;
- 3- O poder não é algo que pode ser possuído. Ele se assemelha a uma força que transita pelos indivíduos e que não se aplica apenas como submissão, pois os indivíduos também estão em posição de exercê-lo;

- 4- Para realizar uma analítica do poder deve-se realizar uma investigação ascendente, isto é, investigar nos níveis mais baixos de atuação as técnicas e os procedimentos de poder de maneira a demonstrar estruturas autônomas de investimento global. Em outras palavras, é preciso aceitar que o poder não é algo que se estabelece de cima para baixo, mas que se movimenta em muitos sentidos;
- 5- Foucault ainda sugere que ao invés de orientar a pesquisa sobre o poder no campo jurídico da soberania devemos observá-lo no âmbito da dominação, dos operadores materiais e das formas de subjetivação que fazem funcionar dispositivos de saber.

Fundamentados nestas indicações metodológicas tentamos construir um percurso de estudo organizado em três fases (1- Seleção dos sujeitos, 2- realização de entrevistas utilizando a técnica da eliciação fotográfica, e 3- análise de enunciados).

Durante essa trajetória procuramos centralizar nosso olhar em Foucault por uma questão de coerência teórica. No entanto, em domínios particulares da nossa metodologia - por exemplo, na construção do instrumento - recorreremos a outros autores que poderiam preencher lacunas teóricas e práticas, contribuindo significativamente para solidificação do nosso edifício metodológico. Procuramos, nestes casos, estabelecer um diálogo de teorias evidenciando os aspectos que poderiam coexistir impedindo algum tipo de contradição.

A seguir, apresentamos detalhadamente as fases do estudo incluindo os critérios de inclusão e exclusão utilizados na seleção de sujeitos, a técnica de coleta de dados escolhida, detalhes sobre o instrumento utilizado, e sobre a técnica de análise de discurso.

1.2 Seleção dos sujeitos

A opção por realizar nossa coleta no contexto das academias de ginástica se deve principalmente a dois aspectos, a familiaridade do pesquisador com o *locus* de investigação, e à atual função privilegiada das academias de ginástica na construção do corpo belo a partir dos saberes e tecnologias da Educação Física. Para dar início à seleção dos sujeitos procedemos de acordo com as determinações do Comitê de Ética e Pesquisa no sentido de estabelecer um contato formal com as academias de

ginástica para posteriormente selecionar as participantes do estudo. Antes de nossa imersão em campo realizamos uma reflexão sobre a organização da nossa fase exploratória.

Decidimos realizar a pesquisa na cidade do Recife, restringindo-nos a um número de academias que garantisse ao mesmo tempo representatividade e uma heterogeneidade de sujeitos. Dentro desta perspectiva, solicitamos ao Conselho Regional de Educação Física (CREF) da 12^a região a lista das academias registradas em toda a Região Metropolitana para esquematizar uma distribuição das academias tomando por base a divisão proposta pela Prefeitura da cidade a qual distribui os seus noventa e quatro bairros em seis Regiões Político-Administrativas (RPAs).

A seleção das academias seguiu um critério de proporcionalidade, ou seja, selecionamos mais academias na RPA com maior concentração de estabelecimentos. Selecionamos, assim, duas academias na RPA 6 (com trinta academias), uma academia na RPA 1 (com sete academias), uma academia na RPA 3 (com dezoito academias), uma academia na RPA 4 (com vinte academias), e uma academia na RPA 5 (com quinze academias). A escolha das academias no universo de cada RPA ocorreu de forma aleatória e para garantir um universo heterogêneo adotamos a estrutura física da academia e o valor da mensalidade como critérios de inclusão. Esta opção pareceu-nos vantajosa, pois, permitiria atingir sujeitos de diferentes posições sócio-culturais e conseqüentemente diferentes expectativas em relação ao corpo. Concluímos esta etapa com a seleção de seis academias as quais foram formalmente contatadas pelo pesquisador de forma a dar sequência à fase exploratória.

Uma vez recebida a permissão formalizada para desenvolver as entrevistas, passamos à fase de seleção dos sujeitos. Estabelecemos um grupo de trinta mulheres segundo os seguintes critérios de inclusão: ser fisicamente ativa, realizar exercício físico em academia numa frequência semanal de no mínimo três vezes por semana, independente das modalidades de exercício, e ter pelo menos um ano de treinamento sem interrupção. Estas condições denotam aderência, assiduidade e comprometimento com o cuidado corporal.

Como critérios de exclusão nós consideramos: frequência semanal inferior a três vezes por semana, e o acompanhamento sistemático de um professor, visto que alguns indivíduos frequentam as academias apenas como prática social e não como

atividade sistematizada. Em cada academia, foram escolhidas alunas dos diferentes turnos (manhã, tarde e noite). A escolha das mulheres se justifica pelos objetivos do próprio estudo.

O número de sujeitos da pesquisa foi determinado de acordo com as indicações de Gaskell (2008) sobre a delimitação do grupo pesquisado levando em consideração as peculiaridades da pesquisa qualitativa que usa a entrevista de aplicação individual como técnica de coleta de dados. Segundo o autor, num estudo qualitativo nem sempre a quantidade de entrevistados é relevante para enriquecer o trabalho basicamente por duas razões.

A primeira delas é que há um número limitado de versões da realidade, pois, as representações de um grupo social são o produto de um compartilhamento, de uma experiência em comum que pode tornar o discurso repetitivo. A segunda razão é metodológica e está ligada à grande quantidade de informações a serem analisadas quando da utilização que um maior número de sujeitos.

O risco principal está no fato de abordar os dados coletados horizontalmente e não verticalmente. Atentamos, nesta situação, para o fato de que o pesquisador deve ter a cautela de maneira a selecionar sujeitos que respondam aos objetivos do estudo, que possibilitem uma reincidência de discursos, e que – no nosso caso - sejam suficientemente diferentes entre si a ponto de possibilitar a aquisição de enunciados dentro de uma certa regularidade e dispersão (MINAYO, 2004; FOUCAULT, 2008a).

1.3 A técnica da eliciação fotográfica

Para coletar os discursos pensamos inicialmente em utilizar um roteiro de entrevista com questões abertas e de aplicação individual construído a partir do nosso problema de estudo. No universo da pesquisa qualitativa, a entrevista é reconhecida como uma técnica versátil, possível de ser aplicada nos mais diferentes campos empíricos favorecendo aproximações, e aprofundamentos em relação aos objetos investigados. Existem na literatura especializada diferentes tipos de entrevista que variam conforme o enfoque temático, as suas formas de aplicação e a sua estrutura (FLICK, 2008; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008).

Do ponto de vista metodológico as entrevistas podem ser utilizadas em associação com outras técnicas de coleta, como a observação participante, por

exemplo, ou podem ser aplicadas isoladamente. Seu uso associado se justifica como uma forma de potencializar a apreensão dos dados da realidade com uma maior solidez metodológica (GASKELL, 2008). A utilização da entrevista isoladamente, por sua vez, não põe em risco a sua validade científica contanto que se procure responder aos objetivos da pesquisa, que se obedecem às etapas de preparação e planejamento da coleta, e desde que o instrumento seja aplicado de forma rigorosa (THOMAS; NELSON, 2002; MINAYO, 2004). Optamos neste estudo por utilizar roteiro de entrevista isoladamente devido a limitações de tempo, de espaço e de recursos.

A primeira versão do nosso instrumento era composta por um grupo inicial de perguntas voltadas ao levantamento de dados pessoais das participantes (idade, escolaridade, profissão, situação socioeconômica), e por um conjunto de questões diretas, formando dois eixos temáticos distintos (corpo belo e produção do corpo belo). Através destes eixos procuraríamos explorar os significados da beleza para cada participante, considerando elementos como a forma física e o exercício no contexto das relações de poder. Pareceu-nos, contudo, que o roteiro de entrevista, conforme fora concebido, seria insuficiente para responder aos objetivos e à questão de estudo principalmente porque numa entrevista de perguntas diretas a troca de informações entre pesquisador e entrevistado pode sofrer interferência das diferenças sócio-culturais entre os atores envolvidos (MINAYO, 2004).

Outro aspecto é que o formato textual de entrevista encontra no próprio pesquisador um fator de dificuldade, pois, o resgate de acontecimentos importantes da vida dos entrevistados através de perguntas diretas depende muito da abordagem e da habilidade de construir roteiro preciso de questões (BOURDIEU, 1999). Nesse sentido, as imagens poderiam evitar o uso de uma linguagem muito técnica, estranha ao participante e que poderia dificultar o resgate de experiências vividas sobre o tema investigado.

A partir desta constatação, realizamos uma incursão na literatura para identificar a técnica de coleta de dados mais adequada aos objetivos do nosso estudo. Dentre as diversas técnicas de coleta identificamos que as entrevistas com uso de imagens apresentam características condizentes com nossas expectativas. Entretanto, a variedade destas técnicas exigiu-nos ainda uma seleção sobre o tipo

de procedimento. Decidimos finalmente¹ pelo uso da eliciação fotográfica¹ (*photo elicitation*) como a opção mais viável, pois, nossa limitação estava em estimular a fala das entrevistadas da forma mais livre possível.

Surgida no âmbito da Antropologia e da Sociologia Visual, a eliciação fotográfica foi inicialmente utilizada para coletar informações sobre os modos de vida ou para resgatar memórias de uma dada população. Atualmente ela tem sido utilizada por várias disciplinas para investigar modos de vida e para revelar percepções e representações sobre um determinado fenômeno em diferentes grupos sociais (EPSTEIN et al, 2006). No caso da Educação Física, o uso desta técnica pode ser verificado nos estudos de Curry (1986) e Snyder e Kane (1990). No primeiro estudo o autor comparou a eficiência da eliciação frente a outros métodos de coleta num estudo sobre os significados da violência e da dor em determinadas situações da competição esportiva. No segundo texto, os autores utilizaram a eliciação para investigar as diferentes percepções sobre a participação das mulheres na ginástica e no basquetebol.

A eliciação fotográfica² consiste no uso de imagens como forma de extrair o discurso com um menor risco de indução por parte do pesquisador. O seu princípio de funcionamento tem uma base fisiológica. Segundo Harper (2002) as regiões cerebrais que processam as informações visuais são evolutivamente mais antigas do que as partes que processam as informações verbais e por esse motivo, o processamento de palavras parece ser mais difícil do que o processamento de imagens. Sendo assim em relação às palavras, as imagens conseguiriam invocar elementos mais profundos da consciência humana.

Sobre a aplicação da técnica Clark-Ibáñez (2004) considera a existência de duas fases complementares, que são a fase de produção de imagens, e a fase de entrevista também compreendida como analítica. É possível identificar duas formas válidas de produzir as imagens na eliciação fotográfica: na primeira delas o

¹ Na literatura científica internacional encontramos o termo *photo elicitation*. Não encontramos artigos em português que utilizam a tradução literal do termo. A compreensão que mais se aproxima é a de “técnica projetiva”, contudo existem diferenças entre as duas técnicas fato que corroborou para que utilizássemos a denominação “eliciação fotográfica”. O termo eliciação por sua vez é bastante utilizado na língua portuguesa e diz respeito à [...] extração de dados de qualquer tipo, falando com as pessoas, observando as pessoas ou coletando registros materiais (BAUER; GASKELL, 2008 p. 497).

² Para Jenkins et al (2008) o que diferencia a eliciação fotográfica das formas não-científicas de utilização de imagens - como a mídia, por exemplo - é o rigor metodológico e sua intenção de produzir teoria a partir dos dados coletados.

entrevistador é responsável por fotografar, organizar e selecionar as imagens para posteriormente mostrá-las ao entrevistado. O pesquisador deve ter atenção para utilização de imagens que capturem aspectos da vida dos entrevistados, ou seja, que reproduzam situações familiares, de seu cotidiano.

É preciso também estabelecer uma relação entre as imagens, o roteiro de entrevistas, o tema da entrevista, o problema e as hipóteses do estudo. Corre-se o risco nesse caso de se utilizar imagens que não incitam discurso e por esse motivo quase sempre é necessário realizar um estudo piloto (HARPER, 2002).

Na segunda possibilidade, utilizada em estudos etnográficos, o entrevistado deve capturar ou selecionar as imagens que em sua opinião apontam para o tema que deve ser debatido. Nesse caso, são utilizadas fotografias que devem reproduzir certos aspectos da subjetividade, geralmente os mais marcantes, para que o participante num momento posterior explique os seus significados.

Em boa parte dos estudos que recorrem à eliciação fotográfica são os voluntários que registram as imagens utilizadas posteriormente nas entrevistas. No nosso caso, fizemos a opção pela primeira forma de produção das imagens devido às características do público abordado, às dificuldades de realizar um estudo mais prolongado nas academias (tendo em vista a rotatividade de sujeitos), devido ao tempo disponível, à limitada disponibilidade de entrevistados, e finalmente pelas dificuldades de controle e manuseio de recursos materiais.

Após decidir pelo uso de um roteiro de entrevistas com imagens, passamos à fase de construção do instrumento levando em consideração nossos objetivos e nosso referencial teórico.

O primeiro passo foi construir um instrumento selecionando as imagens que mais se aproximassem dos nossos objetivos. A dúvida que se colocou neste momento foi precisamente esta: Que tipos de elementos devem estar presentes numa imagem para compor uma determinada idéia de relação de poder? Para responder a essa pergunta remetemos ao entendimento foucaultiano de poder enquanto relação e força circulante que habita e se transforma na esfera da materialidade.

Com isso ficou clara a idéia de que o poder está no domínio do cotidiano e que para abordá-lo seria necessário construir imagens, cenários que apontassem para a tensão de forças que perpassam o corpo no dia-a-dia, e que, no nosso caso, estivessem associados à beleza. Dentro desta perspectiva debruçamo-nos sobre a

nossa hipótese – segundo a qual a construção do corpo belo constitui-se como uma forma de poder na contemporaneidade que proporciona, através do controle do corpo, estados de autoconhecimento, bem-estar e domínio de si - para ver claramente que aspectos do poder deveriam ser ressaltados nas imagens.

Sentimos a necessidade de construir figuras que apontassem para o controle disciplinar e para os dispositivos de exclusão e normalização. Segundo Foucault (2004), disciplina, exclusão e normalização devem ser entendidas como técnicas minuciosas de controle corporal que se ajustam constantemente impondo um efeito de docilidade-utilidade cujo ápice é a formação de sujeitos obedientes quanto mais estes se enredam nas teias da produção econômica.

Transportando este conceito de poder disciplinar para o contexto do nosso estudo é possível considerar que a “vontade de ser belo” ou de se “ter um corpo belo” não partiria apenas do sujeito, mas, resultaria de forças externas a ele, que se fazem presentes na realidade do corpo num sistema institucional coercitivo. Assim, buscamos selecionar um primeiro conjunto de imagens que trouxessem as idéias de normalização e de exclusão associadas ao padrão de corpo atualmente considerado como belo.

Percebemos também a necessidade de usar imagens que associassem a construção do corpo belo à idéia de bem-estar e de liberdade de acordo com o conceito foucaultiano de tecnologia de si.

Sobre o conceito de tecnologias de si consideramos que no processo de construção do corpo belo há uma dimensão do cuidado de si associada à manutenção ou transformação da identidade em função de determinados fins e [...] isso graças a relações de domínio de si sobre si, ou de conhecimento de si sobre si (FOUCAULT, 1997 p.109).

Essas tecnologias associadas às estratégias concretas de produção dos jogos de verdade funcionam tanto como efeito de poder como forma de conduzir os sujeitos a um tipo de autoconhecimento profundo, reproduzindo esquemas de ação referentes a uma *askesis* ou conjunto de atitudes voltadas à aquisição de um equipamento necessário para “fazer face ao futuro e afrontar o real”. As tecnologias de si referem-se também às maneiras mais ou menos definidas na história segundo as quais é possível governar as condutas do outro (FOUCAULT, 2006c).

Pensamos, portanto, em construir um segundo grupo de imagens que apontassem para a produção do corpo belo enquanto prática de governo e domínio de si.

Simultaneamente ao processo acima descrito realizamos uma pesquisa de imagens na rede mundial de computadores a partir de termos específicos escolhidos em nosso referencial teórico como regime, dieta, exercício físico, academias de ginástica, dieta, beleza, magreza, feiúra. De todas as imagens encontradas procuramos escolher apenas aquelas em que o corpo belo ocupasse um lugar de encontro entre tecnologias de dominação e as tecnologias de si, ou seja, imagens que no nosso entender possibilitassem uma interpretação livre sobre os dois percursos do poder identificados.

Na perspectiva de contextualizar nossa investigação à realidade das entrevistadas, procuramos reproduzir situações que remetem à esfera familiar, das relações consigo mesmo, e no âmbito extra-familiar, procurando contemplar os elementos teóricos corpo, poder, e beleza. Dentre os ambientes construídos ressaltamos as academias de ginástica e a praia.

O ambiente da praia nos pareceu uma possibilidade de discutir as relações de poder associadas à beleza, à aparência e à forma do corpo que se expõe publicamente num momento de lazer muito peculiar do imaginário brasileiro. Para Farias (2002) a prática de “ir à praia” está ligada ao lazer, a auto-satisfação e à excitação provocada pela imagem

[...] O que, por sua vez, indica um aspecto essencial ao charme da praia: é o *locus* por excelência de exibição corporal. O corpo seminu de seres humanos de ambos os sexos no mesmo local, sendo estes em sua maioria inteiramente estranhos uns aos outros, configura um situação *sui generis* (p. 264).

As academias de ginástica por sua vez se destacam pela especificidade de seus objetivos e por representar espaços formais de educação e culto ao corpo como uma grande significação no imaginário estético-moral da contemporaneidade (MALYSSE, 2002). Optamos também por reproduzir situações em que se estabelecem relações do tipo marido-esposa, homem-mulher, mulher-mulher, e figuras em que se destacam elementos da construção do corpo belo.

Finalmente chegamos a um instrumento composto por dezesseis cenários distribuídos em três blocos (vide apêndice A) sendo o primeiro caracterizado por

questões de caráter sócio-econômico e sobre a história de vida das entrevistadas, o segundo bloco com o objetivo de investigar as relações de dominação que permeiam a construção do corpo belo, e o terceiro visando de investigar a construção do corpo belo como uma tecnologia de si.

Concomitante a este processo, nós percebemos a necessidade de desenvolver um tópico guia para orientar a discussão e auxiliar na eliciação do discurso nos casos em que as imagens pouco significativas (vide apêndice A).

A idéia de tópico guia é defendida por Gaskell (2008) como uma forma de convidar o entrevistado a falar livremente sobre suas experiências, revelando calmamente suas interpretações. O tópico guia no sentido em que estamos tratando aqui, ou seja, no contexto da eliciação fotográfica, pode ser considerado como um conjunto de questões norteadoras sobre o problema investigado sem rigidez na seqüência das respostas.

Na fase de entrevista propriamente dita o tópico guia mostrou-se importante para incitar o discurso, para confirmar a opinião dos entrevistados sobre certos temas, e para esclarecer dúvidas do pesquisador evitando uma má compreensão de gírias, conceitos e termos de uso particular que na etapa de análise pudessem alterar o sentido de alguma proposição ou frase. Entendemos também que o uso de um tópico guia foi útil para contextualizar as falas obtidas na esfera do real. De acordo com Santaella e Nöth (2008) os diferentes níveis das imagens (pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico) têm uma relação com as esferas do simbólico, do real e do imaginário. Como utilizamos imagens dentro destes 3 níveis acreditamos que o discurso serviria para trazer os discursos predominantemente para a esfera do real, do cotidiano, evitando fugas do nosso tema e incoerências em relação a idéia de discurso defendida por Foucault (2008).

Antes da etapa exploratória, o projeto deste trabalho foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco - UPE e aprovado obtendo registros de número 213/08 (CEP/UPE) e 0191.0.097.000-08 (CAEE). Todos os procedimentos adotados seguiram as recomendações éticas propostas segundo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e o Conselho Nacional de Pesquisa. A pesquisa por seu caráter metodológico não representou risco ou possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual das entrevistadas, bem como nenhuma possibilidade de agravo imediato ou tardio, ao indivíduo ou à coletividade.

As entrevistadas tiveram liberdade de desistir a qualquer momento. Toda e qualquer intervenção junto a elas foi precedida da explicação completa e pormenorizada sobre os objetivos do estudo e seus benefícios previstos. Os sujeitos da pesquisa leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da realização das entrevistas e de emitir opiniões sobre as imagens projetadas. No processo de aquisição das cartas de anuência, os documentos de apresentação do pesquisador e um breve resumo do estudo foram concedidos para que o representante legal do estabelecimento tivesse conhecimento das reais intenções da investigação.

Em cada academia, o contato inicial ocorreu diretamente com o coordenador. Neste momento nos identificamos formalmente e realizamos uma explicação sobre os objetivos de estudo. Uma vez concedida a permissão para realizar as entrevistas, procuramos dialogar junto à coordenação sobre a melhor forma de se aproximar das possíveis candidatas.

Com o consentimento dos coordenadores solicitamos o auxílio de professores e estagiários no sentido de intermediar o contato com as alunas que possivelmente responderiam melhor aos objetivos da pesquisa. Em paralelo procuramos reforçar junto aos professores a necessidade de convidar somente as pessoas conforme os nossos critérios de inclusão. A comunicação sobre a realização da pesquisa junto ao público foi facilitada pelos professores e realizada pelo próprio pesquisador que convocou as alunas nos intervalos e ao término das aulas de ginástica. No contexto da sala de musculação, os contatos foram viabilizados pelos professores ou por indicação das próprias alunas entrevistadas.

Todos os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade das entrevistadas. Optamos por realizar as entrevistas em lugares silenciosos e tranquilos para evitar qualquer tipo de distração ou dificuldades na gravação da fala. No primeiro momento da entrevista pedimos permissão para gravar a conversa e explicamos os objetivos da pesquisa. Colocamo-nos também à disposição das entrevistadas para esclarecimento de qualquer natureza.

Iniciamos as entrevistas fazendo perguntas de caráter sócio-econômico e após isso começamos a dinâmica com as imagens informando sobre a importância das suas interpretações e sobre a inexistência de respostas certas e erradas. Pedimos que as entrevistadas se sentissem a vontade para responder ou não a eventuais perguntas conforme a sua vontade. No decorrer da entrevista solicitamos às

entrevistadas para falar sobre os significados implícitos nas imagens e orientamos sobre a possibilidade de retornar a elementos anteriores do discurso se desejassem ou achassem necessário para auxiliar no raciocínio. Consideramos que essa decisão nos possibilitaria explorar mais amplamente a fala das entrevistadas centrando-nos apenas naquilo que foi dito, uma vez que, de acordo com o nosso referencial teórico, importa averiguar precisamente as coisas ditas sem levar em conta os efeitos de desdobramento e redobramento do discurso comumente associados à [...] presença secreta do não-dito, das significações ocultas, das repressões (FOUCAULT, 2008a p. 125).

Todas as entrevistadas foram orientadas a revelar suas impressões sobre as imagens até que o discurso se esgotasse. A transição entre os cenários aconteceu a partir das próprias entrevistadas no momento em que elas se sentissem a vontade. Procuramos interagir sempre as entrevistadas apresentavam algum bloqueio ou incerteza sobre os temas tratados.

No final da entrevista, utilizamos uma técnica projetiva para identificar os níveis de satisfação com o próprio corpo e a idéia de corpo belo de cada entrevistada. Ao término, agradecemos a participação, ouvimos as sugestões e impressões do processo, e esclarecemos as questões que surgiram.

1.4 Analisando os enunciados

Para este trabalho recorreremos à análise de discurso como técnica de tratamento dos discursos coletados. No campo das pesquisas qualitativas a análise de discurso é reconhecida como uma variação da análise de conteúdo³ tendo surgido em meados da década de 60 num contexto epistemológico estruturalista - remanescente das mutações das disciplinas científicas do final do século XIX - que sustentava entre outras coisas a promessa de explicar a interdependência dos elementos constitutivos dos seus objetos de estudo (GREGOLIN, 2006).

O surgimento da análise de discurso repercutiu intensamente nas Ciências Sociais e na Lingüística, sobretudo na França, local de seu aparecimento, promovendo ao longo dos anos a consolidação de uma tradição, de uma escola de autores franceses preocupados com a construção de um aparato teórico sólido e

³ A análise de conteúdo tem sido apontada como uma excelente estratégia para interpretação das mensagens pronunciadas ou publicadas favorecendo o alcance das dimensões ocultas, latentes, não-ditas que flutuam entre os pólos da subjetividade e da objetividade (BARDIN, 2008).

independente da análise de conteúdo tradicional. Inicialmente os estudos franceses defendiam o discurso enquanto um objeto sócio-histórico, fortemente associado à política e à teoria Marxista. O expoente considerado fundador da análise de discurso francesa é Michel Pêcheux que desenvolveu sua proposta a partir da articulação de três regiões de conhecimento (Materialismo histórico, Lingüística e Teoria do discurso) que são atravessadas por uma Teoria da subjetividade de enfoque psicanalista (MALDIDIER, 1997; MINAYO, 2004). Outros modelos de análise mais afastados da abordagem marxista surgiram nos anos 60, 70 e 80 adotando novas referenciais teóricos como o caso da análise estrutural do discurso de Greimas, e análise semântica de Kristeva (BARDIN, 2008).

A aceitação da análise de discurso na pesquisa qualitativa pode ser constatada a partir do surgimento de uma grande variedade de abordagens técnicas surgidas nos últimos anos. Gill (2008) identifica que atualmente é possível verificar a existência de aproximadamente cinquenta e sete variações da análise de discurso. Para esta autora o desenvolvimento da análise de discurso está associado a uma virada lingüística impulsionada pelas críticas ao positivismo realizadas pelas teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. Ferreira (2006) por outro lado aponta que o motivo da variedade de paradigmas de análise de discurso está no fato de que não existe uma forma pré-estabelecida, pré-fabricada da técnica devendo o analista construir sua estratégia numa relação de parceria indissociável com a teoria em que ele está fundamentado.

Para analisar os dados coletados optamos por realizar uma análise de discurso fundada no modelo teórico erigido por Foucault (2008a) que está voltado à investigação das regularidades históricas no domínio do saber e à análise do poder.

No transcorrer de seus estudos sobre o desenvolvimento das ciências humanas, Foucault conseguiu identificar certas rupturas nas ordens do pensar situadas exatamente nos pontos de transição entre os períodos Clássico, Renascentista e o Moderno. Suas investigações foram viabilizadas graças a um trabalho longo, profundo e meticuloso que objetivou identificar, descrever e analisar as formações discursivas realizadas sobre um fenômeno num certo espaço de tempo.

Foucault procurou traçar uma abordagem metodológica que permitisse a identificação de novos tipos de racionalidade e de seus efeitos múltiplos. Ele não sistematizou uma técnica de análise seguindo os moldes dos analistas e lingüistas

que o precederam, mas, lançou as bases para uma análise que vislumbra o discurso enquanto uma construção histórica, objeto de desejo, de poder e de interdição. Centralizando-se nas regras de diferenciação e de regularidade das formações discursivas, Foucault considerou como foco de sua teoria o conceito de enunciado que foi compreendido como uma função de existência.

No tópico seguinte apresentamos as etapas da análise de discurso pautada na teoria de Foucault a qual nesta investigação será utilizada para investigar relações de poder, suas regularidades e dispersões dentro dos próprios depoimentos.

Neste estudo realizamos uma análise de discurso segundo a teoria de Foucault que teve grande importância para a identificação de regularidades epistemológicas nos discursos obtidos no trabalho de campo. Isso nos possibilitou perceber que relações de poder estão associadas à construção da beleza nos dias de hoje, e como estas relações de poder se reproduzem nas falas e nos investimentos corporais postos em prática por nossas entrevistadas.

Em muitos sentidos Foucault relata que a análise de discurso segundo seus pressupostos é na verdade uma análise da função enunciativa a qual

[...] não pretende ser uma descrição total, exaustiva da “linguagem” ou de “o que foi dito”. Em toda densidade resultante das *performances* verbais, ela se situa num nível particular que deve ser separado dos outros, caracterizado em relação a eles e abstraído. Ela não toma o lugar de uma análise lógica das proposições, de uma análise gramatical das frases, de uma análise psicológica ou contextual das formulações: constitui uma outra maneira de abordar as *performances* verbais de dissociar sua complexidade, de isolar os termos que aí se entrecruzam e de demarcar as diversas regularidades a que obedecem. Pondo em jogo o enunciado frente à frase ou à proposição, não se tenta reencontrar uma totalidade perdida, nem ressuscitar, conforme convidam muitas nostalgias que não querem se calar, a plenitude da expressão viva, a riqueza do verbo, a unidade profunda do *logos*. (FOUCAULT, 2008a p. 123).

Para compreender melhor estes aspectos do olhar foucaultiano é preciso se apropriar do entendimento de discurso apresentado pelo autor nas obras *Ordem do Discurso* e *Arqueologia do Saber*.

No texto *A Ordem do Discurso* Foucault (1996) apresenta o conceito de discurso como objeto de desejo que está vinculado às normas de uma vontade de verdade, ou seja, às leis de interdição que definem quais conhecimentos são verdadeiros ou não numa certa organização social. Segundo a hipótese de Foucault o discurso representa não apenas aquilo pelo que se luta, mas também aquilo com

que se luta e por essa razão ele é necessariamente regulado por mecanismos de exterioridade e interioridade voltados ao refreamento de seus efeitos materiais.

O mecanismo de exterioridade é ativado a partir do funcionamento da palavra interdita, da partilha da loucura e da vontade de verdade, todos vinculados a relações de rejeição e aos tabus do sujeito, do objeto e do ritual os quais simplesmente não permitem que se fale de qualquer assunto em qualquer circunstância.

O mecanismo de interioridade diz respeito aos próprios efeitos de classificação, de ordenamento e de dominação exercidos pelo discurso nos campos do acontecimento, do acaso e do ritual. Aqui Foucault aponta para a possibilidade de analisar discursos para o estudo de sistemas de interdição da linguagem ou investigação sobre a formação de séries discursivas.

A contribuição mais marcante do debate levantado nesta obra é a visão de discurso como uma construção histórica que pode carregar as características do momento em que ele é formulado, isto é, o discurso obedece a um princípio de inversão o qual é capaz de revelar a materialidade das relações de poder específicas do período em que o discurso fora elaborado.

Na obra *Arqueologia do Saber*, Foucault (2008a) realiza uma abordagem mais metodológica do discurso demonstrando de que forma ele conduziu seu estudos sobre o nascimento das ciências humanas e o nascimento da clínica. Neste momento, Foucault conceitua discurso não apenas como uma tradução exterior de significados, mas como o lugar de emergência dos conceitos. Seu ponto de vista metodológico se difere claramente das perspectivas lingüísticas culturais e funcionalistas de análise, principalmente porque Foucault assume uma posição positiva em relação ao discurso.

Segundo a perspectiva foucaultiana, [...] nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há [somente] enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento (FISHER, 2001p. 198). O mesmo pode se afirmar do sujeito do discurso que funciona como um lugar a ser ocupado e nada tem de transcendental. É preciso lembrar que Foucault arquiteta seu método de maneira a investigar as regularidades e dispersões dos arquivos discursivos os quais permitiriam indicar as respectivas epistemes, ou ordens de saber de onde elas se originam. Em busca de uma regularidade histórica que insira o conhecimento produzido numa mesma ordem do discurso, Foucault sistematiza o conceito de

função enunciativa para tentar identificar e descrever as funções de existência e as leis de regularidade do discurso agrupando assim o que é dito em sistemas de pensamento típicos de uma vontade de verdade.

Dos muitos conceitos que Foucault apresenta sem dúvidas o conceito de enunciado tem destaque na sua teoria. Para ele o enunciado é uma função de existência, uma “unidade” que revela o funcionamento de discursos no nível de sua existência e que possibilita a descrição e identificação de discursos os quais se apóiam num mesmo sistema de formação.

[...] O enunciado longe de ser um princípio de individualização dos conjuntos significantes (o átomo significativo, o mínimo a partir do qual existe sentido), é o que situa essas unidades significativas em um espaço em que elas se multiplicam e se acumulam (FOUCAULT, 2008a, p. 112).

Realizamos uma análise de discurso de acordo com a teoria do discurso e de poder de Foucault. Pensamos nesta possibilidade como uma maneira precisa de investigar nossa problemática conforme os pressupostos defendidos pelo autor. Essa decisão certamente nos limita à dimensão positiva da materialidade e do enunciado e, por esse motivo, esquematizamos a análise da seguinte forma: fase de transcrição das entrevistas, seguida das fases de leitura, de codificação ou identificação de enunciados e seleção de Operadores de Dominação. Posteriormente, realizamos a identificação de Regularidades a partir dos enunciados identificados e, finalmente, construímos os temas para discussão.

A primeira fase da análise foi a de transcrição detalhada das entrevistas em que ocorreu o registro dos discursos evitando as supressões da fala e de qualquer outro elemento que dificultasse a compreensão das informações. Buscamos reproduzir fidedignamente cada trecho, apesar de alguns sons que não foram captados com clareza. A transcrição de 1 hora de discurso durou em média cerca de 6 horas. Após a transcrição, realizamos uma conferência das gravações para enriquecer o registro sempre que possível.

A segunda fase consistiu na leitura exaustiva do registro acompanhada da gravação como forma de perceber os elementos que melhor atendiam aos interesses do estudo. Já nesta fase utilizamos uma regra de recorte segundo a qual procuramos isolar trechos em que houve menção dos temas relações de poder, mulher, corpo belo.

Em seguida, passamos à fase de codificação que nós entendemos como fase de identificação de enunciados. Neste momento, os possíveis trechos identificados na fase anterior foram analisados para nos certificarmos de que eles exerciam uma função de enunciado dentro do discurso. Existem certas dificuldades em identificar enunciados. Um enunciado, ainda que passível de repetição, nem sempre pode ser considerado o mesmo apenas por assumir uma estrutura gramatical idêntica. A certeza de que ele informa exatamente a mesma coisa sobre certos elementos da realidade, garantindo simultaneamente sua identidade não resiste a qualquer diferença de conotação ou de sentido, apenas quer dizer que o enunciado além de não poder ser definido somente pela a estrutura ilocutória e pelas palavras ditas, também padece de uma raridade.

Essa raridade por sua vez também não indica uma extinção ou uma impossibilidade de criação de novas formações enunciativas, mas simplesmente a existência de uma rede complexa de elementos que precisam ser reproduzidos para que um dado enunciado seja repetido fidedignamente. Para identificar os enunciados, portanto, desenvolvemos uma grelha de análise na qual identificamos os 4 elementos que constituem um enunciado segundo Foucault (2008a) (Referencial, Sujeito, Campo associado, Materialidade). Esse processo foi realizado analisando cada enunciado emitido em cada uma das figuras do instrumento.

Logo após a comprovação destes trechos como enunciados, passamos à fase de identificação dos operadores de dominação. Entendemos operadores de dominação como os elementos do discurso que indicam as relações de poder e de dominação segundo Foucault (2005). Eles devem expressar significados e juízos de valor sobre os temas construção do corpo, beleza e mulher e sobre as práticas realizadas efetivamente sobre o corpo.

Posteriormente, estes operadores foram agrupados com o objetivo de identificar os elementos que mais se repetiram e aqueles que se dispersaram. Procuramos identificar nestes elementos as relações de poder e suas formas de funcionamento para nortear nossa discussão sobre o dispositivo da aparência na atualidade. Estas relações de poder, entretanto, são o resultado da inserção da beleza nos jogos da verdade, processo histórico ainda em curso atualmente, mas que fora iniciado no momento em que as racionalidades científica e governamental se ocuparam de dominar a dimensão biológica dos sujeitos. Nesse sentido, no

próximo capítulo nos ocupamos em discutir a produção da beleza enquanto construção histórica associada ao uso político do corpo humano.

CAPÍTULO 2

A PRODUÇÃO BIOPOLÍTICA DE CORPOS BELOS

2.1 A sociedade disciplinar e o nascimento do sujeito

Neste capítulo, temos o objetivo de identificar arqueologicamente os princípios biopolíticos que transformaram a construção do corpo belo como objeto de saber e que possibilitaram o seu reconhecimento como estratégia de poder. No primeiro momento, discutimos o advento da sociedade disciplinar e o nascimento do sujeito de acordo com a teoria foucaultiana, para depois abordar a construção da beleza como um poder inaugurado a partir da eugenia moderna. No terceiro momento, discutimos a Educação Física funcionando como uma cura da fealdade⁴.

Iniciamos com um retorno histórico buscando identificar os motivos e as condições biopolíticas que permitiram o desenvolvimento de um regime disciplinar voltado ao controle e à correção do sujeito. Retrocedamos até os séculos XVII e XVIII quando, de acordo com Foucault (2008b), a figura do sujeito nasceu. Logicamente o nascimento do sujeito não se refere ao fenômeno biológico, mas sim à sua introdução na dimensão do saber, fato que promoveu repercussões imediatas no nível científico e político implicando na criação de uma Razão de Estado institucionalizada. Pode-se compreender essa Razão de Estado como o conjunto de tecnologias de governo implantadas gradativamente e racionalmente nos países da Europa no momento de transição do sistema político feudal para a economia liberal.

Como demonstra Foucault (2004a; 2008b), a Razão de Estado se baseou na utilização econômica do sujeito, ou seja, foi erigida à custa da força produtiva dos indivíduos a partir de estratégias políticas que concretizaram um regime social disciplinar fundado numa visão de sujeito naturalmente desmedido. As práticas de governo que se instalaram neste modelo disciplinar tiveram como principal finalidade a correção do sujeito visando o aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. É possível perceber como a figura do sujeito, que é, sobretudo, objeto de

⁴ O termo fealdade foi utilizado pelo eugenista Renato Kehl que considerava a feiúra do povo brasileiro como um sinal grave de degenerescência. No sentido em que o autor usa o termo fealdade pode-se entender que combatendo a feiúra de um povo, ou seja, embelezando-o poder-se-ia alcançar um melhoramento da raça (FLORES, 2007).

domínio econômico, nasce já sob o estigma da correção, da utilidade e da obediência.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar a sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil, inversamente (FOUCAULT, 2006a p.119).

Dissecando o poder disciplinar no período moderno, Foucault (2004a) identifica que as intervenções sobre este “sujeito a ser corrigido” instalam-se no nível do corpo podendo ser entendidas sob dois registros históricos, o anátomo-metafísico e o técnico-político, os quais são operacionalizados por meios de instituições e dispositivos de distribuição, controle das atividades, e de composição das forças. Esses dispositivos dizem respeito a elementos tecnológicos de caráter estratégico entre os quais podemos citar o princípio da clausura, o princípio do espaço analítico, as regras das localizações funcionais e o princípio da intercambiação dos elementos disciplinares, que de forma integrada, se constituíram enquanto [...] Tática, ordenamento espacial dos homens; taxionomia, espaço disciplinar dos seres naturais; quadro econômico, movimento regulamentado das riquezas (*Ibidem* p. 127), formando uma verdadeira arte das distribuições. A resultante do esquadramento inicial do corpo em sua forma natural através de práticas de disciplinamento mais simples teve como resultado o que Foucault denomina como “corpos dóceis”.

É no interior das instituições que o corpo se constituiu ele mesmo como uma máquina⁵ singular unida a outros corpos, racionalizada em função do tempo e do espaço, e submetida a um sistema preciso de comando capaz de facilitar as manobras individuais e coletivas seja na guerra, nas escolas ou no trabalho. Esse processo parece obedecer a uma sequência de aplicação - sem necessariamente indicar uma ordem desfragmentada de aparecimento das várias tecnologias disciplinares. A docilização é o investimento inicial que segue desde [...] o controle e o treinamento dos corpos individuais até a utilização das forças específicas às multiplicidades mais complexas (*Ibidem* p. 141). Essa redução funcional do corpo

⁵ O funcionamento do sistema disciplinar teve como fundamento epistemológico a noção de Homem-máquina - bastante recente naquele momento - que permitiu uma dessacralização da carne e o desenvolvimento de um universo de intervenções sobre o corpo humano (FOUCAULT, 2004a).

prossegue até que esteja preparado para ser inserido em um conjunto econômico mais profundo.

Operacionalmente, podemos considerar que os corpos dóceis participam de uma rotina de adaptação a partir de técnicas corporais programadas em função da qualificação do corpo. Essas rotinas adotam [...] a idéia de um “programa” escolar que acompanharia de ano em ano, de mês em mês (*Ibidem* p. 137), séries de exercícios cuja complexidade crescente corresponde a finalidades disciplinares.

Em todo caso o pequeno *continuum* temporal da individualidade-gênese parece ser mesmo, como a individualidade-célula ou a individualidade-organismo, um efeito e um objeto da disciplina. E no centro dessa seriação do tempo encontramos o procedimento que é, para ela, o que era a colocação em “quadro” para repartição dos indivíduos ou recorte celular: ou ainda, o que era “manobra” para a economia das atividades e controle orgânico. O ponto em apreço é o “exercício”, a técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas (*Ibidem* p. 136).

Exercícios repetitivos e graduados, treinamento de sinais, códigos e gestos. No decorrer da aplicação destes elementos, a disciplina deixa de ser uma mera repartição de corpos para se tornar uma tecnologia de composição de forças para obtenção de um aparelho estatal eficiente. O caso dos exercícios revela ainda a inter-relação de poder entre diferentes instituições, em que uma parece invadir a outra como forma de intensificar a penetração dos efeitos disciplinares nos corpos.

Antes de tomar essa forma estritamente disciplinar, o exercício teve uma longa história: é encontrado nas práticas militares, religiosas, universitárias – às vezes de ritual de iniciação, cerimônia preparatória, ensaio teatral, prova. Sua organização linear, continuamente progressiva, seu desenrolar genético ao longo do tempo têm, pelo menos no exército e na escola, introdução tardia (*Ibidem* p. 137).

A especialização cada vez mais evidente das práticas de domínio resultou no aparecimento de quatro grandes técnicas disciplinares indispensáveis: construção de quadros, prescrição de manobras, imposição de exercícios e combinação de forças na organização de táticas. Cada técnica corresponde a uma característica típica dos corpos controlados. Um corpo dócil individualizado é, ao mesmo tempo, um corpo celular (pelo jogo de repartição espacial), orgânico (pela codificação das atividades), genético (pela acumulação do tempo), e combinatório (pela composição

de forças). Quanto mais a disciplina se desenvolve como tecnologia, maiores são as exigências e os graus de sua competência.

No entanto, a expansão dos domínios da sociedade disciplinar sobre o corpo não dependeu exclusivamente das estratégias disciplinares, mas, também, da contribuição de outras tecnologias de controle. O adestramento aparece como modalidade mais profunda e complexa do que o processo de docilização dos corpos, surgindo a partir da necessidade de aumentar os impactos do poder disciplinar. Essa necessidade repercutiu na criação de dispositivos cada vez mais competentes como a sanção normatizada, a vigilância hierárquica e o exame que tem efeito de poder disciplinar. A vigilância hierárquica diz respeito aos esquemas integrados de poder estabelecidos através do olhar, ou da visibilidade geral de sistemas coletivos e de espaços institucionais. Através dela, a disciplina fez [...] “funcionar” um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto de olhares calculados (*Ibidem* p. 148).

Instaura-se a partir daí um regime de condutas que se baseia não apenas na punição, mas na recompensa, na regulamentação social e na correção de desvios morais - através do exercício em detrimento do suplício - tendo como fim produzir na população efeitos econômicos específicos. No exemplo das prisões, o caráter repressivo do olhar nas práticas de reclusão sustentou a criação de um sistema jurídico-administrativo com fins econômicos em torno da figura do delinqüente (*Idem*, 1999; 2004a; 2006a). Nas escolas, o exercício físico sob olhar dos professores teve grande utilidade para transformar corpos incipientes em mão-de-obra útil. A disciplina assumiu, portanto, papel de qualificação segundo uma expectativa de produção fundada em imperativos políticos e morais. Revela-se aqui uma característica importante do poder disciplinar. Sua base é jurídica, isto é, considera uma lei que deve ser obedecida, e uma punição em consequência ao desrespeito dessa lei.

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma “infra-penalidade”; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (*Idem* p.149).

Entretanto, as disciplinas adquirem um alcance maior que o da lei, pois, trabalham na interiorização de uma Norma.

As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra; não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural” quer dizer da norma; definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico. (*Idem*, 1999 p. 105).

Através do poder da Norma foram postas em funcionamento operações específicas cuja função era definir os limites do que se entende por normal. A sua transgressão, portanto, teria como resultado ser considerado enquanto anormal, fora dos padrões adotados na sociedade. Percebe-se que, do ponto de vista do contrato social, ser indisciplinado deixa de ter como resultados apenas a expiação e a repressão, uma vez que, a partir deste momento, a delinquência poderia ter uma raiz patológica, devendo ser tratada ou curada.

Foucault identifica cinco operações normalizadoras que compõem a sociedade disciplinar: comparação, diferenciação, hierarquização, homogeneização, e exclusão. Todas elas funcionam dentro de um sistema de igualdade formal (homogeneidade) em que são medidas as distorções ou as diferenças individuais em função do regulamento. Cada uma destas operações combina a vigilância hierarquizada e a sanção normalizadora com técnicas individualizadas de exame. Em torno deste eixo de poder, surge uma metodologia de identificação, de assimilação e de descrição que inserem os indivíduos no plano do registro documental, e do estudo de caso apoiado no saber científico.

[...] o exame como fixação ao mesmo tempo ritual e “científica” das diferenças individuais, como aposição de cada um à sua própria singularidade (em oposição à cerimônia onde se manifestam os status, os nascimentos, os privilégios, as funções, como todo o brilho de suas marcas) indica bem a aparição de uma nova modalidade de poder em que cada um recebe como status sua própria individualidade, e onde está estatutariamente ligado aos traços, às medidas, aos desvios, às “notas” que o caracterizam e fazem dele de qualquer modo um “caso” (*Idem*, 2004a p.160).

Dois séculos, portanto, demarcaram o desenvolvimento de uma sociedade disciplinar que beirava o ápice de suas funções. O século XIX nasce como testemunha deste grande dispositivo que marca com ferro em brasa os indivíduos

como normais ou anormais. Na prática o regime de individualização que teve início através de fiscalizações e observações constantes sobre o próprio corpo e sobre o corpo do outro, passa a utilizar, ao final de 200 anos de especialização, um mecanismo de exclusão, que não deve ser entendido como simples afastamento social. A característica, talvez mais marcante, do esquema disciplinar é que os seus processos de individualização foram utilizados para marcar exclusões, inventar tipos pré-determinados de sujeitos os quais carecem de ser controlados como os delinqüentes, por exemplo.

[...] a constituição do meio delinqüente é absolutamente correlativa à existência da prisão. Procurou-se constituir, no próprio interior das massas populares, um pequeno núcleo de pessoas que seriam por assim dizer, os titulares privilegiados e exclusivos dos comportamentos ilegais. Pessoas rejeitadas, desprezadas e temidas por todo mundo. [...] A prisão é, então, um instrumento de recrutamento para o exército dos delinqüentes (*Idem*, 2006b p. 48).

Pode-se dizer que tais efeitos de controle foram extensivos aos loucos, e mais tarde, às mulheres histéricas e às crianças “dotadas de sexualidade” de uma maneira mais especializada ainda. De fato, a história prova que quanto mais o poder é exercido mais ele se torna especializado e o surgimento do esquema panóptico representa o auge do processo. A disciplina do tipo panóptico teve como intuito causar nos indivíduos a sensação de vigilância mesmo na ausência de um agente institucionalizado, concreto de poder, representando, assim, a máxima internalização dos efeitos do exame e da vigilância hierárquica. Sua repercussão principal está no nível da produção, concentrando-se em aumentar a utilidade possível dos indivíduos.

O panoptismo, por seu grau de especialização, marca o surgimento de uma estrutura disciplinar centrada unicamente no mecanismo de produção e não apenas na separação ou neutralização de perigos e forças populares.

Duas imagens, portanto, da disciplina. Num extremo, a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir (*Idem*, 2004a p. 173).

A instalação do poder panóptico foi o ápice da anatomia-política, pois, representou um tipo de dispositivo capaz de solucionar os problemas associados ao crescimento demográfico, ao mesmo tempo em que funcionou como alternativa eficaz para aumentar a produção material, com o menor dispêndio econômico possível. Os seus efeitos foram significativos na organização arquitetônica de espaços de vigilância de tal maneira que qualquer indivíduo poderia assumir a função de observador e controlador da máquina disciplinar. O panóptico, portanto, fora pensado para se disseminar pela sociedade permitindo fazer crescer a extensão útil das multiplicidades, diminuindo os inconvenientes do poder, e invertendo a função inicial de reprimir e combater distorções na população.

Durante aproximadamente quatro séculos, a sociedade disciplinar evoluiu se apresentando como sistema político voltado à produção econômica na forma de um grande [...] processo unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo de ônus reduzida como força “política”; e maximizada como força útil (*Ibidem*, 2004a p.182). Para além da construção destes dispositivos disciplinares, há uma outra inflexão do poder do Estado no período Moderno que admite uma outra forma de incidência. Ela não se aplica à disciplina, mas sim ao homem vivo, ao homem-espécie que expressa sua diversidade [...] na massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção a doença, etc. (FOUCAULT, 2005b p. 289).

Essa forma de poder é massificante e demarca o alto nível atingido pela objetivação do sujeito nos campos do saber. Funcionando a partir de conhecimentos estatísticos e demográficos com o objetivo de cartografar taxas de natalidade, de óbito e de incidência de doenças Foucault (2004a; 2006a) propõe denominar esta variação do regime disciplinar como uma Biopolítica. Tratou-se nesta Biopolítica, portanto, de evitar a morte a todo custo, controlando a vida. Para isso foram desenvolvidas instituições e políticas de povoamento, hierarquização social, educação e intervenções permanentes sobre o corpo, sobre as condutas.

O quadro geral traçado sobre as características da sociedade disciplinar e da Biopolítica das populações parece revelar certas proximidades entre sociedade atual e as estruturas da modernas de controle. O panoptismo, em particular parece ter lançado as bases para a construção das relações de controle e de comunicação baseadas no dispositivo da visão. O efeito conjunto destas Biopolíticas com o dispositivo disciplinar pode ser uma forma de explicar supervalorização do olhar, da

imagem captada e da forma dos corpos como medida de avaliação do outro e das relações com seu próprio corpo hoje em dia.

Pretendemos nos próximos capítulos continuar essa discussão partindo do surgimento das políticas de eugenia no fim do século XIX passando pelo dispositivo de combate à fealdade - que teve na Educação Física e na ginástica dois pontos de fundamentação – para, finalmente, abordar os seus reflexos na atualidade. Em relação às políticas eugenistas, que enfatizavam o melhoramento da espécie, o próprio dispositivo da visão passou a vigorar através de práticas de exames que adotavam critérios puramente visuais para associar as imperfeições do corpo humano com a degeneração biológica e moral, como procuraremos demonstrar a seguir.

2.2 Eugenia e poder sobre a fealdade

Segundo Foucault (1999), a difusão do poder disciplinar encontrou inicialmente dois obstáculos: a sedição popular e as doenças. Pickstone (2008), à luz da História da Medicina, descreve o quadro de inseguranças e enfermidades em que os sítios de produtividade industrial se consolidaram na Europa do século XVIII. Para ele, as novas cidades industriais eram ameaçadas pelas doenças e pela desordem. Os hospitais se tornaram insalubres, e gradativamente os médicos passaram a atuar de forma desarticulada em alojamentos e nas zonas urbanas mais pobres.

Enquanto a Medicina lutava contra a comercialização de suas práticas, os revolucionários combatiam a “antiga corrupção”, e questionavam as políticas de proteção da nova economia industrial. No que diz respeito às exigências populares em torno da saúde, havia uma preferência pelas associações de voluntários ou pelas novas corporações municipais com poder legislativo, ao invés do controle estatal insistentemente defendido pela burguesia liberal.

Frente a este cenário, o Estado, representando os interesses da burguesia liberal, passou a impor⁶ medidas de combate às epidemias e de contenção da resistência popular. O controle das doenças, das vicissitudes e dos maus hábitos se

⁶ No que diz respeito à saúde as estratégias de medicalização autoritária adotadas pelo Estado burguês nem sempre estiveram vinculadas a técnicas de assistência funcionais. De acordo com Foucault (1999), por coerção ou convencimento, através da medicalização autoritária os sujeitos foram constantemente levados a confessar suas doenças, a se vacinar e a participar de quarentenas. Em muitos casos as habitações que representassem risco sanitário chegaram a ser isoladas e destruídas. Medidas como essas levaram a população a se confrontar com uma realidade paradoxal em que a burguesia representava o pólo oposto à pobreza e à doença.

tornou fundamental para garantir o crescimento e a autonomia socioeconômica das nações⁷. Por outro lado a sedição representava o risco iminente de fracasso político devendo ser controlado a todo custo. Com a aplicação do controle disciplinar, o Estado deu início à hegemonia do poder burguês o qual se consolidou apaziguando o risco de revolução ao mesmo tempo em que atendeu aos anseios econômicos de utilização racional e capitalização da força física da população⁸.

Essa situação obrigou a burguesia a desenvolver estratégias de subjetivação que promoveriam um controle cada vez mais aprimorado e efetivo da massa. De acordo com Foucault (1999), essas estratégias colocadas em ação tinham o objetivo de convencer o povo de que a produção econômica seria a obrigação do bom cidadão e que a plebe não-proletária representaria a escória da sociedade. Sendo assim, a exploração econômica do próprio esforço físico definiu o limiar entre o sujeito improdutivo e o trabalhador dócil.

O domínio exercido pela burguesia, principalmente a partir da metade do século XIX, já reconhecia que a saúde de uma nação interfere em sua prosperidade econômica. Segundo Soares (2004 p.33), [...] havia, naquele momento, o entendimento por parte dos proprietários dos meios de produção de que o vigor físico dos trabalhadores era essencial para o avanço do capital. Concomitantemente à articulação entre a saúde e uma economia essencialmente mercantilista⁹ a Medicina passou a vigorar como disciplina fundamental para a construção de uma sociedade forte e saudável nos moldes do pensamento liberal e positivista¹⁰.

A figura do médico, gradativamente associada à política de Estado, adquiriu uma relativa notoriedade devido às suas funções de contabilização da força ativa das populações e criação de dados estatísticos sobre de nascimento e mortalidade

⁴ Em outros países como no Brasil a atuação do Estado provocou levantes populares como no caso da revolta da vacina que ocorreu no Rio de Janeiro no início do século XX (AQUINO, 2003).

⁸ Ao lado do conceito de sujeito, o conceito de população surge na Modernidade possibilitando uma organização de uma Medicina Social, primeiramente voltada ao Estado, depois à cidade e ao indivíduo (FOUCAULT, 1999).

⁹ Foucault faz referência ao Mercantilismo, pois, a partir dele pode-se perceber o início de uma dependência entre as práticas de governo do Estado e a produção econômica. [...] Na medida em que através da troca, o mercado permite ligar a produção, a necessidade, a oferta, a demanda, o valor, o preço, etc., ele constitui nesse sentido um lugar de verificação, quero dizer, um lugar de verificabilidade/falsificabilidade para a prática governamental (FOUCAULT, 2008b p. 45).

¹⁰ Não queremos dizer com isso que o Estado veio a se apoderar da Medicina, mas que o embate entre a burguesia e o proletariado associado às situações sociais desfavoráveis e à ascensão de uma vontade de saber científico, resultante do domínio epistemológico da realidade, criaram as condições necessárias para que ela mesma se destacasse como uma forma de poder sobre o corpo. Concordamos assim com a hipótese de Foucault de que a Medicina desempenhou um papel de socialização do corpo enquanto força de produção e força de trabalho principalmente a partir do século XIX (FOUCAULT, 1999).

os quais seriam utilizados para determinar índices de saúde da população e, conseqüentemente, promover o aumento do número de habitantes.

Nesse sentido, Foucault (2008b) percebeu que a Medicina desenvolvera historicamente duas funções bem demarcadas. A primeira função, que é direta, diz respeito à atuação da Medicina sobre a doença. A segunda função, entendida como indireta, foi desempenhada junto aos Estados para a construção de um *homo oeconomicus*. Foucault conceitua *homo oeconomicus* como

[...] aquele que aceita a realidade ou que responde sistematicamente às modificações nas variáveis do meio, esse *homo oeconomicus* aparece justamente com o que manejável, o que vai responder sistematicamente a modificações sistemáticas que serão introduzidas artificialmente no meio (FOUCAULT, 2008b p. 369).

Ao conquistar status científico a Medicina se consolidou a ponto de instituir formas cada vez mais especializadas e contundentes de intervir. Pode-se constatar esse fato a partir do desenvolvimento da clínica médica¹¹ e criação das políticas de controle da sexualidade as quais começaram a ser colocadas em prática principalmente a partir do século XIX (FOUCAULT, 2004a; 2006a; 2006d).

A associação entre o desenvolvimento do saber médico e as novas exigências sociais implantadas pela burguesia também levou a cabo certas alterações nas formas de entender as doenças¹². Desde que se percebeu a possibilidade de compreender o funcionamento do sujeito normal a partir do sujeito patológico o esforço para dominar as doenças se ampliou dentro dos limites estabelecidos pelo método científico e pela ordem do saber (CANGUILHEM, 2007).

De maneira geral, os esforços para dominar as diversas doenças culminaram com a necessidade de diagnosticar e controlar anormalidades promovendo uma reorganização nas formas de vê-las e enunciá-las. Essa reorganização, sobretudo no que concerne à modificação dos elementos constituintes do fenômeno patológico e à articulação da doença com o organismo demarca um estatuto local que situa o ser da doença, com suas causas e seus efeitos, no espaço tridimensional do corpo (FOUCAULT, 2006d).

¹¹ Na obra *O nascimento da clínica* Foucault (2006d) considera que a clínica médica se desenvolveu de ao longo dos últimos séculos em 3 fases distintas: protoclínica, clínica do final do século XVIII e anátomo-clínica.

¹² Canguilhem (2007) discute algumas destas modificações em relação à doença no nível epistemológico constatando uma transição no próprio entendimento de saúde influenciado pelas idéias positivistas de Comte.

Nesse sentido, a Medicina clínica pôde transitar da superfície para a profundidade, das enfermidades contagiosas para as doenças filogenéticas, inaugurando assim um receio sobre o “mal congênito” que passou a estar largamente associado ao perigo de degenerescência do indivíduo e da sociedade.

Mas o que pode ser entendido inicialmente enquanto avanço da própria Medicina também pode ser entendido como uma clivagem do poder sobre o corpo enfermo. Através da lente foucaultiana seria possível entender que essa clivagem promoveu efeitos de objetivação econômica da doença, e sobre a constituição de uma cadeia de subjetivações referente o corpo não-enfermo - o qual deveria adotar condutas que possibilitassem o afastamento do modelo patológico estigmatizado como improdutivo.

No nível da prática, portanto, o indivíduo encontraria na saúde um reforço para se tornar economicamente produtivo se afastando das coerções médicas e policiais instituídas sobre o corpo fisicamente doente. Do ponto de vista das conseqüências econômicas sobre a subjetividade, é possível constatar que a doença deixou de ser apenas uma variação da saúde passando a ser percebida como uma parte do sujeito descoberta por um olhar clínico mais especializado e potente. Em outras palavras, a reorganização epistemológica da própria doença permitiu que esta fosse considerada uma dimensão da vida humana (FOUCAULT, 2006d; CANGUILHEM, 2007).

No contexto das doenças inatas, o medo da degenerescência também passou a significar um receio construído sobre um enfraquecimento da força produtiva, e um temor liberado pela suposição de fracasso da empreitada social burguesa. De fato, como nos fala Soares (2004), o indivíduo degenerado representava o oposto do indivíduo ideal burguês construído sobre os padrões positivistas e liberais¹³. Uma vez que o sujeito se encontrasse fora destes padrões caberia ao Estado persegui-lo, pois, a degenerescência individual representaria também o risco de uma degenerescência social. Foucault (1999) nos mostra que a burguesia lutou insistentemente contra a degenerescência social ao fazer uso do exército, de estratégias de colonização e da prisão procurando evitar principalmente o risco de sedição ou de revolta popular frente às medidas obrigatórias que privilegiavam o

¹³ [...] Para manter a sua hegemonia, a burguesia necessita, então, investir na construção de um homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases. A construção desse homem novo, portanto, será integral, ele cuidará igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos. (SOARES, 2004 p. 05).

projeto burguês de sociedade. Do ponto de vista da Medicina, os resultados desta preocupação podem ser observados com o surgimento de um modelo médico mais centrado no indivíduo e menos no Estado e na cidade (*Ibidem*).

Com este deslocamento em direção ao sujeito, principalmente a partir da metade do século XIX, tratou-se de combater o risco da subumanidade que simbolizava todos os tipos de vícios, fraquezas e degenerações. A idéia de pureza racial como qualidade da população passou a transitar no saber médico dando os primeiros passos para uma futura racionalização da degenerescência. Percebe-se ao longo deste processo a instalação de políticas eugenistas fundadas na crença da superioridade racial e de qualificação étnica.

Referimo-nos aqui à eugenia moderna que surgiu na Inglaterra industrial e que encontrou na Biologia, na Medicina e na Estatística os conhecimentos apropriados para seu desenvolvimento. O entendimento do termo eugenia está associado a funções de controle desempenhadas sobre o indivíduo com o objetivo de intervir sobre a raça através de recursos técnico-científicos de melhoramento genético e social.

Segundo Diwan (2007), a origem do eugenismo moderno data da segunda metade do século XIX e se contrapôs a qualquer tipo de apoio socioeconômico concebido à população menos apta do ponto de vista biológico. Buscando fundamentação científica principalmente na teoria evolucionista de Darwin, a eugenia tentou estabelecer uma base teórica suficientemente forte para justificar a tese de que as nações civilizadas desenvolveram uma forte tendência à degeneração. Por esse motivo, seria preciso intervir sobre as sociedades evitando a todo custo a sua deterioração.

Os esforços iniciais realizados neste sentido resultaram no desenvolvimento de pesquisas populacionais e antropométricas que tiveram o objetivo de investigar a incidência de tipos físicos indesejáveis para justificar a adoção de medidas qualificadoras da raça, por exemplo, estimulando a procriação dos sujeitos considerados superiores (SILVA, 2008). O primeiro estudioso que se dedicou à produção e divulgação das idéias eugenistas foi o inglês Francis Galton que hoje é considerado seu fundador. Antes de se dedicar apenas à eugenia, Galton se envolvia em estudos de diversas áreas científicas como a Meteorologia, Estatística, Genética, Geografia e Criminologia.

O contato com essas diversas áreas do saber, em conjunto com as más condições sociais em que a Inglaterra se encontrava parece ter contribuído decisivamente para o início dos estudos sobre os diferentes tipos de raça e a proporcionalidade de suas qualidades. Seu objeto de pesquisa, o corpo, foi insistentemente analisado ao longo de uma vasta obra visando confirmar cientificamente uma associação direta entre a aparência física e as questões psicológicas do sujeito. As primeiras obras publicadas nesse sentido foram *Hereditary Talent and Character* (1865) e *Hereditary Genius* (1869). No texto *Hereditary Talent and Character*, o autor defende a idéia de que o talento é transmitido hereditariamente e que as semelhanças nas qualidades mentais entre os parentes e sua descendência podem ser deduzidas a partir das semelhanças físicas. Apesar de admitir a ausência de provas que confirmem a sua hipótese, Galton considera que a analogia entre aparência e comportamento, a partir de inferência estatística, é suficiente para sustentar a validade de sua idéia.

O texto posterior, *Hereditary Genius*, é um estudo estatístico mais aprofundado sobre o mesmo tema e consiste numa reflexão sobre a distribuição do talento nas populações. Galton se propõe a investigar em que medida as habilidades naturais podem ser transmitidas hereditariamente. Com essa finalidade, Galton desenvolveu uma escala padrão de habilidades baseando-se em fatos que aconteceram ao longo da história e que envolveram personalidades históricas ilustres. O autor esquematizou listas compostas por juízes Ingleses, líderes de Estado, escritores, cientistas, poetas, músicos, pintores, e por homens ingleses de biografia conhecida considerados por Galton como eminentes. Cada um dos sujeitos presentes na lista teve seus parentescos analisados.

A porcentagem das relações familiares foi tabulada e os resultados foram discutidos para compor uma classificação preliminar das habilidades. Foi utilizada uma técnica estatística baseada na lei matemática de frequência de erro, objetivando descobrir o valor mais próximo do real num montante de medidas realizadas sobre o mesmo fenômeno. Utilizando ainda medidas estatísticas de dispersão Galton tenta comprovar cientificamente a inferioridade da raça negra (africana) em relação às raças anglo-saxônica, australiana, ateniense e germânica.

Não obstante a preocupação de encontrar uma hierarquia entre as raças, Galton se posiciona sobre a questão da aparência física entendendo-a como um elemento no qual se deve basear para melhor entender as leis da hereditariedade.

Mas o estudo das semelhanças e das características típicas de um ser-humano ainda poderia revelar as ações realizadas sobre o corpo o que por sua vez demonstraria os interesses imediatos do sujeito. A aparência seria então o correlato dos interesses pessoais apesar das diferenças encontradas entre os indivíduos.

A atenção que Galton concebeu ao controle visual das variações de aparência contribuiu para o desenvolvimento de técnicas de análise que objetivavam identificar no próprio corpo características raciais típicas ou aspectos particulares que determinariam o perfil de um criminoso ou doente¹⁴. No texto *Inquiries Into Human Faculty and Its Development* (1883) o autor trata mais profundamente das questões biométricas inclusive especificando a aplicação do método de fotografias compostas¹⁵ e as técnicas de medição da capacidade auditiva. Usando a Estatística como ferramenta de pesquisa Galton reflete sobre as possíveis formas de se realizar um levantamento das características fisionômicas numa certa população levando em consideração a variação entre os tipos físicos.

Mas, apesar de demonstrar no *Inquiries* formas de operacionalizar a medição do corpo, é em outro texto que Galton explicita os reais motivos da mensuração humana. Sete anos depois da publicação do *Inquiries Into Human Faculty and Its Development*, Galton publica um breve artigo cujo título é *Why do We Measure Mankind*. Neste texto, o estudioso procura demonstrar a utilidade da biometria a partir de situações comuns como na escola ou no desempenho de ocupações diárias.

Fundamentado em argumentos de investigações anteriores ele justifica a importância da avaliação antropométrica pelas possibilidades de classificação do sujeito em relação a uma população (*ranking*), pelas possibilidades de detecção de incapacidades naturais, pela possibilidade de medição da eficácia corporal, e finalmente pela necessidade de investigar em que medida o vigor, a força, e a

¹⁴ Galton além de construir técnicas de composição de retratos com a finalidade de definir padrões de personalidade através da fisionomia contribuiu também para validar um método de identificação utilizando as impressões digitais.

¹⁵ Apesar de utilizar a Estatística na maioria de seus estudos Galton reconhece as limitações de seu uso em determinados casos. [...] As diferenças fisionômicas entre os diferentes sujeitos são tão numerosas e particulares, que é impossível medi-los, compará-los, e descobrir, através de métodos estatísticos comuns, a verdadeira fisionomia de uma raça (GALTON, 1883 p.04 tradução nossa). O convencimento sobre a impossibilidade de utilizar ferramentas estatísticas em certos estudos sobre raça levou Galton a desenvolver métodos como a composição de retratos, e testes de acuidade auditiva que estão descritos principalmente na obra *Inquiries Into Human Faculty and Its Development* (1883).

esperteza de uma população mais jovem podem ser indicativos de uma futura população adulta eficiente e saudável.

Dentre as várias obras realizadas por Galton destacamos finalmente um artigo científico publicado na Revista Americana de Sociologia (*The American Journal Of Sociology*) em julho de 1904, em que o autor define eugenia. Para ele, eugenia é a ciência que estuda as diferentes influências que atuam no melhoramento das qualidades inatas dos indivíduos, ou que interferem positivamente sobre uma raça levando ao desenvolvimento máximo suas potencialidades. Neste mesmo texto, ele discute os procedimentos que deveriam ser adotados para a instalação de uma sociedade ativa no moldes eugênicos. Deve-se, inicialmente, realizar a divulgação do conhecimento sobre as leis da hereditariedade obtidas através de aproximações matemáticas sobre o crescimento familiar, taxas de nascimento e de morte.

Em segundo lugar, é preciso desenvolver pesquisas históricas para identificar a contribuição das diferentes classes (classificadas de acordo com a utilidade cívica) para o desenvolvimento da sociedade.

Em terceiro lugar, são necessárias coletas sistemáticas de dados para identificar as circunstâncias em que famílias prósperas têm maiores possibilidades de serem constituídas, ou seja, as condições eugênicas. Através destas coletas, seria possível conhecer o estado dos pais no momento do seu casamento, sua raça, profissão e residência, seus parentes, seus irmãos e irmãs. Assim, a coleta sistemática dos registros de famílias teria a vantagem de familiarizar o público com o fato de que a eugenia estaria comprometida com a construção de uma sociedade saudável.

É preciso também controlar as uniões conjugais do ponto de vista eugênico, ou seja, proibir ou desaprovar a união entre sujeitos incivilizados, e, finalmente, deve-se persistir na determinação da importância nacional do eugenismo tornando seus preceitos familiares à população como forma de introduzir na consciência nacional a eugenia como uma religião nova.

A definição destes cinco princípios para construção de uma sociedade eugênica torna evidente a crença que Galton tinha sobre a necessidade de compreender a dialética entre inferioridade e superioridade. Por exemplo, a inferioridade de uma raça significaria um grande risco de declínio social, ao mesmo tempo em que o modelo de família “mais próspero” encontraria viabilidade na

produção de uma descendência superior que obedecesse a uma norma quantitativa – o número de filhos adultos do sexo masculino não deveria ser menor que três.

Outro aspecto marcante da ideologia eugenista é a necessidade de doutrinar, introduzir os sujeitos num esquema simbólico em que o sangue puro de uma raça superior serviria como um elemento sagrado. Segundo Diwan (2007) o tipo de relação doutrinal em que o sangue puro é elevado a um patamar divino pode ser constatado em vários países que se mostraram partidários de políticas eugenistas e de purificação social¹⁶. Foucault (1999; 2006a) associa a vivificação da temática do sangue no século XIX, ao surgimento do racismo tomando como exemplo o mito da pureza sanguínea que serviu ao longo da história como a principal justificativa para alegar a superioridade de certas raças.

Estabelecendo uma relação entre uma raça superior e sagrada e as raças degeneradas e profanas, nesta obra Galton afirma uma lógica associada entre ascendência espiritual e desenvolvimento biológico. Mas já em 1865 ele escreve

O senso de pecado original, de acordo com minha teoria, poderia demonstrar que o homem não é um ser caído de um estado elevado, mas que ele está se elevando rapidamente de um patamar inferior. Pode-se confirmar esta conclusão através das linhas independentes da pesquisa etnológica – as quais indicam que nossos antepassados foram selvagens no começo; e, que, depois de milhares de anos de barbárie, nossa raça recentemente evoluiu em direção à civilização e à religiosidade (GALTON, 1865 p. 327 tradução nossa).

Nesta citação, é possível perceber claramente elementos da teoria evolucionista os quais estiveram presentes ao longo de toda a obra de Galton. Entre os estudiosos da eugenia é bastante conhecida essa interação entre o Naturalismo Evolucionista de Darwin e a eugenia de Galton principalmente no que diz respeito às noções de seleção natural do mais forte, de herança genética e seleção sexual (SOARES, 2004; DEL CONTI, 2007; SILVA, 2008).

Diwan (2007) analisa a breve colaboração teórica entre Darwin e Galton como fundamental para um avanço mútuo das duas teorias.

Charles Darwin ajudou a embasar as teorias de Francis Galton a partir de diversas publicações. [...] *A origem das espécies* deu um impulso inicial no

¹⁶ Na obra “Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo” Diwan (2007) realiza uma investigação sobre a aplicação das políticas eugenistas ao longo do século XX em países da Europa, do continente americano, e da Ásia, ressaltando a aplicação de medidas de melhoria racial e das medidas de esterilização e segregação.

desenvolvimento da teoria da evolução social de Galton. Sem dúvida nenhuma, podemos dizer que Darwin foi um dos primeiros seguidores de Galton. Ainda que não tivesse o nome de eugenia, trazer para o mundo social as características da natureza e da vida animal a fim de aperfeiçoar a humanidade como se fôssemos “cavalos” era teoria bem aceita na época (p. 39).

Sabe-se que apesar do parentesco – Darwin e Galton eram primos - a parceria entre os dois estudiosos não durou muito tempo. Entretanto, certos elementos de teoria darwiniana continuaram presentes nas pesquisas de Galton e tiveram grande contribuição para a posterior disseminação da eugenia. De maneira a evidenciar melhor alguns princípios norteadores da eugenia realizaremos neste momento uma pequena incursão nas idéias darwinistas as quais incitaram questionamentos sobre as formas de se compreender a natureza, colocando em cheque os argumentos religiosos construídos em torno da origem dos seres-humanos.

Na opinião de Russel (1977) a importância de Darwin para o desenvolvimento da Ciência não se refere ao surgimento da hipótese evolucionista, mesmo porque essa teoria já existia antes dele, mas sim à quantidade de provas levantadas por ele as quais permitiram fortalecer o argumento evolucionista contra a tese da intervenção divina. O vasto levantamento de dados realizado ao longo de sua vida permitiu a Darwin desenvolver algumas idéias sobre seleção natural, seleção sexual, instinto e descendência ou hereditariedade que se tornaram populares entre os próprios eugenistas. É na obra *A origem das Espécies* que Darwin desenvolve esses conceitos. Iniciando pela idéia de seleção natural o autor a considera como um processo que desempenha ao mesmo tempo a conservação da variabilidade entre os seres e a modificação das espécies. Segundo ele seleção natural é a capacidade de conservar as diferenças e alterações individuais favoráveis à eliminação de variações nocivas (DARWIN, 2003).

Entendida também como “persistência do mais apto”, a seleção natural funcionaria como uma espécie de poder natural sempre atuante e superior à força do homem. Esse poder resulta da ação combinada de leis naturais às quais o ser humano carece de compreender. Em linhas gerais o princípio da seleção natural rege que os seres mais capazes de se adaptar às modificações ambientais têm potencialmente maiores condições de sobreviver do que aqueles que tendem à estabilidade. Tem-se, portanto, na capacidade de adaptação ao meio ambiente o mecanismo que determina a dinâmica entre sobrevivência e extinção.

Mas, outro aspecto também é importante para definir a sobrevivência da espécie: a transmissão de caracteres hereditários que se modificam através da própria seleção natural. Darwin percebeu claramente este fator ao observar vários exemplos da natureza. De acordo com ele a seleção natural pode modificar a conformação do filho relativamente aos pais e a dos pais relativamente aos filhos, dependendo da tendência à variação e, logicamente, das condições suficientemente “desfavoráveis” que poderiam assegurar o aparecimento de certas transformações. No entanto, a capacidade de transmitir características genéticas ou mesmo de “induzir” variações dentro de uma própria espécie depende ainda de um potencial de procriação inerente a cada animal. Na perspectiva darwiniana esse potencial de procriação é denominado de seleção sexual e deve ser entendido como um componente da seleção natural que age através de disputas entre indivíduos motivadas por uma necessidade reprodutiva.

Esta forma de seleção não depende da luta pela existência com outros seres organizados, ou com as condições ambientes, mas da luta entre os indivíduos de um sexo, ordinariamente os machos, para assegurar a posse do outro sexo. Esta luta não termina pela morte do vencido, mas pela falta ou pela pequena quantidade de descendentes. A seleção sexual é, pois, menos rigorosa que a seleção natural (DARWIN, 2003 p. 102).

A sua ação é regida por duas leis fundamentais que são a lei do vigor e a lei da aparência, ambas vinculadas às características físicas das espécies. Em relação à lei do vigor, Darwin considera que em muitas situações naturais a violência da disputa pela posse de uma fêmea é determinada pela qualidade dos mecanismos físicos utilizados para o ataque e para defesa. Em uma situação de refrega ter garras mais fortes, ou ter uma maior voracidade seria preponderante para que um concorrente definisse sua vitória.

A seleção sexual, permitindo sempre aos vencedores reproduzir-se, pode dar sem dúvida a estes uma coragem indomável, esporões mais longos, uma asa mais forte para quebrar a pata do concorrente, quase da mesma maneira que o brutal criador de galos de combate pode melhorar a raça pela escolha rigorosa dos seus mais belos adultos (DARWIN, 2003 p. 102).

No que concerne à lei da aparência, de acordo com Darwin a beleza física representaria uma vantagem na disputa pela reprodução devido à atração exercida pela plástica dos caracteres sexuais secundários. O termo caracteres sexuais secundários se refere à forma de uma espécie e tem a função de demarcar as

diferenças entre os sexos. Esse processo de diferenciação entre os sexos, no contexto mais geral da seleção sexual, age acentuando as diferenças de um sexo em relação ao outro para assegurar uma maior atratividade e maior produção de descendentes. Nesse sentido, Darwin considera que as diferenciações da aparência podem se tornar hereditárias, independente da condição natural ou doméstica das espécies.

A seleção sexual desenvolve também nos machos caracteres que lhes são úteis nas suas rivalidades ou nas suas lutas com outros machos, caracteres que podem transmitir-se somente a um sexo ou aos dois, seguindo a forma de hereditariedade predominante na espécie (DARWIN, 2003 p.145).

O último princípio darwinista que gostaríamos de ressaltar é o da hereditariedade¹⁷ o qual desempenhou um papel importante na lógica naturalista darwiniana. A hereditariedade se fundamenta no fato de que as variedades ocasionadas pelo processo de seleção tendem a se propagar entre descendentes fazendo surgir uma nova forma modificada de vida. Mas a hereditariedade também trata do contrário, ou seja, da transmissão de características semelhantes entre descendentes, como no caso dos caracteres genéricos.

[...] chamam-se caracteres genéricos os pontos pelos quais todas as espécies de um gênero se assemelham e diferem dos gêneros vizinhos; podem atribuir-se estes caracteres a um antepassado comum que os transmitiu por hereditariedade aos descendentes, porque deve ter sucedido muito raramente que a seleção natural tenha modificado, exatamente da mesma maneira, muitas espécies distintas adaptadas a hábitos mais ou menos diferentes (DARWIN, 2003 p.171).

O breve desvio que realizamos em direção à teoria de Darwin serviu para esclarecer limitadamente a base científica da eugenia. Dentre os vários princípios evolucionistas as idéias de transmissão hereditária dos caracteres e de seleção sexual se destacaram nas obras de Galton chegando a fundamentar uma série de investigações sobre o comportamento humano, como já destacamos. Mas outras temáticas podem ser observadas frequentemente na sua obra. Por exemplo, no trecho a seguir, extraído do estudo *Inquiries Into Human Faculty And Its*

¹⁷ A hereditariedade foi um tema bastante estudado ao longo do século XIX, mas não foi primeiramente abordado por Darwin. Darwin apenas constata a partir da hereditariedade a diversidade de desvios nas espécies considerando suas prováveis formas de transmissão entre as gerações.

Development, Galton expõe um claro conhecimento sobre hereditariedade, variabilidade e raça:

O fato de um indivíduo ser naturalmente dotado de altas qualidades pode ser porque ele é um modelo excepcionalmente bom procedente de uma raça pobre, ou porque ele é um indivíduo elevado em relação a uma amostra cuja média é elevada. A diferença entre as origens dos sujeitos poderia ser revelada através de seus descendentes; no primeiro caso, seus descendentes poderiam nascer deteriorados e voltariam para o centro típico de sua raça. No segundo caso isso não aconteceria. (GALTON, 1883 p. 222 tradução nossa).

Certamente estes mesmos princípios influenciaram na aplicação de políticas raciais como as desempenhadas nos Estados Unidos por Charles Davenport e Margareth Sanger, ou nas políticas de defesa da raça ariana instituídas na Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial. No âmbito dos estudos científicos, particularmente das obras brasileiras de vertente eugenista, os mesmo princípios aparecem nas obras de pensadores como Renato Kehl, Hernani de Irajá e Fernando de Azevedo.

Uma investigação arqueológica mais profunda sobre esse tema poderia confirmar o que Foucault (1999; 2006a) disse a respeito da criação de uma Biopolítica a partir da Modernidade. Mas, para sustentar nossa argumentação acerca da influência da eugenia moderna sobre o imperativo da aparência na contemporaneidade seria indispensável revisitar o tema adentrando verticalmente nos pontos que remetem à construção da beleza, sobretudo, tentando identificar os princípios que fundamentaram a cura da fealdade, revelando assim os jogos de poder que colocaram a feiúra no território das doenças e que consequentemente ratificaram a beleza como correlato do bem-estar na contemporaneidade. Continuaremos, portanto, tratando desta ordem do discurso biológico que pode ser compreendida num nível microfísico pelas comprovações científicas da época, e num nível macrofísico pelo surgimento institucional do “dito e do não-dito” biológico, segundo o linguajar foucaultiano.

Antes disso é preciso ressaltar “o risco” que corremos ao afirmar que o discurso eugenista moderno está na “ordem discurso biológico”, pois, com isso dizemos que nele se fala a verdade de uma forma “verdadeira” (FOUCAULT, 1996). Ou seja, que a eugenia moderna seguiria as mesmas regras, os mesmos conceitos biológicos, ou que compartilharia do mesmo horizonte teórico familiar à biologia da sua época.

Não seria difícil perceber que no momento em que a eugenia moderna surgiu, as preocupações políticas em se desenvolver uma Medicina mais voltada para o sujeito compartilhavam o imaginário social com as descobertas de Pasteur sobre microbiologia, de Lamarck sobre os caracteres adquiridos, de Darwin sobre a luta pela vida e seleção natural, e mais tardiamente de Mendel sobre as leis da hereditariedade, nem tampouco seria inviável perceber uma articulação entre os objetivos da eugenia e os objetivos da grande ciência biológica voltada para o corpo individual. Pensamos ser importante adentrar nesse ponto simplesmente para explicar, na perspectiva do poder, que a eugenia atingira um nível de aceitação social provocando inclusive alterações nos campos do conhecimento sobre o corpo.

Para além das correspondências entre princípios eugenistas e a ordem científica vigente, a maior prova de que a eugenia teve um papel social significativo estaria na sua divulgação internacional, apesar do seu reconhecimento científico ter sofrido objeções nos níveis teórico e metodológico (BOAS, 1916; TUCHERMAN, 1999; DIWAN, 2007). Mas, certamente as próprias demandas sociais possibilitaram a legitimação da eugenia como campo de saber principalmente devido à preocupação cada vez maior com a degenerescência que era entendida como uma doença do corpo social. Uma vez que a degenerescência fora percebida como doença caberia ao Estado combater os sintomas a partir da sua origem, ou seja, a partir do próprio sujeito. Como veremos mais adiante a feiúra do corpo social e do indivíduo constituíram um dos principais focos de intervenção da eugenia.

Encontrando condições políticas e ideológicas propícias e contando com a voz ativa de Galton e de estudiosos como Karl Pearson¹⁸ e Walter Weldon¹⁹ – que auxiliaram na realização dos estudos *Theory of Hereditary, Natural Inheritance*, e na publicação de revistas científicas como a *Biometrika* e a atual *Annals of Human Genetics* – a campanha eugenista foi largamente propagada.

Foram realizados congressos de divulgação primeiramente na Inglaterra, como o Congresso de Demografia em 1891, que influenciou na criação da Sociedade de Educação Eugenista em 1907, e o “Primeiro Congresso Internacional de Eugenia”, realizado em Londres 1912.

¹⁸ Karl Pearson contribuiu diretamente para o desenvolvimento da Estatística. Ele foi responsável pela criação de equações e coeficientes matemáticos que são utilizados até hoje para estudar a incidência e correlação de fenômenos entre grupos e populações (THOMAS; NELSON, 2002).

¹⁹ Walter Frank Weldon era zoólogo e teve participação direta na realização dos estudos sobre a aplicação biológica da Estatística (DIWAN, 2007).

A crescente difusão das idéias eugenistas na Europa ocasionou a sua popularização em países de outros continentes como os Estados Unidos, Brasil, México e Argentina. O fato que demarca a expansão das idéias eugênicas foi o Segundo Congresso Internacional de eugenia realizado em Nova York em 1921. Nesta ocasião foi publicada a figura da árvore da eugenia que segundo Diwan (2007) representou o símbolo máximo da evolução humana.

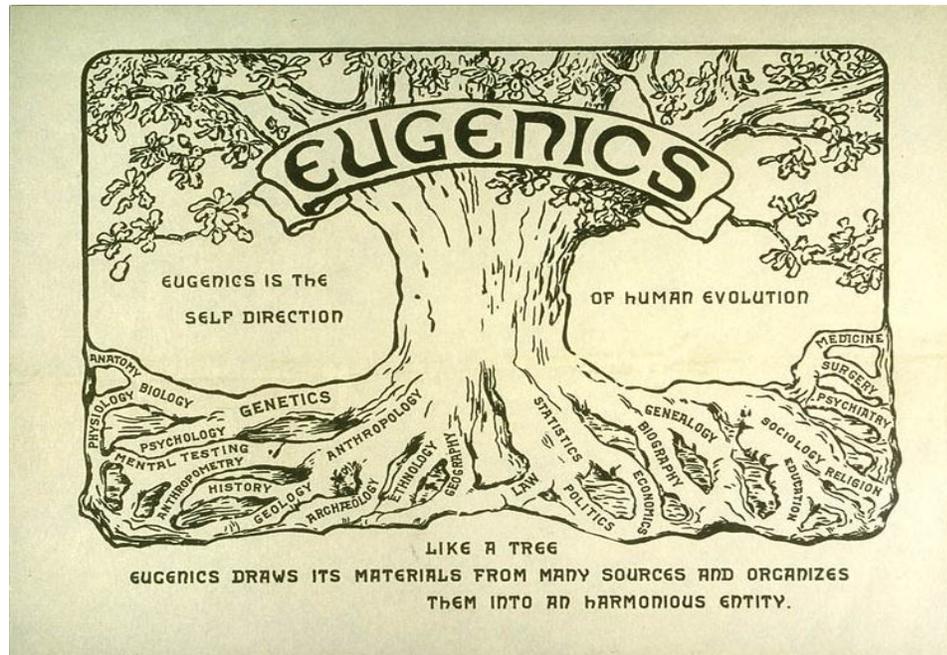


Figura 1 – *Árvore da eugenia*

Com a expansão do discurso eugenista houve uma natural especialização dos estudos condizente com o alcance teórico da disciplina, suas possibilidades de aplicação e as demandas sociais em que foram produzidos.

De maneira geral, a eugenia se manteve no limiar entre as políticas moderadas de melhoramento social e medidas radicais como a castração e a esterilização em massa. No caso dos Estados Unidos o extremismo das práticas adotadas chegou à aprovação de leis de esterilização. Na Alemanha, culminou com as políticas nazistas de extermínio. No caso do Brasil, a eugenia esteve voltada à limpeza étnica, pois, “a promiscuidade racial” seria um obstáculo para o desenvolvimento do país.

De acordo com Soares (2004) esse discurso, sustentado amplamente pela elite intelectual e econômica brasileira, representava o temor europeu de que o Brasil não pudesse progredir devido a sua composição racial. Isso levou os representantes

políticos e intelectuais brasileiros a se aproximarem dos ideais de reforma da sociedade defendidos pelo positivismo, e das idéias eugenistas voltadas ao melhoramento da população.

Ainda no que diz respeito à aplicação da eugenia no Brasil, Diwan (2007) identifica uma fase inicial - conhecida como positiva ou higienista - que é marcada pela preocupação em aplicar políticas públicas de saúde, limpeza e saneamento, e uma segunda fase - conhecida como fase da radicalização – em que se procurou extirpar os tipos eugênicos indesejáveis, principalmente através de restrições à imigração e combate dos fatores desviantes da população.

Como já discutimos, a identificação da degenerescência como obstáculo biológico para o desenvolvimento econômico e social ocasionou inicialmente a necessidade de controlar o domínio coletivo e posteriormente o domínio individual. Mas além desse deslocamento do corpo social para o corpo individual houve ainda um movimento de correlação em que o corpo doente e a feiúra natural do indivíduo passaram a representar o mesmo tipo de degenerescência²⁰. Dá-se a partir da eugenia aquilo que Foucault (2006a) chama de normatização da aberração como um subterfúgio da incapacidade científica de compreender o diferente ou o anormal. Nesse caso, o diferente ou anormal está representado pelo corpo feio e disforme, objeto recém inserido na ciência o qual necessitava ser dominado pelo saber dominante. Foucault constata que nos jogos de discurso científico travados em campos desconhecidos a primeira ação do poder é fazer falar sobre o que não se conhece e tornar visível aquilo de que se fala.

No caso do poder eugenista, tratou-se de colocar em prática medições antropométricas, testes cognitivos, como o teste do QI, e de colocar em funcionamento um sistema jurídico de premiações atribuídas àqueles que comprovassem ter uma boa descendência e de exclusões aplicadas aos doentes, incapazes, marginais e disformes, sobretudo com o objetivo de ratificar uma relação entre a aparência corporal, e as condições psicológicas e morais do sujeito.

A eugenia promoveu também a normatização da aparência corporal intensificando a relação entre a imagem do corpo impuro, sedentário e desviante aos arquétipos de improdutividade. Coelho (2005) e Silva e Goellner (2008) discutem

²⁰ Segundo Flores (2007) no caso do povo brasileiro a sua fealdade, reconhecida internacionalmente por meio de pinturas e escritos, se tornou representativa da não-civilidade e de uma identidade deturpada pela miscigenação étnica.

esse processo de normatização a partir da criação de modelos específicos como o Jeca Tatu e as mulheres “coquetes, gordas e sedentárias” que foram utilizados pelo discurso eugenista para conferir uma credibilidade ao saber científico e ao corpo que ele representara, ou seja, o corpo normal segundo os princípios da eugenia.

A normatização da aparência corporal também funcionou para consolidar um modelo de corpo ideal associado às expectativas sociais de gênero. Goellner (2003) demonstra essa função ao investigar as imagens do corpo feminino na Revista Educação Physica e a sua relação com a visibilidade das mulheres belas, femininas e maternais, e com a ocultação daquelas que não seguem estes parâmetros. Ainda no contexto da normatização, o reconhecimento de uma sociedade degenerada como uma sociedade feia dependeu também de um processo de patologização do corpo feio que fora transformado em objeto de estudo da Medicina passando a ser alvo de tecnologias de intervenção desenvolvidas de acordo com os princípios do naturalismo evolucionista darwiniano²¹.

É preciso ressaltar, neste momento, que a concepção de população na ordem do discurso biológico era a de população enquanto espécie e que por esse motivo as práticas de controle sobre a saúde encontraram orientação nos princípios do discurso dominante representado pelo darwinismo.

Constituindo o centro epistemológico da eugenia o darwinismo forneceu os fundamentos científicos para desencadear os movimentos de padronização da aparência. Na Europa, por exemplo, as práticas de controle da aparência tiveram como principal objetivo favorecer a procriação de tipos superiores a partir da acentuação da dimorfia sexual baseada nas leis de seleção sexual e dos caracteres sexuais secundários ressaltados por Darwin.

No Brasil, a padronização da aparência esteve associada diretamente a uma cura da fealdade seguindo fundamentalmente a idéia de embranquecer e embelezar os indivíduos normalizando a sua aparência em relação ao padrão do discurso hegemônico, ou seja, o padrão europeu.

Com base na leitura foucaultiana é possível compreender esse “combate à fealdade” como um movimento de instalação de um padrão da aparência, que desempenhou efeitos de subjetivação - registrando no imaginário um modelo hegemônico de beleza - e de objetivação - promovendo intervenções sobre o

²¹ Entendemos que a relação entre a aparência física e a degenerescência social foi objetivada por Galton que procurou estabelecer uma relação entre medidas antropométricas e o caráter individual.

embelezamento individual e coletivo -, e de exclusão daqueles que têm um corpo anormal.

Por outro lado, seria possível perceber o “combate à fealdade” como um processo de “enfeamento” do corpo anormal. Dentro do princípio da normatização da aberração, anteriormente ressaltado, seria possível perceber que o anormal, representando uma imagem contrária à do ideal de saúde coletiva, passou a ser entendido como inimigo do bem-estar social. Eco (2007a) reforça esse argumento em sua obra *A História da Feiúra* quando discorre sobre os dois mecanismos históricos desenvolvidos em torno da feiúra. De acordo com Eco, o primeiro mecanismo é o de transformação do inimigo em feio e o segundo é a transformação do feio em inimigo.

Dentro deste enfoque, destacamos que o processo de enfeamento do corpo tornou-se fundamental para a construção de uma imagem padronizada que serviu de apoio para a normalização da aparência física nas sociedades ocidentais. A exemplo de Francis Galton na Inglaterra, as obras de médico brasileiro Renato Kehl representam um esforço científico que se mostrou frutífero para divulgar tipos de sujeitos socialmente inferiores dos quais era preciso se afastar. Na obra *Tipos vulgares*, Kehl (1958) elabora os fundamentos de uma ciência psico-crítica fundada na classificação de sujeitos de acordo com a predominância de certas características fisiológicas, como a maior atividade do nervo vago - ou nervo da paz -, e o nervo simpático - ou nervo da guerra -, por exemplo. É interessante constatar que o autor ressalta a necessidade social de identificar tipos variados de sujeitos degenerados fisicamente e emocionalmente. Assim, a psico-crítica apresenta-se como materialização de uma agonística entre enfeamento e normalização da imagem do corpo fundada na idéia de distinguir sujeitos vulgares para reforçar um estereótipo de homem ideal, equilibrado e belo.

Outro aspecto da leitura foucaultiana sobre o problema da fealdade seria sem dúvidas o surgimento de locais de visibilidade. Assim como o presídio e o hospício se constituíram como lugares de visibilidade para a delinquência e a loucura, foram constituídos lugares de visibilidade para o corpo feio que funcionaram ambigualmente para o corpo belo. A propaganda Eugenista pode ser considerada como um lugar privilegiado de exposição de corpos tanto para estimular condutas quanto para informar a população sobre certos riscos. A propaganda nazista, por

exemplo, fez uso abusivo de informativos nos quais o corpo degenerado aparece como um risco social.



Figura 2 – *Propaganda Nazista: “Declínio qualitativo da população... Isso acontecerá se indivíduos de menor valor tiverem 4 filhos e os de maior valor tiverem apenas 2.”*

Neste mesmo contexto, surge outro lugar de visibilidade determinante para exposição dos corpos feios e belos. Trata-se do cinema que segundo Featherstone (1993), corroborou diretamente para a familiarização com certos arquétipos corporais, por exemplo, do corpo magro e esbelto em detrimento do corpo gordo.

Entendemos, a partir disso, que tanto a patologização do corpo feio como a padronização dos corpos anormais poderiam ter contribuído para a aceitação de um tipo físico ideal no imaginário coletivo. Se por um lado as relações de exclusão reforçariam a negatividade social do corpo feio, por outro afirmariam a boa aparência como uma qualidade física, moral e como requisito social. Dialeticamente, portanto, a imagem do corpo belo parece ter sido erguida sobre o “enfeamento” e a patologização do corpo anormal que se viu associado à improdutividade, deficiência e degenerescência.

Mas que corpo corresponde a essa imagem bela? Seria possível falar de uma imagem homogênea que exerceu influência geral sobre todos os países partidários da eugenia? Seria possível investir sobre a plástica corporal de maneira a atingir uma superioridade da aparência? Pensamos que achar uma resposta sobre a existência de um corpo belo absoluto seria impossível.

No entanto, em termos relativos, seria possível realizar a identificação dos vários padrões de beleza estabelecidos na cultura eugenista partindo da sua própria história. Ao discutir sobre a instalação e o funcionamento das políticas eugenistas em vários países, Diwan (2007) ressalta que em cada cultura houve uma tendência à valorização de um tipo físico superior a partir daquela mesma população. Na Inglaterra e nos Estados Unidos o corpo anglo-saxão, branco, de olhos claros, saudável e protestante foi considerado de estirpe ideal ou de *pedigree* adequado. Particularmente nos Estados Unidos houve um grande incentivo para que as famílias tentassem reproduzir esse tipo ideal através de concursos como o *Fitter families* e o *Better Babies*. Esses concursos promoviam disputas entre as famílias com o objetivo de premiar a melhor linhagem.

As famílias eram julgadas de acordo com seus históricos, genealogia e predisposição. As categorias incluíam as análises médica, física, psiquiátrica, dental etc. As famílias eram, então, classificadas com letras, em que, por exemplo, B+ significava uma boa linhagem premiada com uma medalha de bronze com a inscrição: "Yea, I have a good heritage" [Sim, eu tenho uma boa herança!]. (DIWAN, 2007 p. 59).

Na Alemanha, Wilhelm Schallmayer e Alfred Ploetz sustentaram um movimento de proteção à raça ariana (nórdica) - caracterizada pela disposição, capacidade de julgamento e força física, além da pele branca – que deu origem a uma Lei para a Proteção e Honra do Sangue Alemão. No Japão, sob influência de Katsuko Tojo e Hideki Tojo, curiosamente, a aparência ideal reforçou as características físicas e morais dos guerreiros samurais colocando a imagem do branco europeu no pólo da inferioridade. Em países como México e Argentina, figuras como Victor Delfino, Porfírio Dias e Félix Palaviccini procuraram definir uma identidade racial que valorizasse as características de seu povo (ENGS, 2005).

Essas políticas de protecionismo da própria raça parecem revelar uma estratégia de manutenção da autonomia e da própria identidade, uma vez que todos estes países foram bastante severos em relação à imigração e ao relacionamento entre pessoas de raças diferentes (DIWAN, 2007; FLORES, 2007). Por outro lado elas parecem ter sido determinantes para garantir o poder insidioso da idéia de raça - a qual surgiu para afirmar a superioridade de um certo grupo étnico sobre os outros - construída a partir de parâmetros preconceituosos e etnocêntricos como denuncia Lévi-Strauss (1985) e Foucault (2005b, p. 304).

No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros.

Além da associação entre aspectos culturais e idealização da aparência existe ainda uma relação de influência entre tipos raciais diferentes que é caracterizada pela adoção de um modelo de corpo a partir de uma referência externa. No que tange às técnicas de eugenia para melhoramento da aparência, já no século XX muitos países, inclusive a Alemanha, buscaram imitar o modelo norte-americano. No caso do Brasil, ainda no século XIX, a defesa das ações a favor do clareamento da raça foi justificada como uma forma de se aproximar do sofisticado e desenvolvido padrão europeu (SOARES, 2004).

É possível compreender esse tipo de influência a partir do que Foucault chama de “regime da verdade” e de seus efeitos de veridicação, no primeiro caso pela competência e legitimidade que as políticas norte-americanas adquiriram, e no segundo caso pela influência econômica e cultural do pensamento europeu no século XIX que contribuiu para a construção epistêmica das nações menos desenvolvidas e “sem identidade definida”.

Não obstante essa multiplicidade de aparências ideais, o que é importante perceber é que, a partir da eugenia, houve um direcionamento do saber científico para a construção de corpos mais belos independente dos aspectos culturais de cada sociedade. Talvez seja difícil sustentar a idéia de que a eugenia se constituiu com um etnocentrismo da beleza. Contudo, seria possível afirmar que a partir da eugenia iniciou-se o tempo dos investimentos científicos voltados à modificação ou aperfeiçoamento da aparência.

Ao mesmo tempo em que se procurou racionalizar o melhoramento da aparência, os detalhes corporais, descobertos pelo olhar científico, passaram a se constituir como um foco de estudo. Destaca-se nesse sentido o aparecimento de investigações sobre a seleção sexual em seres humanos nas quais os caracteres sexuais secundários da aparência aparecem como objeto de controle, medição e classificação. A aplicação científica da seleção sexual na construção da aparência visou principalmente utilizar a beleza para induzir a reprodução de sujeitos

permitindo ao mesmo tempo uma elevação do valor médio racial e aumento da quantidade de indivíduos dentro desta média.

Vivificando a tese galtoniana de degeneração das sociedades ocidentais, a construção da aparência inaugurou uma relação entre a correção corporal e desenvolvimento de uma simetria coletiva. Dentro deste parâmetro as idealizações sobre uma sociedade simétrica levaram a uma radicalização das referências corporais que ocasionou a inserção da estatuária Grega no imaginário eugenista da aparência.

A presença da noção Clássica de simetria pode ser percebida nos estudos anatômicos e populacionais voltados à classificação de diferentes tipos físicos e aplicação de técnicas de normatização das variações na aparência. Apoiando-se nos dados da geometria e nos estudos de proporção em obras de arte, tornou-se possível aplicar correlações entre as medidas de certas partes do corpo para uma constituição perfeita do todo. A medida da altura ideal, por exemplo, deveria corresponder ao valor de 7,5 cabeças do mesmo indivíduo²².

Eco (2007a), ao discorrer sobre as representações artísticas da aparência e sua influência na construção de noções de beleza, afirma que a Arte desempenha efeitos de subjetivação devido ao poder de contar, através dos séculos, os ideais de beleza podendo registrar ao longo da história o retrato fiel de contextos desconhecidos. Seria possível entender, nesta perspectiva, o uso da estatuária Grega como referência ideal para construção da beleza humana.

Adotando um ponto de vista foucaultiano acreditamos que a explicação para o uso da estatuária Grega surgiria num sentido diferente. A Arte, sobretudo aquela que se refere à imagem do corpo belo, representou durante muito tempo a forma mais tradicional de se falar da beleza ideal. Certamente por força de um poder tradicional construído sobre a capacidade de representação, a Arte, enquanto referência para estudar proporções físicas ideais, passou a ser utilizada economicamente para fundamentar a produção da beleza no corpo humano através do cultivo racionalizado dos caracteres sexuais secundários.

Fundamentalmente o sentido desta prática estaria em orientar economicamente a dinâmica da atração sexual assegurando, por um lado, a construção de subjetividades e de corpos bem definidos quanto ao gênero, e por outro um Saber

²² Irajá (1938) afirma que já em 1854 existiam mais de 80 técnicas de medição do corpo humano utilizando como referência as próprias medidas antropométricas.

que demarcasse os limites entre feio/belo e que oferecesse condições para normalizar a feiúra. Ainda na interpretação foucaultiana, em relação à afirmação desse Saber construído sobre a aparência, nos seus primeiros momentos seria preciso que ele mostrasse as imagens belas e feias, e que ele as fizesse falar incessantemente (FOUCAULT, 2006a).

Assim, utilizando os meios irredutíveis do olhar e do discurso se tornaria possível instaurar e desempenhar na sociedade funções Biopolíticas da aparência. Talvez a aplicação do pensamento foucaultiano na construção de um Biopoder sobre a aparência possa ser percebida no seguinte trecho em que o autor deixa claro o desejo de construir uma beleza extensiva a todos.

[...] O homem capaz de talhar no mármore a Vênus, é capaz também de moldar plasticamente toda a humanidade. [...] Cada um de nós poderá transformar-se em Polycleto, Myron, Phidias, poderá criar tipos com vida, como Doryphoro, aquele belo efebo da estatuária, o mais antigo tipo da arte grega, considerado a representação mais acabada da beleza e da energia humanas (IRAJÁ, 1937 p. 202).

Mas, a atuação de uma Biopolítica da beleza não poderia atingir seu ápice sem a formação de uma ciência voltada à construção da beleza. No que diz respeito ao nascimento da construção científica da plástica corporal, entendemos que esta esteve inicialmente fundada nos princípios científicos da eugenia, sobretudo, no princípio da seleção sexual. Para sustentar essa idéia utilizamos o caso do proeminente eugenista brasileiro Hernani de Irajá.

Médico e artista plástico, Hernani de Irajá se propôs a realizar observações sobre a morfologia brasileira classificando e descrevendo principalmente o corpo das mulheres. Tentando estabelecer uma relação entre Arte e Medicina ele admite que o objetivo de suas obras foi contribuir para a discussão dos problemas raciais, em especial abordando as temáticas da beleza e da seleção sexual. Nas obras *Morfologia da Mulher* (1937) e *Sexo e Beleza* (1938) ele denomina o seu trabalho como uma topografia da “configuração exterior” muito semelhante à topografia interna dos anatomistas, porém, mais preocupada em medir e analisar as estruturas visíveis.

Já no início do texto *Sexo e Beleza* o autor esclarece o problema sobre o qual ele se debruça: “A debatida questão da beleza sexual estética como fator de seleção sexual ainda hoje não nos deixou de preocupar” (IRAJÁ, 1938 p. 05). A partir deste

esclarecimento ele procura analisar “sob o ponto de vista anatomo-plástico [...] o grupo de caracteres que, sexualmente, mais importância têm sobre o desenvolvimento harmônico da organização somática” (*Ibidem*, p. 21).

Com base em estudos antropométricos estes caracteres corporais – leia-se, “a largura das espáduas”, “a largura da pelvis”, “o sistema piloso”, “o aparelho locomotor”, “a distribuição da gordura sub-cutânea” e a “voz” – Irajá procurou sistematizar uma classificação estatística e tipológica aplicada às diferentes raças. Quanto à “largura das espáduas”, por exemplo, o autor aponta para uma classificação segundo as variações raciais em *faidermico* (tipo racial resultante do cruzamento entre brancos e negros) e *xantodermico* (resultante do cruzamento entre branco e índio).

Ao longo do texto as classificações corporais variam numa infinidade de termos: nulipara, xantodermica, longilínea, leucodermica, primipara, normoplastica, normo-cormica, brevilínea, melanodermica. Tantas classificações têm o objetivo de determinar os graus de variação que poderiam interferir nas funções sexuais do homem e da mulher, e na seleção estética do parceiro – que se encontram associadas às funções sociais de cada sexo.

Em síntese: entre as excitações psíquicas capazes de apressar a união sexual pela influência sobre a esfera senso-sexual, - o desejo de ser abrigada e ter a proteção do homem, é tão característico na mulher, como no homem, o de proteger a companheira. O varão sente a necessidade de uma criatura mais fraca (IRAJÁ, 1938 p.113).

Por outro lado, a variedade de classificações pode ser explicada pela necessidade de identificar alterações na normalidade: “Geralmente a mulher de voz grossa e o homem de voz fina, são desagradáveis. Não condizem com os necessários requisitos de sexualidade” (IRAJÁ, 1938, p. 41); mas também pela necessidade de ressaltar o valor dos “dotes da beleza” para a atração sexual: [...] Certas damas de vozes graves excitam os sentimentos de mocinhos desbarbados e pele macia” (*Ibidem*, p. 42); e pelas possibilidades de corrigir defeitos: “Certos vícios de articulação, de pronúncia e emissão de voz são passíveis de cura ou melhora pela reeducação vocal” (*Ibidem*, p. 44).

Sobre o aspecto da correção corporal é possível identificar uma preocupação em aplicar o conhecimento científico para combater doenças ou fortalecer o corpo:

A aplicação racional dos movimentos ás multiplas funções vitais, aos órgãos, aos aparelhos que estão constantemente em continua evolução e eu perpetuo funcionamento, equilibram e reforçam a evolução celular de nosso corpo dando-lhe uma resistência especial e uma tenacidade defensiva própria, frente ás crises ditas idiosincrasias ou diatesicas que nos assediam, máxime na vida tumultuaria das grandes cidades (IRAJÁ, 1938, p. 161).

As aplicações racionalizadas da Medicina, contudo, já demonstravam neste momento, um grau de especialização das práticas científicas sobre os defeitos estéticos do corpo. Nesse sentido, já é possível perceber uma intenção de normalizar a aparência:

Pequenos defeitos do rosto ou das mãos, da pronuncia ou a côr dos cabelos (ruivas) podem trazer grandes prejuízos a meninas escravas de preconceitos estéticos. Vivem em torno de idéias fixas, Imaginam-se observadas, analisadas meticulosamente, apenas por que têm uma cicatriz no rosto, um pouco de pêlos no queixo, um buço (quase sempre atraentissimo para os homens), uma orelha um pouco exteriorizada, em leque, os dedos um tanto curtos a mão gorda... Entretanto não lhes passa pela cabeça, nem aos pais delas, que um tratamento adequado, as vezes apenas uma correção de cirurgia estética de dez minutos, outras vezes um pouco de psicanálise, pode libertá-las para sempre de pensamentos obsidentes ou de anomalias incomodas (*Ibidem* p. 152).

O que se vê, nesse período, é uma preocupação explícita de instalar sobre nos sujeitos à necessidade de se ocupar com os pequenos detalhes de sua aparência. Nesse sentido, Irajá defende abertamente a organização de um sistema de educação e orientação estética:

O ideal seria, para nós, uma codificação rápida, mas, complexa, que visasse a nossa educação segundo um verdadeiro formulário dinâmico universal: pesadas, mensurações antropológicas, fichas anatomofisiologicas, higiênicas, "test" pedagógicos de inteligência geral e cultura, de apreensão psíquica, de especializações no terreno da memória (5 sentidos), da ideação, da assimilação de engramas, das aptidões artisticas e profissionais, das concepções sociais políticas, das tendencias sexo-sentimentais e religiosas, de sentimento de coragem, desprendimento pessoal e abnegação a ideais mensuráveis, e outros (*Ibidem* p. 166).

Vê-se que essa primeira preocupação científica com a aparência do corpo esteve a serviço da construção de uma sociedade bela, saudável e produtiva. Utilizando o princípio da seleção sexual para justificar a importância de se desenvolver uma melhor qualidade social e racial, buscou-se realizar investigações

antropométricas, anatômicas, criar nomenclaturas e classificações que possibilitassem estabelecer os limites entre o corpo feio e o belo²³.

Em torno do corpo feio percebemos, portanto, dois movimentos: uma normalização e uma normatização. A normatização destacou um arquétipo de feiúra (corpo doente, improdutivo, culturalmente estranho e assimétrico físico e moralmente) que precisou ser mostrado e enunciado excessivamente para as se afastasse dele.

A normalização, por sua vez, representou a possibilidade de converter a aparência degenerada em uma aparência normal, sobretudo, a partir de técnicas científicas de construção corporal. Para isso seria preciso expor aos olhos da ciência os defeitos e imperfeições do corpo, principalmente dos caracteres sexuais secundários que foram o alvo inicial das intervenções. Nesse sentido, não só a Antropometria, mas a ginástica e a Educação Física surgiram como medidas de combate à fealdade individual e também social.

2.3 Educação Física como cura da fealdade

De acordo com Soares (2004) e Silva (2008), nos séculos XIX e XX a Educação Física passou a ser utilizada como tecnologia para melhorar a aparência corporal da população correspondendo, assim, às expectativas burguesas de civilidade pautadas sobre a formação de uma sociedade livre da degenerescência.

Durante o processo histórico de moralização e higienização social, a Educação Física foi gradativamente reconhecida como prática de saúde devido a sua fundamentação científica e ao seu potencial para promover mudanças fisiológicas e estéticas tendo como base a racionalização do esforço físico. Esta racionalização do esforço físico assumiu características variadas e peculiares principalmente com o advento das escolas de ginástica alemã, francesa e sueca. De fato, foi a partir das escolas de ginástica que a Educação Física se firmou como prática higiênica, se disseminando pela Europa e depois para os países do continente Americano.

A racionalização do esforço físico, no entanto, esteve sempre associada ao uso político do corpo. No caso do Brasil, segundo Marinho (1981), o primeiro sistema de ginástica implantado foi o alemão com o objetivo de formar soldados e de fortalecer o

²³ Para Vigarello (2006) dá-se neste contexto uma “conquista anatômica” caracterizada pela visibilidade dos contornos das formas humanas e pelo despertar sobre as práticas de embelezamento e “adelgaçamento” do corpo.

espírito militar do país. Entretanto, por estar voltada à criação de um nacionalismo com fortes intenções militares, a aplicação da ginástica alemã foi duramente combatida por intelectuais como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, que defendiam a utilização da ginástica sueca para os homens e da calistenia para as mulheres. Em relação ao método francês este foi instalado pela primeira vez no exército brasileiro substituindo o método alemão em 1912. A ginástica francesa ainda exerceu influência com a implantação da “Educação Física Desportiva Generalizada” difundida especialmente no sudeste do país.

Não obstante a preocupação com a saúde e o fortalecimento da população, os métodos ginásticos guardaram uma certa relação com o desenvolvimento da dimensão estética, ou seja, da beleza e da graciosidade do corpo. Com exceção do método alemão, caracterizado como mecânico, funcional e ultranacionalista, as demais escolas reconheceram a importância de investir sobre a dimensão estética, seja pela exibição de corpos treinados e capacitados com fins políticos, como no caso da ginástica francesa, seja pela educação integral do sujeito como no caso da ginástica sueca.

Considerando os objetivos deste estudo, focalizamos a nossa discussão sobre a ginástica sueca que, do ponto de vista teórico e prático, adotou abertamente a produção estética do corpo como objeto de intervenção. Sistematizado por Ling - que é considerado o precursor da ginástica científica - e aperfeiçoado por Thulin, o método sueco subdivide-se em ginástica pedagógica, ginástica militar, ginástica médica e ginástica estética. Seus objetivos estão voltados à correção e ao desenvolvimento anatômico, ortopédico e fisiológico do corpo assegurando, simultaneamente, a saúde e a beleza.

Dentre as escolas de ginástica, o método de Ling se destacou devido à sua fundamentação científica, à sua base psico-pedagógica, e à aplicação do arcabouço fisiológico para a melhoria da forma corporal. Trata-se, nesse último caso, do uso da ginástica estética que teve por finalidade desenvolver harmoniosamente a aparência corporal e a beleza dos movimentos. Do ponto de vista da modelação do corpo, esta ginástica estética atuaria sobre a melhoria da aparência através da intervenção sobre os aspectos fenotípicos, especificamente, sobre os caracteres corporais secundários, tendo em vista a impossibilidade de alterar os elementos genéticos da beleza.

Segundo Soares (1996; 2004), é possível identificar que por influência de Ling o aperfeiçoamento moral dos sujeitos passou a estar relacionado ao seu estado físico. A estética do corpo, portanto, é o resultado do disciplinamento em função do exercício físico direcionado ao engrandecimento total do sujeito.

A beleza produzida pela ginástica, no entanto, reflete também as expectativas de rendimento fisiológico-corporal apregoadas pelas demandas biopolíticas da época. Nesse sentido, a ginástica orientada pela eugenia positiva, fortaleceu vínculos com a cura da fealdade construindo, assim, um campo de intervenção sobre a estética e a saúde no qual o treinamento físico passou a atuar como ferramenta para controlar os indivíduos anormais.

Esse campo de intervenção persiste até hoje encontrando reforço em práticas discursivas e não-discursivas que asseguram a fealdade e a doença enquanto inimigos da beleza, da saúde, da produtividade, e conseqüentemente da sociedade. A idéia que dá sustentação a todo esse processo é a de que o corpo feio pode ser corrigido tornando-se belo, saudável e economicamente produtivo.

Desde que a ginástica e o discurso eugenista impulsionaram a idéia de que o corpo feio poderia ser modificado ou melhorado, a produção estética do corpo passou a vigorar nos jogos de verdade enquanto uma poderosa forma de controle corporal. Este fato se manifesta no âmago da ginástica e da própria Educação Física revelando aquilo que Foucault (2008a) denomina unidade discursiva, ou seja, a formação de um jogo de regras sobre um dado fenômeno que se perpetua, se torna regular num certo período ou num determinado recorte temporal. Trata-se da construção de uma “realidade” epistemológica a qual permite que um determinado enunciado possa aparecer e se reproduzir mantendo sua peculiaridade, apesar de pequenas clivagens que as relações de poder provocam em sua periferia.

No contexto dos jogos de verdade, portanto, a ginástica e a Educação Física reproduziram o conceito de aperfeiçoamento do corpo feio, fato que revela uma mudança epistemológica nas ciências humanas. Se antes era necessário apenas isolar o corpo degenerado e feio, agora é possível integrá-lo a sociedade através de técnicas científicas de modificação corporal (FOUCAULT, 1999, 2006a).

Da ginástica sueca até a Educação Física atual é possível verificar a perpetuação desta noção de aperfeiçoamento do corpo feio a partir dos seus próprios discursos. Uma incursão mais detalhada se ocuparia de identificar, no contexto da Educação Física, o nascimento e a perpetuação de uma unidade

discursiva correspondente a idéia de correção e de aperfeiçoamento estético dos corpos. Realizar uma análise desta magnitude, não é o objetivo do nosso trabalho, no entanto, é possível perceber que ao reproduzir o discurso eugenista sobre a construção de corpos belos, a ginástica e a Educação Física passaram a funcionar como ferramentas para o combate à fealdade, ao mesmo tempo em que fortaleceram ainda mais o valor social da beleza.

A presença dos princípios eugenistas na Educação Física pode ser notada de diversas formas. Para ilustrar essa relação demonstramos nesse momento a formação de uma unidade discursiva sobre o combate à fealdade e produção de corpos belos dentro da própria Educação Física. Dialogamos com Fernando de Azevedo, autor brasileiro da obra *Da Educação Física*, publicada pela primeira vez na década de 20, e com Kenneth Cooper, fisiologista norte-americano que escreveu obras sobre o exercício físico entre as décadas de 60 e 80 do século passado.

Fernando Azevedo foi um importante pensador da Educação tendo trabalhado constantemente para implantação de reformas no sistema educacional que culminaram com o aparecimento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 (PILETTI; PILLETTI, 1997), enquanto Cooper teve uma contribuição decisiva para o fortalecimento científico do exercício físico, apresentando uma forma de padronização do esforço que permitiu a individualização e a adaptação do exercício a populações especiais. Pelo método utilizado e abrangência de suas pesquisas a obra de Cooper foi reconhecida como o primeiro trabalho científico realizado sobre o exercício físico aeróbico. O reconhecimento do trabalho de Cooper parece ter inaugurado um imperativo social: seja fisicamente ativo.

Entre os dois autores é possível perceber diferenças estruturais nos dispositivos de visão e de discurso, diferenças entre os conceitos e nas formas de intervir, entretanto, apesar dos diferentes contextos, os objetivos permanecem irredutíveis: construir um corpo melhor e mais forte. Pretendemos demonstrar através desta confrontação como certos princípios da eugenia constituíram o discurso da Educação Física e, dessa forma, tentar demonstrar que a Educação Física desempenhou um papel decisivo para a construção da aparência física como um poder na contemporaneidade.

Azevedo foi um dos arautos do movimento em prol da Educação Física iniciado no Brasil em 1920 e que teve São Paulo como foco principal. Ele se destacou tanto na divulgação quanto no desenvolvimento pedagógico/científico da área participando

também do movimento em defesa do esporte nas escolas (CAMARGO, 1995). Para ele o esporte nas escolas poderia estimular a capacidade competitiva dos jovens contribuindo para a educação geral e uma maior integração entre diferentes estudantes.

Azevedo também defendeu, a partir de referências Gregas, que, independente da beleza facial, o homem é composto por uma beleza somática da qual à Educação Física deveria se ocupar.

[...] Ora a Educação Física é o meio de se alcançar esta beleza, pois sobre seu fim dinamogênico, tem um poder altamente plástico. O jogo alternativo das forças, que se balançam nas condições de um perfeito equilíbrio em torno dos pontos de apoio, tornados sucessivamente móveis ou fixos, tem uma tendência certa a manter e a consolidar a forma e a coordenação normal de todas as partes da estrutura biomecânica tão complexa, que apresenta o corpo humano; e daí estes espécimes admiráveis, que a arte antiga nos podia dar (AZEVEDO, 1960, p. 81).

Inspirado no humanismo clássico, Azevedo defendeu também que a ginástica deveria ser o elemento fundamental da educação dos jovens cidadãos, assim como na Paidéia Grega.

A tese de Azevedo corresponde à idéia de ginástica racional, a qual sugere que através de um sistema de ginástica capaz de exercitar todas as partes do aparelho muscular seria possível o desenvolvimento proporcional e harmônico do corpo e uma redistribuição igualitária da vitalidade por todas as partes do organismo humano. Para ele a ginástica racional poderia:

[...] Facilitar o jogo dos órgãos necessários à conservação da vida, favorecer a evolução integral do organismo, avigorar racionalmente os músculos, tonificar as vísceras abdominais, consolidar a ossatura, fortificar a constituição, e de outro lado, temperar o caráter, apurar as qualidades morais, inculcar os sentimentos da disciplina e impedir no organismo, por estes efeitos fisiopatológicos entidades mórbidas que, por via de regra, as acompanham (*Ibidem* p. 69).

Para Azevedo dois momentos foram cruciais para o desenvolvimento da Educação Física: a década de 20 e a década de 60. Na década de 20, além da instauração de um movimento pró-esporte com a reforma educacional brasileira, o contexto mundial apresentou condições para que se desse mais atenção às práticas esportivas e corporais como um todo.

O primeiro importante surto industrial que se verificou, em virtude da guerra mundial de 1914-1918, e da conseqüente redução de importação de mercadorias estrangeiras; O sentimento que se difundia, da necessidade de mudança, criando um estado de inquietação e de efervescência intelectual, com suas repercussões nas artes, nas letras e na educação; e a invasão do país pelos esportes anglo-saxônicos ou por turmas que começavam a conquistar o interesse e as simpatias populares, foram alguns dos fatores favoráveis ao movimento que então se inaugurou, e era também de renovação educacional (*Ibidem* p. 12)

Na década de 60, o desenvolvimento da Educação Física no Brasil foi impulsionado pela criação das escolas de Educação Física, a publicação das revistas “Atlética” e “Esportes”, bem como a criação de estádios como o Maracanã e o Pacaembu. Estes aspectos revelaram, na opinião do autor, a chegada de um momento de maior sensibilização em torno da cultura corporal, principalmente no que diz respeito aos espetáculos e exibições do corpo que se tornara belo porque vence e porque exhibe formas “perfeitas”.

O fato de o Brasil ter sido bi-campeão de futebol, em 1962, contribuiu ainda mais para a ascensão de um gosto coletivo pelo espetáculo e pela exibição do corpo esportivo. Paralelamente criou-se também o espaço para a divulgação do corpo belo feminino em concursos de miss, por exemplo. Para Azevedo o espetáculo assumiu um lugar cada vez mais importante nas preocupações públicas e uma das razões para que isso tenha ocorrido foi uma transformação das mentalidades associada ao maior acesso de informações via rádio e televisão.

Do ponto de vista educacional, Azevedo considerava que a Educação Física não deveria tratar apenas do corpo, mas também da dimensão moral tendo em vista que os fenômenos orgânicos não poderiam se separar dos aspectos morais do homem.

Acerca das bases científicas, a Educação Física deveria adotar a biomecânica fundamentada nas leis mendelianas de hereditariedade como área norteadora. A biomecânica, segundo ele, estuda o papel das ações mecânicas e dos excitantes funcionais sobre o desenvolvimento e reabilitação de órgãos.

Quanto ao exercício ele é compreendido como “o grande modificador higiênico e plástico”. Sabendo que o exercício físico não é capaz de provocar mudanças em caracteres hereditários e étnicos definitivos, caberia à Educação Física se ocupar com aspectos higiênicos para desenvolver progressivamente o indivíduo restituindo integralmente suas funções e seus órgãos.

Fundamentado em estudiosos como Tissié, Fere e Coubertin, Azevedo também defende a idéia de que a ação muscular pode causar efeitos positivos de ordem biológica – orgânicos para além do sistema muscular – de ordem moral, intelectual e psicológica. O exercício físico, portanto, seria capaz de desenvolver o organismo modelando a aparência e de auxiliar na constituição de uma raça forte “cujos caracteres se tenham firmado” pela prática variada, porém, organizada de exercícios.

Quanto aos objetivos da utilização racional do exercício físico o autor considera não haver neles um fim utilitário além do seu intuito higiênico, plástico e moral “porque são os exercícios poderoso elemento modelador das formas, grande fator na educação da vontade e do caráter, além de portadores da saúde – o melhor presente da vida” (AZEVEDO, 1960 p, 42).

Ao tratar do exercício físico na puberdade além de assegurar os seus benefícios para a saúde Azevedo se declara completamente a favor do controle sexual dos jovens, sobretudo, no que diz respeito ao onanismo:

[...] Mas há um ponto, que não se abordou; é que, na observação de Roger, como esta disposição da alma às ações viris, este gosto dos nobres prazeres da atividade preserva das seduções da moleza e volúpia, a Educação Física torna-se uma salvaguarda da moralidade privada, sobretudo no momento da puberdade, nesta idade crítica, em que as forças por longo tempo armazenadas fazem de repente e simultaneamente, explosão de uma seiva exuberante, *que tende a concentrar-se sobre os órgãos da geração* e que o exercício reparte por todas as partes do corpo humano, destruindo ou prevenindo, pela fadiga dos membros e pela excitação muscular, as perigosas tendências da época pubertária (*Ibidem* p. 44)

No que concerne às crianças, o autor considera que a Educação Física deve se apropriar de conhecimentos didáticos e pedagógicos para promover o gosto pelas atividades físicas. A importância do exercício físico para esse grupo está na necessidade de satisfazer o “apetite físico” - muito característico das crianças -, na necessidade de estimular o desenvolvimento muscular e nervoso, e de canalizar um “supérfluo inaproveitado de energia” (*Ibidem* p. 64). Azevedo ainda se preocupa em adequar o tipo de exercício físico conforme a faixa etária das crianças. Para ele, por exemplo, a ginástica só poderia ser realizada a partir dos 8 anos. Antes disso a Educação Física deveria se constituir apenas de jogos.

Sobre a questão da Educação Física escolar o estudioso admite que os exercícios físicos devem procurar o desenvolvimento da saúde, do vigor, da

agilidade, da destreza e da beleza corporal, os quais devem ser conquistados através do desenvolvimento gradativo e lento dos órgãos em geral e não pelo “engrossamento do músculo”. Ele admite com base em Claparède que a ginástica escolar deve compreender duas formas, a ginástica educativa – quando se quer desenvolver a atenção, a coragem e o vigor - e a ginástica higiênica – quando se quer corrigir os defeitos do corpo associados a sua fisiologia ou anatomia.

Nesse contexto, Azevedo procura organizar simetricamente as suas funções para alcançar a proporcionalidade da própria forma corporal. Curiosamente o autor tem a estatuária grega como referência histórica para ilustrar o ideal de proporcionalidade:

[...] Vista através deste novo prisma, é hoje de certo a ginástica mais do que a base fundamental da Educação Física de ambos os sexos; é mais do que uma parte do programa de educação completa, à qual devemos os modelos clássicos da estatuária helênica (*Ibidem* p. 72).

Em relação ao exercício físico aplicado às mulheres é possível identificar dois objetivos. Além de favorecer a saúde, o exercício deveria ser ministrado para conquista ou manutenção da graça feminina. Baseando-se num princípio de complementaridade entre o sexo feminino e o sexo masculino também conhecido como princípio do dimorfismo sexual.

Para ele o dimorfismo sexual é composto por um instinto de compensação que leva “cada indivíduo a desejar por companheira ou companheiro o ser que melhor o complementa” (*Ibidem*, p. 82). Este princípio, entretanto, é posto em funcionamento por um mecanismo de diferenciação sexual pautada nas particularidades anatômicas do homem e da mulher. Segundo Azevedo, toda atuação da Educação Física, portanto, deveria respeitar o preceito do dimorfismo sexual, pois, isto garantiria a manutenção dos atributos plásticos femininos e masculinos, favorecendo a procriação normatizada.

O duplo papel masculino e feminino concebido num sentido complementar transmite idéias de procriação que vão além do ato sexual em si. A escolha do parceiro, a mútua sedução dos nubentes, todo tipo de relação de caráter sexual que precede o coito e a concepção é definido pelo corpo e, sobretudo, pelo potencial de sedução de cada sujeito que pode ser medido pela aproximação em relação às formas corporais pré-determinadas para cada sexo.

Para Azevedo, a procriação seria mediada inicialmente pela aparência padronizada e teria maior chance de sucesso se o casal tivesse características corporais normais para cada sexo. Na sedução, o autor encontra um argumento para sustentar a aplicação de um tipo menos robusto de exercício para as mulheres:

[...] A fôrça a preço da rigidez física não poderia seduzir o gosto do homem nem o ideal físico da mulher cuja robustez deve a educação física desenvolver harmonicamente por exercícios próprios, de maneira que o aperfeiçoamento fisiológico corresponda sempre uma cuidada elaboração estética (*Ibidem* p. 82).

No caso da mulher, portanto, seria necessário que a educação física lhes concedesse o vigor necessário, para que pudessem suportar calmamente e sem perigo a maternidade e suas “duras provas”.

[...] De resto, o corpo bem equilibrado é forte e belo. A beleza está unida à força como o perfume à flor. Mas devido aos princípios apriorísticos de uma estética falsa raramente tem passagem vitoriosa pelas rodas elegantes a observação exata de Müller de que o segredo da beleza do corpo feminino, representada pela estatuária antiga, está em que os seus modelos possuíam o colete muscular natural, em vez do inquisitorial espartilho moderno (*Ibidem*, p. 80).

A leitura de Azevedo revela a presença de certos princípios de controle do corpo atrelados à aplicação racional do exercício físico. Esses princípios indicam aspectos do regime de verdade em vigor naquele momento.

Para Foucault (1999), cada tipo de sociedade desenvolve o seu regime de verdade definindo tipos diferentes de discurso, de saber, e, sobretudo, novos tipos de sujeito. Estando associada à história das idéias e, principalmente, ao saber científico, a verdade se realiza na apropriação de um fenômeno. Apropriação que pode ser discursiva ou não discursiva, mas que insere um certo fenômeno nos domínios do conhecimento, tornando-a objeto de saber.

Certamente as políticas de combate à fealdade, das quais a Educação Física contemporânea surgiu, promoveram estratégias de objetivação da degenerescência, da feiúra e da beleza visando conhecê-los para criar novos tipos de discursos, e produzir tipos diferentes de sujeitos com diferentes expectativas em relação a sua própria imagem de corpo.

No caso da Educação Física defendida por Azevedo, os princípios que acompanharam seu desenvolvimento refletem certas demandas sociais da sua época. O dimorfismo sexual, por exemplo, remete ao uso da Educação Física para

controlar ou orientar a conduta sexual, definindo papéis e modelos de corpos masculinos e femininos. A seleção sexual e a simetria corporal, por sua vez, remetem ao uso do exercício físico como técnica de “correção” dos caracteres sexuais secundários, com a finalidade de atrair parceiros sadios e belos para a produção de indivíduos superiores.

Não obstante as demandas sociais da época de Azevedo, o culto ao corpo aparecera com uma relativa força nas metrópoles brasileiras nos anos 20, momento em que a prática do culto ao corpo obteve destaque. Para Castro (2001, p. 14), a difusão da ginástica e dos esportes levou à imposição do modelo de corpo esguio e esbelto, capaz de “[...] responder aos ideais de leveza e dinamismo presentes no contexto, caracterizado pela urbanização crescente e pela proliferação de espaços públicos, como os locais de consumo e lazer, que levavam as pessoas – principalmente as mulheres – a cuidarem mais da apresentação”.

De fato os anos 20 foram importantes para o desenvolvimento do culto ao corpo belo. De acordo com Vigarello (2006), nesta década a beleza passou por uma grande transformação, principalmente em relação à forma física da mulher. Deu-se início à magreza como uma norma coletiva, e foram realizadas alterações nas linhas do corpo, nos tipos de penteado e na exposição do rosto. Referências sobre as “alturas do corpo”, da distância entre o pé e a cintura, por exemplo, foram alteradas pelas principais revistas de moda da época.

A forma como o corpo passou a ser mostrado refletiu a necessidade de caracterizar uma nova figura feminina que transgride os valores tradicionais, mas, que é capaz de manter a sua feminilidade fora do ambiente doméstico. A maior exposição do corpo feminino ocasionou uma maior atenção sobre a desenvoltura de seus movimentos. Para Vigarello a apresentação de corpos femininos “mistura vigor e magreza” e põe em evidência “os efeitos musculares”, e a leveza de movimento. “O corpo feminino faz parte pela primeira vez da manifestação “fisiológica” da “atividade”: músculo visível, “elástico”, exercitado”, propriedade até então exclusiva do homem (VIGARELO, 2006, p. 150).

Também surge neste período uma abordagem mais intensa sobre a gordura do corpo, abordagem patológica, que inaugurou uma declarada aversão ao “engordamento” e à obesidade. O desvio da normalidade, ou seja, a transição do corpo magro para o corpo gordo passa a significar “o entorpecimento das carnes, a ruína insensível da pele, a derrocada insensível dos traços” (*Ibidem*, p. 153).

Nas décadas seguintes, a patologização da gordura continua ao mesmo tempo em que imagens de corpos esportivos, ativos ganham mais notoriedade. Concomitantemente, o advento da mídia e do cinema reforça ainda mais a vigilância sobre as medidas e circunferências do corpo (FEATHERSTONE, 1995).

Mais tarde, nos anos 60, verifica-se uma intensificação dos cuidados com a imagem, principalmente, no que diz respeito ao aumento no consumo de produtos de beleza e adoção de novas formas de se vestir e de exhibir o corpo. O advento da mini-saia e das pílulas anticoncepcionais, entre outras conquistas femininas, definem um modelo de mulher mais independente em relação a seu corpo.

Em relação à saúde, verifica-se após a segunda guerra mundial uma alteração no seu conceito. Da concepção primitiva de saúde enquanto ausência de doenças ela passa a ser entendida como “estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Em meio a isso, ratifica-se a imagem do corpo magro e “sem gordura” como o ideal de corpo saudável.

Com o surgimento de novas tecnologias de embelezamento a beleza passou a ser mais divulgada como um objetivo que todos podem alcançar. Inicia-se, assim, na década de 60 uma democratização da beleza caracterizada por uma ordem estética mais acessível. O advento do corpo como objeto de consumo encontra uma mola propulsora no capitalismo que incita a circulação econômica dos mais diversos produtos. Dentro desse contexto, a magreza, já estabelecida como referencial de beleza, passou a representar o universo dinâmico da cultura capitalista que põe em jogo a “erotização e a funcionalidade” dos corpos (VIGARELLO, 2006).

Em relação à gordura, o crescimento de letargia e de inatividade contribuiu para a adoção de medidas epidemiológicas de combate à obesidade nas quais o exercício físico teve papel fundamental. Entre as décadas de 50 e 60, o treinamento físico começa a assumir uma forma diferente do já conhecido treinamento desportivo. A necessidade de investir sobre o condicionamento físico da população abre espaço para investigações científicas sobre o exercício físico. Segundo Powers e Howley (2000, p. 06):

O [...] interesse na atividade física e na saúde foi estimulado no início da década de 50 por duas importantes descobertas: autópsias feitas em jovens soldados mortos durante a Guerra da Coreia revelaram que eles já apresentavam coronariopatia e Hans Kraus mostrou que crianças americanas apresentavam mau desempenho num teste de condicionamento muscular mínimo em comparação com crianças européias. Em razão dessa

última observação o presidente Eisenhower iniciou uma conferência em 1955 que resultou na formação do President's Council on Youth Fitness. A American Association for Health, Physical Education, and Recreation (AAHPER) apoiou essas atividades e, em 1957, desenvolveu o AAHPER Youth Fitness Test com normas nacionais a serem utilizadas nos programas de educação física em todo o país.

O desenvolvimento do saber científico sobre o exercício físico e a aptidão física deflagrou a criação de instituições destinadas à formação de jovens atletas e à avaliação de seu desempenho, como o Colégio Americano de Medicina Esportiva (ACMS), por exemplo.

Neste contexto, especificamente entre as décadas de 60 e 70, surge a figura do fisiologista norte-americano Cooper - na época diretor do Laboratório Espacial da NASA nos EUA - responsável pela publicação das obras *Aerobics* e *The new aerobics*, ambas sobre o exercício físico aeróbico.

Partindo de estudos desenvolvidos na força aérea norte-americana em pleno momento de expansão armamentista e espacial, Cooper tentou comprovar o valor do exercício físico para manter e para se conquistar um corpo saudável.

Através da sistematização dos exercícios aeróbicos, o fisiologista adotou como objetivo combater problemas como o sedentarismo e a cardiopatia que se apresentavam amplamente nas populações das Américas. O caminho para isso seria aprimorar ao máximo, por meio do exercício, a capacidade aeróbica dos indivíduos, ou seja, aumentando a capacidade corporal de absorver e processar oxigênio dentro de um determinado período de tempo.

Cooper (1972b, p. 06) resume a cientificidade de seu método da seguinte forma:

Todos os exercícios comuns foram cientificamente medidos pela quantidade de energia que o corpo despendia para executá-los. Esta quantidade era calculada em pontos – quanto mais energia se gastava, mais pontos se ganhava, menos energia, menos pontos e o número necessário de pontos para produzir um nível ideal de aptidão foi estabelecido com segurança pelos nossos cálculos.

Uma das principais inovações do “método Cooper” foi certamente a “tabela de pontos” que indicava para cada sujeito a meta de exercício aeróbico calculada pelo seu gasto de energia. Seguindo um esquema de progressão um maior número de pontos significaria um maior esforço despendido, isto é, uma maior quantidade de oxigênio absorvida pelo organismo num período de tempo mais curto.

Do ponto de vista da aplicação, o sistema Cooper preconizava um controle das variáveis biológicas para se alcançar resultados de forma segura. Além da tabela de pontuações, outra forma de controle necessária à realização do programa é a classificação de sujeitos em grupos conforme seu nível de aptidão.

Categoria de Aptidão		Distância Percorrida	Consumo de Oxigênio
I	Muito Fraca	menos de 1600 m	28,0 ml ou menos
II	Fraca	1600 – 2000 m	28,1 a 34 ml
III	Razoável	2000 – 2400 m	34,1 a 42 ml
IV	Boa	*2400 – 2800 m	42,1 – 52 ml
V	Excelente	2800 ou mais	52,1 ou mais
*Para homens acima de 35 anos, 2200 m em 12 minutos pode ser considerado boa categoria. Para mulheres, a categoria boa parece ser mais de 2000 em 12.00 minutos. Entretanto, nossos estudos sobre a atuação das mulheres ainda não estão completos.			

Quadro 1- **Quadro de classificação para o teste de 12 min. (COOPER, 1972b, p. 38).**

O quadro acima se refere à distribuição de sujeitos conforme seu desempenho em categorias. Este procedimento de classificação representa uma etapa inicial e uma forma de avaliação dos progressos dentro do programa de treinamento.

O recurso classificatório, no entanto, reflete uma prática de exclusão a qual o autor mesmo diz ser muito comum no meio militar. O próprio Cooper considera que todo indivíduo inapto ao exercício é na verdade um “aleijado social” e que a “inatividade física é um crime”. A prática do exercício, contudo, representa a solução para essa exclusão na medida em que ela promove melhorias nas funções do organismo. O ganho de resistência, nas palavras do autor, funciona como “um seguro de vida” (1972b, p. 14).

Um olhar mais profundo permite perceber que as contribuições teóricas de Cooper sobre o exercício aeróbico refletem uma preocupação com a saúde, particularmente com a manutenção ou aquisição de uma melhor qualidade de vida através de bons níveis de aptidão física. Há, portanto, uma reprodução de princípios biopolíticos, sobretudo, porque o exercício físico promove efeitos de potencialização fisiológica com claras implicações sociais:

[...] os exercícios aeróbicos não se restringem a prevenir dificuldades cardíacas; manifestam-se com outras promessas orientadas à saúde do povo. Os Russos e os Alemães já provaram que programas de exercícios físicos para as massas populacionais são a mais eficiente modalidade para

elevar o nível de aptidão física de uma nação inteira (COOPER, 1972a, p. 04).

Ao se referir a exemplos de outras nações para justificar o sucesso do exercício aeróbico para a saúde, Cooper revela a perpetuação de uma razão governamental que se desloca das esferas macrofísicas, institucionais, para as esferas microfísicas, das relações pessoais.

Trata-se da responsabilização do sujeito sobre sua saúde, sobre seu corpo, sobre a quantidade de gordura corporal, e até sobre sua própria beleza. Este último aspecto pode ser melhor percebido quando da aplicação do exercício para mulheres. A postura, a leveza, a forma do corpo, a graciosidade de movimentos, “o *appeal*” da mulher independente deve ser produzido pelo exercício que pode provocar mudanças no corpo e na mente (COOPER, 1972b, p. 128).

Entre as obras de Cooper e Azevedo é possível perceber algumas preocupações semelhantes, principalmente quanto aos objetivos e à aplicação do exercício físico. Apesar de Cooper adotar uma perspectiva pragmática de treinamento e de Azevedo se ocupar em discutir propostas de ensino para a Educação Física, os dois autores compartilham de uma visão biopolítica do exercício físico a qual pode ser verificada nas influências teóricas dos dois autores. Cooper, na obra *Capacidade aeróbica*, revela uma proximidade com a escola sueca de treinamento físico:

[...] Os padrões que estabeleci foram baseados principalmente nos padrões suecos e adaptados a grupos etários – e os pesquisadores suecos dedicados à fisiologia dos exercícios desde há muitos anos são reconhecidos como líderes neste difícil assunto (1972a, p. 12).

Da mesma forma, Azevedo considera que a ginástica sueca como superior aos demais sistemas de ginástica:

[...] somos da opinião que a ginástica de aparelhos (alemã ou francesa) deve ser suprimida em pedagogia [...] se o movimento em si não basta *a si mesmo*, e, se enfim, ele deve ser regulado por uma *sintaxe*, esta *sintaxe* é fornecida pelo método de ginástica sueca (1960, p. 129).

Em sua essência, o método ginástico sueco esteve voltado à formação de indivíduos fortes e saudáveis baseando-se na ciência e na análise anatômica do

corpo. Segundo Soares (2004), o método sueco demonstra um viés médico e higiênico, bem como uma concepção anatomofisiológica do homem.

Nas teorias de Cooper, de Azevedo e na proposta do método sueco é possível perceber a aplicação funcionalista do exercício físico voltado à correção fisiológica e estética dos corpos. Ao visar o domínio da beleza e da saúde corporal, a Educação Física corroborou para perpetuar a idéia biopolítica de que o corpo pode ser modificado tecnologicamente. Firmando-se como uma “pedagogia dos corpos retos” sua atuação como subárea da medicina possibilitou a construção de aparências aprimoradas, longilíneas, saudáveis, ativas e conseqüentemente dotadas de uma visibilidade valorizada socialmente (SOARES; FRAGA, 2003).

Nesse sentido, é possível considerar o papel histórico que a Educação Física desempenhou ao associar a construção de corpos belos a uma performance corporal condizente com as expectativas econômicas de potenciação do controle social. Não obstante o fortalecimento do controle sobre a imagem do corpo nas sociedades ocidentais, nós acreditamos que o desenvolvimento do controle da aparência corporal demandou uma concomitante ampliação de possibilidades de resistência e de utilização da beleza como contra-resposta à produção institucional de subjetividades.

Contrariando a perspectiva do domínio institucional da aparência física, no capítulo seguinte refletimos, à luz da teoria de Foucault, sobre essa dimensão da resistência considerando a construção de corpos belos enquanto uma tecnologia de si que encontra na atual cultura somática condições de moralidade favoráveis à produção de poder a partir do cuidado com o próprio corpo.

CAPÍTULO 3

O CORPO BELO COMO TECNOLOGIA DE SI

3.1 Desvendando o sujeito do desejo em Foucault

Para além do controle biopolítico e institucional da aparência corporal, o movimento de inserção da beleza nos jogos da verdade e do saber apresenta uma dimensão que é a das tecnologias de si. As tecnologias de si correspondem aos modos como o sujeito governa sua própria subjetividade observando sua posição e liberdade no interior dos jogos de poder (FOUCAULT, 1988).

Para Foucault (2005a; 2006c), ao transitar entre as linhas de força que demarcam suas formas de viver, o sujeito é capaz de atuar estrategicamente exercendo poder sobre si. Assim, conforme certos limiares estabelecidos socialmente o sujeito pode fazer uso das tecnologias de si para atingir estados de felicidade, satisfação e autoconhecimento. Retornemos, portanto, à teoria de Foucault no sentido de discutir a construção do corpo belo como uma tecnologia de si.

Buscando orientação nas reflexões sobre Ética e Estética da existência, trataremos de demonstrar como Foucault chegou ao conceito de tecnologia de si, iniciando a partir da mudança teórica deflagrada pela investigação sobre o “sujeito do desejo”, que levou ao desenvolvimento dos estudos sobre as artes da existência e hermenêutica do sujeito. Nos demais sub-capítulos discutiremos os princípios que norteiam o funcionamento das tecnologias de si e a construção do corpo belo como um poder na contemporaneidade.

O primeiro aspecto a ser ressaltado diz respeito ao ponto de transição localizado exatamente entre os livros *A vontade do Saber* e *O uso dos prazeres*. Para compreendê-lo é preciso antes lançar um olhar sobre o projeto foucaultiano sobre a História da sexualidade²⁴ que foi iniciado com a publicação da obra *A vontade de saber*.

²⁴ Essa ordem, no entanto, não condiz com a idéia original que era a de realizar uma seqüência de livros abordando as questões do dispositivo da sexualidade ainda no século XIX: [...] O domínio a ser analisado nos diferentes estudos que seguirão ao presente volume é, portanto, este dispositivo da sexualidade: sua formação a partir da carne, dentro da concepção cristã; seu desenvolvimento através das 4 grandes estratégias que se desdobram no século XIX: sexualização da criança,

Ao escrever este livro, Foucault teve como objetivo desvendar as razões pelas quais nas sociedades ocidentais o discurso sobre sexo se tornou tão vigiado, mas ao mesmo tempo tão interessante. Recorrendo a uma genealogia ele colocou a seguinte questão: Porque a sexualidade foi tão estimulada a falar de si, principalmente a partir dos séculos XVIII e XIX? As reflexões do filósofo apontavam para o surgimento de uma *scientia sexualis* que veio a se apoderar das práticas sexuais enquanto objeto científico trazendo como consequência o controle do corpo das mulheres e, sobretudo, das crianças.

Esse controle se tornou essencial para garantir o isolamento das perversões e dos comportamentos desviantes que representavam o contraponto a uma Biopolítica das populações recém instalada na Europa. Foucault aponta ainda para o surgimento do termo sexualidade no século XVIII e do termo sexo no século XIX - enquanto repercussões da noção de carne fundamentalmente associada à moral cristã -, e para o nascimento de um dispositivo da sexualidade que substituiu o dispositivo jurídico-discursivo da aliança (FOUCAULT, 1999; 2006a)

No livro posterior, *O uso dos prazeres*, a intenção de Foucault foi continuar a investigação sobre a história dos comportamentos sexuais, enfatizando a conduta sexual “enquanto experiência”. Nesta obra ele modifica o seu campo de pesquisa da Modernidade para a Antiguidade Clássica para identificar as práticas através das quais os indivíduos poderiam se reconhecer como sujeitos da sexualidade.

No universo da na moral Grega, Foucault desvenda as práticas de uma regulação rudimentar do desejo sexual fundada na idéia de controle dos próprios excessos enquanto meio para dominar os outros.

O mesmo percurso foi realizado no terceiro livro, *O cuidado de si*, mas abordando a sociedade romana dos séculos I e II com o objetivo de identificar as formas de austeridade sexual no contexto moral dominado pelo estoicismo que precedeu à ascensão da era cristã. Foucault comprova na moral Romana o aparecimento de tecnologias de si voltadas ao cuidado de si mesmo e à prevenção dos males que uma conduta sexual desregrada poderia provocar. As figuras da mulher e da esposa, neste momento, passam a ocupar um lugar de maior destaque na problematização das condutas sexuais em relação à sociedade Grega.

histerização da mulher, especificação dos perversos, regulação das populações; estratégias que passam todas por uma família que precisa ser encarada, não como poder de interdição e sim como fator capital de sexualização (FOUCAULT, 2006a p. 125).

Além da riqueza teórica do projeto sobre a história da sexualidade uma mudança na abordagem entre a primeira obra e as duas seguintes marcou definitivamente os rumos da pesquisa foucaultiana. Foucault reconhece esse fato como uma estratégia para encontrar um ponto de intersecção entre uma “arqueologia das problematizações” e uma “genealogia das práticas de si”, ou seja, de investigar mais profundamente como, no decorrer da história, os indivíduos passaram a se reconhecer enquanto sujeitos da sexualidade. Essa tomada de consciência teve certos efeitos. O primeiro deles foi o distanciamento dos campos da modernidade para buscar o momento a partir do qual o sujeito passara a dar atenção a sua conduta sexual. Justamente neste ponto Foucault modifica seu enfoque das tecnologias de dominação para o estudo das tecnologias de si.

[...] Talvez eu tenha insistido muito nas tecnologias de dominação e de poder. Eu estou cada vez mais interessado na interação entre o sujeito e o outro no contexto das tecnologias de dominação de si, na história de como o indivíduo age sobre si mesmo através das tecnologias de si (FOUCAULT, 1988 p. 17)

O seu primeiro entendimento de tecnologias de si é o de práticas refletidas e voluntárias através das quais os sujeitos se fixam regras e procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular (FOUCAULT, 2006c). Nos estudos posteriores realizados por Foucault, o conceito ganhou um entendimento mais geral, particularmente no contexto da hermenêutica de si, como iremos demonstrar adiante.

Foucault ainda percebe a necessidade de investigar como os indivíduos da antigüidade foram capazes de se reconhecer como “sujeitos do desejo” e de que forma o desejo foi problematizado naquelas sociedades. Os motivos que o levaram a isso são lógicos: 1 - o recuo histórico não permitiria falar de uma “sexualidade”, mas sim de um regime de regulação das condutas sexuais. No contexto Grego, essas condutas foram compreendidas através do termo *aphrodisia*; 2 - se a pretensão era realizar uma genealogia da sexualidade seria necessário abordar aquilo que é alvo de maior controle, ou seja, o próprio desejo. Com isso tornou-se necessário investigar as práticas interpretativas que levariam os indivíduos a se identificarem como sujeitos do desejo, isto é, as formas que possibilitariam ao indivíduo se preocupar com a sua moralidade nos campos do desejo sexual.

Tornou-se ainda necessário visualizar o sujeito no lugar central da construção de suas formas de viver, e investigar através de que medidas ele seria capaz de realizar sobre si mesmo certas estratégias de poder que permitiriam construir uma vida bela, ou simplesmente uma vida gerida e dominada por si próprio.

Mas, porque a ruptura em relação às técnicas de dominação foi tão significativa para Foucault? A resposta para essa pergunta talvez possa ser obtida observando os desdobramentos conceituais na própria obra do autor. Acreditamos ser possível medir essas repercussões em dois níveis: 1- No nível do que já foi dito pela teoria, 2- No nível das novas abordagens de estudo.

Para entender os reflexos no nível do que já foi dito pela teoria basta observar como o sujeito era percebido por Foucault até então: apenas como um “produto” das práticas discursivas e não-discursivas de poder, ocupando o lugar de objeto de saber e alvo material de práticas disciplinares e controladoras do corpo. Na forma anterior de entender o sujeito ele parecia desempenhar um papel “cego” desprovido dos artifícios para se reconhecer enquanto tal, e sendo assim seria impossível a qualquer indivíduo conhecer a si mesmo e agir sobre si mesmo. Em outras palavras, mesmo estando dentro dos jogos de verdade e desempenhando papéis de objetivação e subjetivação, esse posicionamento negaria incoerentemente ao sujeito a capacidade de agir sobre si.

A segunda possibilidade de medir a mudança teórica sobre o sujeito diz respeito ao desdobramento de novos conjuntos de investigações voltadas ao governo dos outros e à hermenêutica do sujeito.

Entende-se por hermenêutica do sujeito a investigação sobre as diversas práticas voltadas à interpretação e decifração de si que são operadas pelos indivíduos ao longo das suas existências. Ela diz respeito às tecnologias de reconhecimento da própria subjetividade encontrando fundamento nas idéias de auto-avaliação e avaliação das ações realizadas em certas circunstâncias da vida (*Ibidem*).

A primeira menção que Foucault faz sobre a hermenêutica acontece no livro *Uso dos prazeres* e remete exclusivamente à problematização moral dos prazeres sexuais na antigüidade. Entretanto, a análise mais profunda que Foucault realiza sobre a hermenêutica do sujeito está numa obra de mesmo título que resultou do curso ministrado no *Collège de France* em 1982. É neste livro que Foucault transita da esfera da sexualidade para a esfera hermenêutica, apresentando de maneira

mais geral os conceitos de espiritualidade e de filosofia como duas formas de relacionar o sujeito com a verdade.

Em outros textos da mesma época, Foucault revela claramente o desejo de investigar a hermenêutica ao invés de continuar a explorar os campos do poder e da dominação, e isso o levou a realizar uma espécie de evolução histórica das tecnologias de si, desde a antigüidade até a idade média²⁵. Neste momento o conceito de tecnologias de si passa a ser compreendido além dos discursos da sexualidade. Entende-se tecnologias de si como o conjunto de

[...] procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si sobre si. (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Durante o período em que se dedicou a pesquisar as formas de construção do sujeito, Foucault além de identificar um número bastante variado de tecnologias de si conseguiu revelar com que finalidade elas foram colocadas em prática ao longo da história: provocar uma “subjetivação da verdade”, ou simplesmente, promover um acesso do sujeito sobre sua própria subjetividade através da uma imersão no universo do que deve ser conhecido por si.

Toda reflexão realizada nesse sentido tem uma relação com os possíveis desígnios da vida e com as formas de direcionamento da existência na prática. Isso significa que as tecnologias de si definem uma estilística, ou seja, habitam o campo da prática determinando diferentes estilos de vida. Percebendo que essas orientações têm uma finalidade sobre a forma de se viver Foucault apresenta também o conceito de estética da existência. Para ele a estética de existência é “a arte refletida de uma liberdade percebida como um jogo de poder” (2006c, p. 220).

Embora o conceito tenha surgido nas reflexões sobre a antiguidade é possível pensar a estética da existência na atualidade como o esforço para desenvolver um estilo de vida belo de acordo com a idéia de liberdade admitida pelo sujeito. Essa condição qualifica o conceito como uma experiência relativa e particular resultante dos processos sociais e das relações de poder que vigoram sobre cada

²⁵ Na Idade Média especialmente ele constata que as tecnologias de si passaram por uma obliteração visto que a moral cristã impôs a renúncia de si como uma condição para a salvação da alma (FOUCAULT, 1988).

subjetividade. Para o autor a busca por uma estética da existência preencheria uma lacuna moral da contemporaneidade

Da Antigüidade ao cristianismo, passou-se de uma moral que era essencialmente uma busca de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras. E se eu sei me interessar pela Antigüidade, é que, por toda uma série de razões a idéia de uma moral como obediência a um código de regras está em processo, presentemente, de desaparecimento; já desapareceu. E à essa ausência de moral, responde, deve responder, uma busca de uma estética da existência (FOUCAULT, 1994, p. 731).

O surgimento da hermenêutica e da estética da existência ocorreu no momento em que Foucault se interessou pela dimensão Ética da conduta sexual na antigüidade, mais especificamente pela investigação da moralidade reguladora do desejo nas sociedades greco-romanas. Essa trajetória se deu através da identificação de um código moral e não propriamente de um dispositivo de poder, tendo em vista a inexistência das Instituições neste ponto histórico²⁶. Isto levou Foucault a perceber os princípios “conhece-te a ti mesmo” e “cuida de ti mesmo” como fundamentais para o funcionamento das tecnologias de si, pois, na ordem destes dois imperativos foram construídas as práticas de reconhecimento de si e produção de si ao longo da história ocidental. No tópico seguinte discutiremos estes dois princípios como princípios funcionais das tecnologias de si.

3.2 “Cuidar” e “conhecer”: princípios das tecnologias de si

O percurso trilhado por Foucault para desvendar os jogos de verdade que permitem ao individuo reconhecer-se como sujeito de si, revelou a existência de dois princípios fundamentais que regem o domínio da existência nas sociedades ocidentais. O primeiro deles é o preceito délfico, *ghnôthi seauton*, “conhece-te a ti mesmo”, o segundo princípio é o *epimeleia heauto*, “cuide de ti mesmo”. Ambos aparecem sempre de maneira associada, vinculados a sentimentos de felicidade e purificação, mas apresentam formas de interação que se diferem ao longo da história. Foucault (1988) tentou rastrear essas diferenças, chegando a demonstrar

²⁶ [...] Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma o dito e o não-dito são os elementos do dispositivo (FOUCAULT, 1999 p. 137).

como os dois princípios interagem entre si nas estruturas de moralidade de cada época.

Nas sociedades antigas, por exemplo, os dois princípios parecem estar voltados à construção de uma existência bela ou de uma experiência de vida caracterizada pela parcimônia, pela sobriedade e controle das próprias paixões. Cada princípio preconizava de maneira imperativa que o sujeito se voltasse a si, para melhor se conhecer, para se ocupar ou cuidar de si, mas com a finalidade maior de alcançar uma “vida bela” ou um estado de “gozo de si” (FOUCAULT, 2005a; 2006c). O próprio estilo de vida era objeto de atenção e carecia de ser construído através de um grande número de práticas que variavam desde a realização de exercícios físicos até a prática de dietas e meditações.

No âmbito do cristianismo a relação entre os dois princípios se inverte principalmente devido à instalação de uma moral ascética, da renúncia de si, e da obediência a Deus. Neste período, é possível verificar o aparecimento de técnicas de revelação e de renúncia de si que resultam da desvalorização do princípio “cuide de ti mesmo” em relação ao “conhece-te a ti mesmo” (FOUCAULT, 1997; 2006c). Percebe-se, entretanto, que a renúncia de si tinha como objetivo alcançar plenitude e felicidade individual num estado de vida eterna no reino dos céus (*Ibidem*, 1988).

Na modernidade esta moral ascética permaneceu, entretanto, certas condições que se estabeleceram a partir do surgimento das Instituições de Estado e da emergência da Ciência – com as práticas do tipo educativo, médico e psicológico - ocasionaram a consolidação de um “momento cartesiano” caracterizado por um reconhecimento do sujeito como sujeito do saber (FOUCAULT, 2004b; 2006c; FAVORETTO, 2004).

Foucault não chegou a realizar pesquisas sobre como esses dois princípios se relacionam na contemporaneidade, entretanto, ele nos deixou algumas pistas, principalmente quando ele se refere à derrocada da moral ascética e à instalação de um mecanismo de controle-estimulação a partir de dos anos 60 do século XX (FOUCAULT, 1988; 1994; 1999). Provas desta suposição podem ser encontradas nas teorias que associam a busca pela beleza corporal com uma crise da autoridade, e à multiplicação de práticas científicas de intervenção sobre a imagem do corpo (MAFFESOLI, 1996; GIDDENS, 2002; MELMAN, 2003; COSTA, 2004; LE BRETON, 2007).

Não obstante o percurso acima descrito, Foucault conseguiu demonstrar como esses dois princípios estão associados ao funcionamento das mais variadas tecnologias de si e como estas tecnologias de si estão vinculadas às expectativas de felicidade, de bem-estar e auto-satisfação. É este aspecto do funcionamento das tecnologias de si que gostaríamos de ressaltar agora. Partamos de alguns exemplos presentes na própria teoria foucaultiana.

A Dietética²⁷, que trata especificamente da regulação do corpo através de todo o conjunto de práticas as quais dizem respeito diretamente à *saúde*, age como uma espécie de regime moral e não apenas como forma de controle e prevenção de doenças do corpo e da alma. O consumo de alimentos e de bebidas, a realização de exercícios físicos e de descanso são considerados importantes para o *conhecimento* do corpo desde que realizados equilibradamente.

Na interpretação dos sonhos de Artemidoro pode-se constatar a necessidade de *conhecer e interpretar* o sono como forma de *cuidar de si* e suportar mais facilmente os sofrimentos terrestres.

[...] as imagens do sono eram consideradas, pelo menos algumas dessas imagens, como signos de realidade ou mensagens do futuro, decifrá-las tinha um grande valor: uma vida racional não podia se poupar dessa tarefa [...] mesmo quando o sonho nada mais faz do que anunciar um acontecimento sem nada prescrever, mesmo quando se supõe que o encadeamento do futuro é inevitável, é bom conhecer antecipadamente o que deve acontecer para poder preparar-se (FOUCAULT, 2005a p. 14).

Na tradição epicurista e estóica, realizavam-se exercícios de abstinência como um caminho para suportar privações e para *conhecer* os limites pessoais de prazer e sofrimento. É possível perceber a realização de práticas voltadas ao *conhecimento de si*, mas com a finalidade de fortalecer a vontade e a capacidade de resistir facilmente a desejos supérfluos que escravizam o sujeito (*Ibidem*, 2005a).

Na filosofia platônica encontram-se recomendações sobre a realização de técnicas de si com fins políticos, por exemplo, no contexto do casamento homem e mulher deveriam seguir certos regimes sexuais para garantir o sucesso da concepção e a procriação de uma prole *saudável e bela* que serviria aos interesses da *polis* (*Idem*, 2006c).

²⁷ Segundo Foucault (2006c) a Dietética, a Erótica e a Econômica formam as três grandes tecnologias de si que foram desenvolvidas no pensamento Grego para regular as condutas dos sujeitos.

No resumo do curso *Hermenêutica do sujeito*, Foucault (1997) enumera uma série de funções atribuídas às tecnologias de si. Dentre elas ressaltamos a função política, a pedagógica, a crítica, a de *luta*, a *terapêutica* e a *curativa*. Todas essas funções encontram operacionalização em práticas que permitiriam sua ampliação, ou seja, tecnologias de si para conhecer melhor a si, tecnologias de si para cuidar melhor da própria saúde, ou tecnologias de si para interpretar a si.

A partir de exemplos como esses é possível ver claramente uma aproximação das tecnologias de si com o fortalecimento moral, felicidade da relação matrimonial, desenvolvimento de uma instância coletiva e preparação para redução dos sofrimentos próprios da vida. Mesmo na moral ascética as tecnologias de si encontram-se vinculadas a uma idéia de vida extraterrena como produto de uma renúncia da realidade material para ter acesso à felicidade divina. A grande pesquisa realizada por Foucault revelou, então, o motivo mais elementar que move não apenas as práticas de si, mas todas as práticas da existência: atingir um estado de felicidade e plenitude.

Não se trata, contudo, de alcançar um estado de excelência espiritual extracorpórea, mas sim de um controle ético da construção corporal definida como o resultado de uma estilística, de um estilo de vida que é a resultante do trabalho sobre si. Esse trabalho sobre si, no entanto, não tinha o objetivo de “conduzir a vida o mais longe possível no tempo, nem o mais alto possível no desempenho, mas de torná-la útil e feliz nos limites que lhe foram fixados” (FOUCAULT, 2006c, p. 96).

Retornando ao exemplo da Dietética:

[...] a própria “dieta”, o regime, é uma categoria fundamental através da qual pode-se pensar a conduta humana; ela caracteriza a maneira pela qual se conduz a própria existência, e permite fixar um conjunto de regras para a conduta: um modo de problematização do comportamento que se faz em função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se. (*Ibidem* p. 92).

É possível, nesse sentido, identificar a ação das tecnologias de si sobre a própria construção de um corpo belo. Essa construção do corpo no âmbito da leitura foucaultiana - ou seja, na cultura Grega - teria o objetivo de desenvolver uma vida equilibrada obedecendo a critérios de “justa medida” os quais revelariam aspectos da moralidade dos indivíduos. Nesse caso, a simetria é reconhecida como o modelo

norteador, não só das práticas de si, mas também, da maneira a partir das quais essas práticas deveriam ser administradas.

Dois entendimentos, portanto, transpassam esse corpo belo grego: o da simetria do corpo físico como reflexo da temperança, e o da simetria enquanto beleza moral revelada pelo controle de si. Nesse sentido um equilíbrio entre cuidar e conhecer ocuparia também as funções fundamentais de construir a saúde e o bem-estar do corpo - evitando os excessos de uma vida desregrada -, e de orientar para a construção de uma vida bela, ou seja, fundada na parcimônia e na autonomia frente aos prazeres e o desejo.

Foucault (1988; 2004b) ainda ressalta que o papel desempenhado pelos dois princípios “conhece-te a ti mesmo” e “cuida de ti mesmo” está sempre ligado a processos de subjetivação no nível da mudança das atitudes individuais em certas esferas da existência. Esses processos de subjetivação dizem respeito ao contato do sujeito com a verdade, em dois sentidos: 1- de se perceber como sujeito do conhecimento, 2- e de operar sobre si mudanças para ascender ao nível da verdade. As duas possibilidades só poderiam ser realizadas na prática, isto é, na dimensão geral das tecnologias, mas especificamente através das tecnologias de si.

O filósofo parece ter percebido na interação entre os princípios “conhece-te a ti mesmo” e “cuida de ti mesmo” a delimitação de um código que possibilitaria compreender a relação entre sujeito e verdade colocando em funcionamento todo um conjunto de poderes e saberes na forma de leis e regras. Mas, se a interação entre os dois princípios é fundamental para o desenvolvimento de tecnologias de si voltadas à relação sujeito-verdade, o que dizer das tecnologias de si surgidas no período da moralidade cristã em que o “cuida de ti mesmo” foi obscurecido pelo ascetismo? Como foi possível sua formação? Neste caso, a verdade não tinha grandes relações com o corpo e o “conhece-te a ti mesmo” teve maior destaque que o “cuida de ti”. Entretanto o corpo fora negado, mas o cuidado não deixou de existir recaindo desta vez sobre a alma (FOUCAULT, 1988).

A idéia de código enquanto junção dos princípios parece nortear a ação das tecnologias de si na teoria foucaultiana. Entretanto, ela se encontra submetida aos aspectos morais característicos da cada sociedade e isso interfere, como podemos constatar nas observações de Foucault, no próprio funcionamento das tecnologias de si.

Percebemos, dessa forma, que o funcionamento das tecnologias de si depende da dinâmica entre o código “conhece-te a ti mesmo”/“cuida de ti mesmo” e o regime de moralidade em vigência, possibilitando graus de liberdade no nível da estilística - dos estilos de vida (FOUCAULT, 2006c). Estes estilos de vida devem coincidir com as dimensões do homem que precisam ser conhecidas e cuidadas para se ter uma estética da existência ou simplesmente “para afirmar a própria liberdade e dar a sua própria vida uma certa forma na qual podia se reconhecer e ser reconhecido por outros e onde a posteridade mesma poderia encontrar como exemplo” (*Idem*, 1994 p. 732).

Parece não ser possível visualizar a interação entre “conhece-te a ti mesmo” e “cuida de ti mesmo” sem nos apercebermos profundamente dos aspectos culturais nos quais os dois princípios transitam. No sentido de lançar uma luz sobre a construção do corpo belo enquanto uma tecnologia de si na atualidade, nós discutiremos a seguir a contemporaneidade enquanto uma moralidade somática em que o cuidado com o corpo, especificamente a construção de corpos belos, assume um status de poder.

3.3 A moralidade somática contemporânea: cuidar como um poder

Dando seguimento à argumentação sobre as tecnologias de si, nós percebemos a necessidade de discutir a moralidade contemporânea a partir da sua própria ordem de poder, ou seja, da articulação entre as relações de interdição e excitação, prazer e satisfação as quais seguem um regime de controle-estimulação. Regime de natureza biológica que, desde sua criação, promoveu modificações na relação entre vida e morte, incitando o surgimento de novos investimentos sobre a vida - que deve ser protegida a todo custo -, e uma progressiva desvalorização da morte e de seus rituais (FOUCAULT, 1999; 2006a).

Muito se tem comentado sobre o amplo desenvolvimento de tecnologias de maximização do corpo e da vida nos dias atuais. Em relação à beleza, compreende-se que a contemporaneidade é caracterizada por um paradoxo no qual a construção de corpos belos ao mesmo tempo uma obrigação social e um arquétipo de felicidade. Se por um lado o indivíduo sente-se pressionado a construir um corpo belo obedecendo a um padrão de imagem socialmente estabelecido, por outro, a

construção da aparência promove um sentimento de prazer e de realização pessoal (SILVA, 2001; GOLDENBERG; RAMOS, 2002; SANT'ANNA, 2005).

Não obstante as determinantes históricas que nos permitem falar numa “recuperação do corpo” nas sociedades ocidentais hodiernas, a transformação do corpo em objeto de consumo, a mediação das práticas corporais, e a mercantilização das intervenções sobre a beleza e a saúde revelam um vínculo indissociável entre os investimentos somáticos e a satisfação individual.

Nesse sentido, Costa (2004) - eminente psicanalista brasileiro que tem estudado a crise de valores na contemporaneidade a partir de fenômenos como o espetáculo, o consumismo, e o culto ao corpo – considera que as relações estabelecidas com a produção do corpo estão vinculadas a uma moralidade somática na qual a construção da beleza corporal, bem como a produção de corpos saudáveis, funcionam como um prazer e referência de bem-estar.

O autor considera que esta moralidade somática reflete a ascensão de uma sociedade narcísica no lugar de uma antiga moral dos sentimentos fundada na tradição e na autoridade. Com a derrocada da moral dos sentimentos, os indivíduos perderam a referência dos modelos de vida que se constituíram ao longo da história, principalmente porque a autoridade perdera seu poder de manter controle sobre as relações sociais. Consequentemente, o prazer e a satisfação assumiram o posto de “referência” para os sujeitos, os quais passaram a entender a tradição como uma imposição da autoridade.

Assim, no cenário moral de hoje a experiência sensorial de felicidade mediada pelo corpo passou a suprir as expectativas de auto-aceitação, funcionando como recurso subjetivo para “apaziguamento” do desejo consumista e anseio pela ausência de uma segurança ontológica. A principal consequência disso é que o cuidado com o corpo tem se resumido aos investimentos sobre os aspectos físicos, e ao gozo que estes investimentos podem proporcionar (GIDDENS, 2002; COSTA, 2004).

As problemáticas do gozo e do cuidado com o corpo encontram-se associadas à busca pela satisfação ideal de um desejo, em outras palavras, a uma noção moral das sensações muito comum entre os sujeitos contemporâneos. A noção moral das sensações corresponde simplesmente a uma compulsão ao êxtase que carrega consigo o perigo de desencadear prazer com uma brevidade inversamente proporcional à sua qualidade. Costa (2004) considera que é possível identificar duas

propriedades principais relativas ao prazer²⁸: a qualidade e a intensidade. No que diz respeito à qualidade o prazer pode ser sensorial, motor, sentimental ou intelectual. Quanto à intensidade, o prazer pode ser mitigado (duradouro e estável) ou extático (efêmero e crescente).

Ainda segundo o autor, parece que a maioria dos sujeitos hoje em dia apresenta uma tendência à “auto-realização pessoal” através do gozo “de êxtase sensorial”, que representa os estados de bem-estar e de felicidade os quais podem ser alcançados a partir do culto à aparência corporal.

[...] Para muitos indivíduos, desejável é o que pode ser sensorialmente experimentado como agradável, prazeroso ou extático; indesejável é o que pede tempo para se realizar ou que, ao se realizar, não excita ou trás o gozo sensorial esperado (COSTA, 2004 p. 194).

Todavia, é preciso considerar a existência de uma estrutura cultural de culpabilização a qual está pautada no desgaste da experiência sensual do corpo em relação a si mesmo e ao Outro. Esta estrutura de culpabilização é paradoxal, isto é, corresponde às expectativas em relação à perfeição corporal prometida pelas tecnologias médicas, e à busca pelo sucesso - que esconde mecanismos de auto-reprovação emocional e isenção moral quando o indivíduo não consegue ter autocontrole.

Frente à efemeridade das sensações e dos prazeres, os sujeitos parecem depositar no corpo as esperanças de um reconhecimento de si e de uma aprovação social a partir de uma aparência física pela qual ele é responsabilizado.

No que diz respeito à forma como o cuidado de si se manifesta atualmente, Costa (2004) considera que ela se resume à atenção com o corpo físico, isto é, dirige-se para as sensações corpóreas, que vão desde o prazer extático das relações sexuais, à busca pela longevidade, pela saúde, e pela a boa forma.

Dois motivos são apontados pelo autor como principais para que isto ocorra: 1- a propaganda de produtos e tecnologias que promovem o aperfeiçoamento da forma corporal; 2- a identificação das qualidades corporais com sucesso social.

[...] A corrida pela posse do corpo midiático, o *corpo-espetáculo*, desviou atenção do sujeito da vida sentimental para a vida física. Criou-se uma nova

²⁸ [...] Prazer é o conjunto dos fenômenos afetivos correspondentes ao estado de satisfação. Qualquer prazer representa a manutenção de uma satisfação obtida ou a incorporação de novas satisfações ao repertório do eu (COSTA, 2004 p. 91).

educação dos sentidos, uma nova percepção da morfologia e das funções corporais que tornou o bem-estar sensorial um sério competidor do bem-estar sentimental. Cuidas de si deixou de significar, prioritariamente, preservar os costumes e ideais morais burgueses para significar “cuidar do corpo físico”. O *cultivo das sensações* passou a concorrer, ombro a ombro, com o *cultivo dos sentimentos*. Estar feliz não se resume mais a se sentir sentimentalmente repleto. Agora é preciso também se sentir corporalmente semelhante aos “vencedores”, aos “visíveis”, aos astros e estrelas midiáticos (*Ibidem*, p. 166).

Em relação ao corpo, a moral midiática e do espetáculo faz com que os sujeitos se comparem aos protagonistas da mídia e da moda cultivando o sonho de se tornar donos de uma aparência produzida sobre certos ideais de gozo, desprezando a importância de outros elementos da sua vida. Nesta perspectiva, é possível perceber que o sujeito contemporâneo considera o cuidado de si como meio para a construção de sua própria identidade que é, sobretudo, somática.

Quanto à construção desta identidade pautada sobre o estímulo do corpo e suas experiências sensoriais – vinculadas à saúde, à beleza ou ao rejuvenescimento -, Costa (2004) aponta para a invenção de um novo modelo de identidade ao qual ele denomina de bioidentidade. Esta bioidentidade “demarca uma nova forma de preocupação consigo”, visto que, a saúde e principalmente imagem do corpo se tornaram ainda mais importantes para reconhecer e avaliar o sucesso de si e do Outro.

Constituindo-se sobre duas facetas, a narcisista e a hedonista, as bioidentidades do nosso tempo buscam através de práticas de bioascese construir uma auto-realização efêmera através do bem-estar físico. Ao funcionar como uma espécie de moda, cujo valor subjetivo é demarcado pela variação e ela renovação sensorial, a construção da beleza corporal passa a funcionar como uma forma de alcançar a felicidade sensorial indicando uma inovação nas formas de subjetivação resultante da reinvenção de si, que responderia à procura por novos objetos e situações que estimulam “o corpo a gozar”.

Esta inovação, contudo, não é gratuita. O caminho para a construção de uma bioidentidade requer a realização de uma bioascese, ou seja, exige uma enorme disciplina dirigida para a reeducação de hábitos em função, do corpo jovem, saudável, longo, atento à forma física e ao *fitness* que é o seu valor supremo (COSTA, 2004, p. 191).

A partir destas demarcações sobre a moralidade somática, é possível vislumbrar o lugar privilegiado que o cuidado de si assume na contemporaneidade.

Se, do ponto de vista moral, na sociedade somática o desempenho físico substituiu o aperfeiçoamento sentimental é possível, então, conceber que a produção da aparência física pode atuar como um objetivo de desenvolvimento pessoal.

Guardadas as implicações sociais do hedonismo e do narcisismo, o prazer e a satisfação das necessidades estariam, então, associados ao poder, pois, o sujeito que é capaz de atender às expectativas de um *ethos* da estética poderia também ser capaz de corresponder à moral do espetáculo e encontrar uma felicidade sensorial através do cuidado de si.

Finalizando nossa reflexão, ainda nesta linha de raciocínio pensamos ser conveniente afirmar que na moral do espetáculo o cuidado de si recoloca o corpo como suporte da felicidade. Não queremos dizer com isso que a moral do espetáculo funcione como um poder que toma posse do corpo, mas que ela funciona como uma condição de moralidade que permite aos sujeitos obter satisfação e felicidade através do investimento sobre seu próprio corpo.

Remetendo à trajetória histórica das tecnologias de si traçada por Foucault, talvez seja possível considerar que hoje “o cuida de ti” não substitui o “conhece-te a ti mesmo”, mas, promove uma outra via – a qual não é nova na história - que é a do “conversão” entre os dois princípios.

Isto significa que o cuidado de si pode ser vislumbrado como uma forma do sujeito conhecer a si mesmo e de demarcar os limites de sua própria segurança, apesar dos excessos e da efemeridade característica das relações atuais. Assim, fundados na perspectiva foucaultiana, arriscamos em considerar que, atualmente o cuidado de si tornou-se uma forma de poder.

Nos próximos capítulos, discutiremos através dos dados da pesquisa de campo os aspectos biopolíticos, bioascéticos e funcionais que fundamentam, especificamente a construção de corpos belos como um poder na atualidade.

CAPÍTULO 4

CARTOGRAFANDO O PODER DA BELEZA

As incursões teóricas realizadas até o momento possibilitaram entender que a produção sistematizada de corpos belos ao longo dos últimos séculos está originalmente associada a esforços para a construção de uma Medicina social no contexto de uma razão governamental (liberal) instaurada na Europa Moderna. Razão governamental de proteção da vida que persiste nos dias de hoje inventando formas especializadas de controle corporal as quais variam desde a utilização de recursos biotecnológicos para postergar os limites da obsoleta fisiologia humana, até o uso de cirurgias plásticas e treinamento físico para rejuvenescer ou obter um corpo mais belo e saudável.

Dentro deste contexto, foi possível verificar atualmente a atuação de uma biopolítica da beleza que se revela, paradoxalmente, entre relações controladoras da aparência corporal – reproduzidas através da dominação anatomopolítica do indivíduo e do governo da vida da espécie (biopoder) -, e o uso da aparência bela como uma forma de poder (FOUCAULT, 2004a; 2006a).

No sentido de identificar as operações biopolíticas que inserem a beleza nos jogos da verdade na atualidade, realizamos neste momento uma cartografia da beleza discutindo os aspectos funcionais que regulam a construção da aparência corporal a partir das declarações de mulheres praticantes de exercício físico em academias de ginástica. Utilizamos o termo cartografia inspirados no referencial teórico foucaultiano, pois, além de identificar as relações de poder inerentes ao fenômeno estudado (a construção de corpos belos), temos o objetivo de revelar as diferentes posições assumidas pelos sujeitos nos jogos da verdade, assim como as rupturas correspondentes ao uso da beleza como um poder. Trata-se, portanto, de definir “geograficamente” de onde o poder se exerce, e como ele é aplicado (DELEUZE, 2006).

Fundamentados na análise dos discursos obtidos no trabalho de campo foi possível evidenciar a existência de uma ordem biopolítica da beleza que se revela de duas maneiras: a partir da atuação de uma regulação institucional, jurídico-funcionalista da aparência corporal, e através de uma dimensão não-institucional

caracterizada por práticas de auto-governo da aparência estética e pela experiência bioascética da construção da própria beleza física.

Em relação à regulação jurídico-funcionalista da beleza consideramos que ela remete à normatização da aparência corporal – ou seja, à formação de um aparato jurídico, de interdição ou punição social, voltado ao controle de corpos anormais – e à medicalização da aparência a qual corresponde à disseminação de estratégias de subjetivação que procuram, sobretudo, associar a produção de corpos belos (e dóceis) às necessidades higiênicas, ao desenvolvimento moral, à aquisição de saúde, e à melhoria da capacidade produtiva do indivíduo.

A construção de categorias enunciativas a partir da análise dos discursos permitiu a identificação de grupos temáticos correspondentes ao controle da aparência corporal operacionalizado através da mídia e da moda, e às relações de medicalização, normalização, hierarquização e exclusão de corpos anormais. Ressaltamos que a análise das categorias ocorreu a partir da regularidade de enunciados e de operadores de dominação obtida através da eliciação de discursos por cenário. Procuramos, em alguns momentos, transitar entre os cenários que apresentaram uma similaridade de opiniões sobre as categorias evidenciadas.

Em outra perspectiva, esta biopolítica da beleza apresenta um momento de ruptura revelando uma dimensão que diz respeito ao uso de corpos belos como forma de atuar nos jogos de poder influenciando a conduta dos outros através da aparência e dos significados que este corpo belo carrega. Trata-se de utilizar a estética do corpo para desempenhar operações de dominação, governo do outro, mas também, de conhecer a si próprio e de reinventar formas de se relacionar com o mundo e consigo mesmo.

Fazemos aqui referência à construção do corpo belo enquanto uma tecnologia de si que funciona ao mesmo tempo como uma ascese e como uma bioascese²⁹, como conversão a si, e governo do outro, como prática de bem estar e exercício de liberdade - que é a condição indispensável para se exercer poder (FOUCAULT, 2006e). Nesse sentido, defendemos que a construção o corpo belo responde às expectativas de sujeitos disciplinados, mas super-excitados, que procuram nas

²⁹ Os termos ascese (FOUCAULT, 2005a) e bioascese (COSTA, 2004; ORTEGA, 2003: 2004) são tratados no texto como processos de subjetivação que possibilitam a construção da identidade e permitem aos sujeitos perceberem sua posição nos jogos de poder. Tanto a ascese quanto a bioascese possibilitam aos indivíduos conhecer os graus de liberdade que permitem bloquear a dominação exercida sobre si, ou exercer, a partir da construção de sua própria beleza, táticas de dominação sobre a conduta do outro.

experiências sensíveis uma referência para construir sua própria identidade. As categorias evidenciadas sobre a construção do corpo belo enquanto uma tecnologia de si revelam o uso intencional, estratégico da beleza como prática de bioascese, prática de dominação do outro, e forma de governo e conversão a si.

Centrando nossa reflexão sobre as estratégias de poder e o seu papel na construção de sujeitos, no momento seguinte abordaremos as operações biopolíticas de dominação que regulam a construção da aparência da mulher contemporânea seguindo a idéia de que a beleza desempenhou (e desempenha) um papel de controle fundamental para a construção histórica da subjetividade feminina.

4.1 Dimorfismo sexual, beleza e a super-mulher contemporânea

A discussão arqueológica das operações biopolíticas que transformaram a beleza em objeto de saber e poder e a análise de discursos obtidos parecem demonstrar que a atual produção de corpos belos encontra-se norteadas por um princípio que regula indissociavelmente os investimentos realizados sobre a aparência física e a reprodução de formas de sexualidade entendidas socialmente como normais

Este princípio, que não é novidade na história, é denominado dimorfismo sexual³⁰. Voltado à valorização dos caracteres sexuais secundários o dimorfismo sexual objetiva acentuar as diferenças entre os corpos e demarcar uma estrutura econômica fundada numa lógica sexual binária, criadora de sujeitos com significativo potencial econômico. Essa lógica, por sua vez, obedece a uma norma anatômica que define estruturas de gênero consideradas socialmente legítimas.

Utilizando-se da produção de corpos belos como meio para controlar a sexualidade, o dimorfismo sexual procura não apenas definir funções específicas

³⁰ Embora o seu uso político tenha sido verificado a partir da modernidade (FOUCAULT, 1999; LAQUEUR, 2001), a idéia do dimorfismo sexual é mais antiga. Vigarello (2006) afirma que o estabelecimento da relação entre feminino e beleza aconteceu no período do Renascimento quando [...] A mulher pela primeira vez aproxima-se da perfeição liberada da tradição que a demonizava (p. 24). Há neste momento uma valorização da aparência e uma necessidade de dividir os gêneros estabelecendo diferenças entre os dois tipos de beleza, a masculina e a feminina. A partir daí o homem abandona qualquer tipo de qualificação pela beleza passando a ser avaliado pelo temor e pela firmeza de suas atitudes frente aos perigos. A mulher, por sua vez, passou a ser concebida com base na beleza de seu rosto e na formosura de seu corpo. Suas atitudes, palavras e seus gestos foram necessariamente diferenciados e por esse motivo a beleza feminina se tornou uma beleza controlada e subjugada.

para cada gênero, mas criar modelos de imagem corporal a serem reproduzidas para maximizar o agenciamento dos indivíduos.

Do ponto de vista dos jogos de poder, Foucault (2006a) considera que a diferenciação dos sujeitos por gênero é consequência do domínio governamental da população que corroborou para a instalação de uma ordem política centrada em processos de subjetivação e objetivação da sexualidade. Para o autor, a inclusão da sexualidade nos jogos da verdade foi ocasionada por uma articulação entre os costumes, pressões de opinião, direito canônico, pastoral cristã e lei civil, as quais promoveram a convergência das estratégias de controle social especialmente sobre as relações matrimoniais desde o século XIX. A partir desse momento, a família³¹ passou a representar a estrutura base para instalação e fortalecimento do modelo sexual binário o qual reproduziu na sociedade formas de restrição e de dominação corporal afirmando, sobretudo, a maternidade e o cuidado com a família como funções femininas, e a sustentação econômica da família como uma função masculina.

Com relação à instalação deste modelo sexual binário, Martin (2006) considera que a partir do século XIX acentuou-se uma ordem cultural ocidental denominada de “doutrina das esferas”. Surgindo especialmente com o desenvolvimento do capitalismo, a doutrina das esferas resultou na organização da vida social em torno de uma esfera privada – determinada às mulheres que deveriam cumprir as atividades naturais³² como o sexo e as funções de procriação -, e de uma esfera pública - de produção de cultura, ganho de dinheiro e produção de bens de consumo - na qual os homens tiveram maior participação histórica.

Seguindo a lógica apontada por Foucault e Martin, reconhecemos nas falas das nossas entrevistadas, particularmente no primeiro cenário, uma compreensão

³¹ Para Foucault (2006a) com o advento do dispositivo da sexualidade instalou um domínio científico e econômico mais restrito sobre a sociedade centralizando-se na família. Dividida em dois eixos - o eixo marido-mulher e o eixo pais-filhos – a família funcionou como foco de investimentos sobre a sexualidade não no sentido de reprimir os sujeitos, mas de estimular estrategicamente a criação de “novas personagens” e novos espaços de utilidade política e econômica, e de maximizar as funções que deveriam ser desempenhadas por cada membro familiar. A criação da “mulher nervosa”, da “esposa frígida”, do “marido impotente, sádico e perverso”, e do “jovem homossexual”, por exemplo, correspondeu ao aparecimento de novos objetos de controle pautados na reprodução dos modelos ideais de pai, mãe e de filhos.

³² As funções de educar e cuidar da família podem ser entendidas como reflexos do controle da sexualidade feminina operacionalizado mais fortemente a partir do século XIX, momento em que, de acordo com Foucault (1999), o sexo da mulher – particularmente as questões do aleitamento, da maternidade, da masturbação feminina - começou a adquirir importância médico-social.

dicotômica da realidade social constituída sobre os universos masculino e feminino. Variando entre o reconhecimento isolado das imagens e a associação entre elas, os discursos emitidos permitiram a identificação de três temas principais, a partir dos quais procuraremos discutir o dimorfismo sexual na atualidade.

O primeiro tema, identificado a partir da análise de vinte enunciados e que demonstrou uma regularidade significativa (45%) corresponde ao reconhecimento da mulher contemporânea como uma “super-mulher”. O segundo eixo temático revela enunciados relativos ao poder da beleza na vida da mulher hodierna (35%). O terceiro grupo de enunciados emitidos no primeiro cenário corresponde ao controle social da aparência (20%).

É possível constatar a presença do dimorfismo sexual já no momento inicial das entrevistas, quando as participantes indicaram suas impressões sobre o cotidiano da mulher atual. Impressões as quais podem ser verificadas no conjunto de discursos destacados logo abaixo:

É a mulher moderna. Ela tem vários papéis e certamente tem que ser uma super-mulher porque realmente vocês homens... (risos) não fazem a metade do que a gente faz. A gente acorda cedo, trabalha, se movimenta, tem que arrumar a casa, cuidar do corpo, do marido (E. 34 anos).

A super-mulher que trabalha, tem que ser bonita, que tem que educar, enfim, que tem que cuidar da casa, tem que se manter em forma, tem que fazer de tudo um pouco. Não é mais aquela mulher que trabalha, é, que só trabalha de manhã ou que só trabalha à tarde, ela trabalha de manhã, à tarde e à noite, trabalha quando está em casa, tem que se cuidar, trabalha quando chega em casa, tem que se cuidar, cuida do marido, cuida da família. Ela faz tudo (A. C. 25 anos).

O que eu vejo aqui é uma mulher moderna, dos tempos de hoje em dia, que é mãe, gosta de malhar, é casada, cozinha e que faz mil e uma atividades. E que mesmo com toda essa vida agitada ela consegue ser uma super-mulher, consegue ser boa em tudo que faz. É uma boa mãe, boa esposa, é atenciosa, cuida do corpo. Enfim, eu vejo isso uma mulher que consegue ser equilibrada em todos os pontos da vida (F. 40 anos).

A mulher, eu acho que a mulher ela [...] tem que ser uma super-mulher mesmo pra dar conta do trabalho, de ter que trabalhar fora, de cuidar, de se cuidada, tanto para ela quanto para o emprego, é [pausa] de olhar a casa, de ser boa dona de casa, mesmo que não limpe que não cozinhe, mas de saber comandar, e ser bem presente com a educação dos filhos nas horas importantes não é? Algumas passam o dia fora então a hora de dormir é uma hora importante para colocar os filhos para dormir e ser uma boa companheira de estar bem para o seu casamento, para o seu relacionamento. E para ela estar bem acho que ela tem que se gostar, fazer exercício. Ela tem que estar bem tanto esteticamente, mas também fisicamente (M. A. 55 anos).

Essa daqui é uma super-mulher e ao mesmo tempo ela malha, ela cozinha, ela dá atenção à família, ela deve trabalhar como professora, ela tem

vaidade e tem muita paciência a gente vê isso nessa situação em que ela exerce a profissão de motorista, e aqui se eu não me engano ela arruma tempo pra sua vida sentimental. Então o que eu acho é que ela é considerada uma super-mulher porque ela abrange tudo isso (D. V. 71 anos).

Nas opiniões expressas pode-se perceber a presença de informações majoritariamente vinculadas ao papel social e às funções da mulher contemporânea. Chama-nos atenção a significativa incidência de discursos sobre o cuidado com a família, com a profissão, e sobre o cuidado de si (58,62%). Em relação ao cuidado de si, destacamos as referências sobre o exercício físico e os cuidados com a beleza (68,75%).

Transitando entre estas dimensões reconhecemos ainda outro conjunto de discursos referente às cobranças e pressões, sociais ou auto-referidas, desempenhadas sobre ou pelas próprias mulheres (41,37%).

No universo destas exigências - que podem ser exercidas no trabalho, na família ou em relação a si mesmas -, a preocupação com a beleza se mostrou significativamente regular (95,83%). Esse fato indica a existência de relações de cobranças sobre a aparência, tanto no que se refere à obrigação de ser bonita, quanto no que diz respeito à importância de ser bela para o desempenho das funções cotidianas.

A constatação das cobranças em torno da aparência proporciona uma primeira idéia sobre o funcionamento do dimorfismo sexual na contemporaneidade. Pensamos, contudo, que uma compreensão mais profunda do tema pode ser construída analisando-se os diferentes papéis desempenhados pelas mulheres contemporâneas. Essa decisão se fundamenta nas demarcações históricas das funções produtivas construídas sobre o gênero e que foram aplicadas, sobretudo através da diferenciação sistematizada da imagem dos corpos. Uma análise das funções produtivas, ainda que aparentemente dissociada da temática da beleza, exige uma maior verticalidade para explorar a construção do corpo belo como um poder que determina funções, discursos, saberes e diferentes tipos de sujeitos (FOUCAULT, 2006a; MARTIN, 2006).

Retornando aos discursos, no universo das pessoas entrevistadas a mulher contemporânea foi definida pela metáfora da super-mulher, devido à quantidade de funções que ela desempenha. Além disso, a presença de termos como “sobrecarregada”, “submissa”, “obrigada”, “pressionada” parece denotar, que esses

vários papéis estão condicionados a expectativas de desempenho. “O ter que fazer bem”, por exemplo, revela um caráter de exigência bastante recorrente nas falas.

Note-se o fato de que a mulher sobrecarregada é reconhecida nos discursos como sinônimo de “mulher emancipada”. Em algumas falas é possível perceber certas demarcações históricas que indicam o processo de emancipação feminina:

Desde muito antes o homem trabalhava e a mulher ficava em casa cuidando dos filhos cuidando da casa e com essa, sei lá, emancipação da mulher, acumulou tudo. Além do que ela já fazia ainda tem o trabalho (G. A. 29 anos).

É a mulher moderna de hoje em dia. Isso aqui é o normal infelizmente, né? Era até bom a gente ter um pouquinho mais de tempo para fazer as coisas numa boa (E. 34 anos).

As nossas mães, quer dizer a minha mãe, a sua não porque você ainda é moço, a minha mãe não trabalhava por isso era dependente. Eu tenho a impressão de que a pessoa não se sente bem, a pessoa que não consegue ser independente (M. Z. 76 anos).

De maneira geral os discursos que tratam da independência da mulher apresentam um significado dialético: se por um lado a mulher adquiriu maior independência, por outro ele se tornou sobrecarregada, pois, acumulou as tradicionais atividades domésticas com novas obrigações, como o trabalho assalariado, por exemplo.

Com relação a esse paradoxo, identificamos no depoimento da nossa quinta participante que a falta de cuidado de si representa uma tendência na vida da mulher contemporânea resultante das suas múltiplas obrigações e do tempo exíguo para realizá-las.

A pessoa depois que tem filhos e se casa há uma tendência ao descuido, não é? A engordar, a se voltar mais para os filhos e para a família, a esquecer um pouco de si, pensar muito mais nos filhos e no marido, cuidar de casa. Acaba esquecendo um pouco de si mesmo (M. M. 25 anos).

Percebemos neste discurso que o desempenho da mulher casada referente às funções tradicionalmente femininas, no caso, o cuidado com a família, com a casa, e com o marido, aparece como uma prioridade dificultando o cuidado para consigo mesma.

Apesar disso, é possível perceber nas falas que a emancipação feminina contribuiu para que a mulher assumisse funções sociais diferentes. Esta

compreensão está de acordo com os estudos históricos da sexualidade que analisam emancipação a partir de dois pólos: a participação da mulher no mercado de trabalho, e a liberação da sexualidade feminina em relação a uma suposta dominação masculina (DEL PRIORE, 2007).³³

Identificamos nas falas de nossas entrevistadas uma estreita proximidade em relação aos dois sentidos apresentados para o termo emancipação. O primeiro deles refere-se aspecto do trabalho assalariado – constatado pelo uso do termo “ter seu próprio salário” – que por sua vez indica a necessidade feminina de ser economicamente ativa para “poder fazer suas coisas”. O outro entendimento diz respeito à “inclusão” da mulher em territórios historicamente convencionados como masculinos.

No primeiro caso, a emancipação feminina corresponde à autonomia financeira da mulher em relação à figura masculina, culturalmente entendida como provedora. Esta autonomia, como é possível perceber em alguns relatos, não indica uma liberação da mulher em relação às atividades domésticas, mas sim uma organização social do trabalho de acordo com o gênero.

Para Martin (2006) a organização do trabalho por gênero representa uma forma histórica de ratificar a dominação do sexo feminino utilizando a tese da incompletude e da inferioridade do gênero³⁴. A autora sustenta que o argumento da inferioridade feminina tem funcionado ativamente para reforçar uma hegemonia masculina que nega a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Já que é possível, segundo nossa maneira de pensar, que alguns seres humanos não sejam pessoas totalmente completas e já que esse estado parece ser derivado da condição de ser dominado, é muito provável que as mulheres sejam vistas como pessoas que não são completas (*Ibidem*, p. 54).

Não obstante a idéia de incompletude do gênero feminino, a maior participação da mulher no mercado de trabalho é evidente. No caso brasileiro, por exemplo, dados do último levantamento realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia

³³ Dentro da perspectiva de inserção da mulher no mercado de trabalho, Rago (2007) considera que a sua crescente incorporação fora ao mesmo tempo estimulada pelo crescimento econômico da nação e combatida por médicos e moralistas como um risco de “desagregação familiar e perda moral da sociedade”, uma vez que, o trabalho representava uma redução da participação feminina na esfera familiar.

³⁴ Laqueur (2001) aponta a origem dos argumentos da incompletude e da inferioridade do feminino na filosofia de Galeno a qual concebia a mulher como um homem invertido, inferior e não como sexo propriamente dito.

e Estatística) (2006b) sobre a participação da mulher no mercado de trabalho revelaram um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002, o que corresponde a um aumento de 14% de participação na PEA (População Economicamente Ativa), apesar do aumento na taxa de desocupação das mulheres (10,1%) registrada entre 2003 e 2006.

A presença dos operadores “liberação da mulher”, “igualdade”, “mostrar que é capaz”, “conquistando seu espaço” confirmam essa alteração, mas não apontam necessariamente para uma redução da desigualdade entre homens e mulheres ou uma inversão significativa das funções familiares como nós pudemos perceber nas falas das entrevistadas. Dos enunciados referentes ao papel social da mulher contemporânea (n=9), 77% reconhecem que a mulher tem como papel “cuidar da família”, “cuidar da casa”, “cuidar do marido”. Estes dados ratificam as informações do IBGE que apontam para uma predominância de mulheres (94,3%) no contingente de trabalhadores domésticos no Brasil³⁵.

Nesse sentido, é ressaltamos a presença de opiniões que reconhecem um duplo papel feminino referente à necessidade de cuidar da casa e de contribuir financeiramente na administração do lar.

Eu vejo com bons olhos e acho que a mulher tem que ser emancipada, ela não pode viver a vida inteira só com o marido fazendo todas as coisas não é? E ela tem que dar a sua contribuição até porque melhora o ego dela, a auto-estima e ela também contribui inclusive na parte financeira porque ela trabalha, ela também contribui pra casa. Ela não tem a vida só pro marido colocar todas as coisas dentro de casa. Acho que é uma ajuda acho que isso é importante, é a participação dela (T. 67 anos).

Com relação à problemática do trabalho feminino assalariado, parece tentador estabelecer um contraponto entre emancipação da mulher e a categoria “machismo” presente na fala da nossa primeira entrevistada.

[...] acho que ainda tem um pouco daquele machismo de que a mulher tem cuidar de casa cuidar dos filhos e, além disso, ainda tem que trabalhar e alguns, não todos os homens, sem querer generalizar, ainda tem essa idéia que o homem é só trabalho, e que tem que chegar em casa e estar com a comida pronta e tudo pronto (G. 29 anos).

³⁵ “No entanto, é importante considerar que 12,7% destas trabalhadoras obtinham rendimentos iguais ou superiores a 5 salários mínimos, percentual que foi superior ao estimado para a população feminina na mesma faixa de rendimentos (10,4%)” (IBGE, 2006a, p. 03).

Observando a questão do machismo do ponto de vista sociológico especificamente a partir da teoria de Bourdieu (2002), seria possível entender que o termo se refere à delimitação dos espaços de atuação da mulher seguindo um sistema de oposições homólogas.

Segundo o autor as sociedades ocidentais são constituídas por uma ordem sexual androcêntrica marcada por um mecanismo de divisão sexual que é operacionalizado por uma violência simbólica e física exercida sobre o gênero feminino. Essa dominação masculina pode ser apontada como um princípio de diferenciação e divisão social do trabalho que determina

[...] os usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer a outro gênero [...] para produzir este artefato social que é o homem viril e a mulher feminina (*Ibidem*, p. 33).

Nesse sentido, o machismo atuaria simbolicamente sobre a construção do *habitus* feminino desenvolvendo estruturas subjetivas e disposições corporais características do “ser mulher”. Do ponto de vista do real, as conseqüências do machismo sustentariam um regime de atividades reconhecidas como tipicamente femininas às quais não seriam permutáveis, ou seja, que não poderiam se confundir com as atividades pré-concebidas como masculinas em um dado campo social.

Retornando ainda à primeira forma de entender a emancipação feminina, acreditamos que a maior participação feminina no mercado de trabalho fomenta uma disputa em relação ao gênero masculino que pode ser observada na fala das entrevistadas 6, 7 e 9.

A impressão que eu tenho é que, assim, levando em consideração toda a história de como a mulher foi conquistando seu espaço e tal, eu acho que ainda hoje ela tem que brigar mais por isso do que o homem e naturalmente essa questão do cuidado com o físico a questão de ter que trabalhar, ter cuidar de casa ter cuidar dos filhos, do marido, da família e não sei o que, eu acho que ainda hoje cai muito em cima da mulher muito mais do que em cima do homem (A. C. 25 anos).

Eu acho que foi a competitividade com o homem, sabe? Eu acho que antigamente todo mundo falava “Ah! O homem sai, o homem é isso e aquilo!” hoje eu dia se brincar a mulher está pior do que o homem. É como se as mulheres tivessem se revoltado. Claro que ela tem o valor dela, a inteligência, enfim, tudo o que um homem pode fazer a mulher pode fazer também, mas acho que tem muita competição porque ela deixou de ser a Amélia que fica em casa só lavando, passando e cozinhado (F. 40 anos).

Eu acho que a mulher tem que se igualar muito ao homem que está perdendo muito campo pra gente. Mas, hoje em dia se a gente der uma buzina mais forte no trânsito o homem chama a gente disso e daquilo só por que é mulher por que com homem não faz (M. C. 23 anos).

Percebemos que a categoria “competição” se mostrou regular, particularmente quando as entrevistadas se referiram ao trabalho e às formas da mulher atuar na sociedade (17,64%). No entanto, a existência de relações de competição parece ilustrar uma relação conflituosa entre os gêneros que se verifica não apenas no mercado de trabalho, mas em outras dimensões da vida.

A idéia de competição revela ainda uma visão de “mulher” que não se limita à idéia da dominação. De acordo com os discursos analisados, a mulher hodierna se reconhece como “inteligente”, “capaz de se igualar ao homem” e de “conquistar” espaços convencionalmente masculinos. A postura ativa dessa mulher que “foi conquistando seu espaço” e que “ainda tem que brigar mais do que os homens” indica a existência de uma resistência feminina constituída por gestos, discursos, comportamentos. Indicam também uma mudança social que pode ser verificada no nível dos mecanismos de poder associados ao funcionamento do modelo binário de sexualidade.

Mas que mudança é está? Ela remete ao reconhecimento das próprias mulheres sobre as condições de desempenhar funções masculinas ou historicamente estruturadas para serem masculinas, ou seja, remete à possibilidade da mulher transitar abertamente entre as esferas masculina e feminina. Trata-se, portanto, do declínio da figura da “Amélia” - a mulher submissa e restrita às atividades do lar -, e surgimento de uma nova subjetividade feminina construída sobre a conquista da esfera pública.

Ressaltamos aqui o segundo entendimento do termo emancipação, o qual indica não só a inserção da mulher em espaços masculinos, mas a possibilidade da mulher desempenhar funções tipicamente masculinas. No que diz respeito a isso há na literatura um reconhecimento de que a conquista de direitos da mulher ocidental está ligada à sua crescente participação numa economia extra-familiar³⁶.

³⁶ Nesse sentido, a integração feminina no contexto da educação formal contribuiu fortemente para impulsionar a figura da mulher no universo do trabalho assalariado principalmente a partir do início do século XX. Esse movimento teve início na crença de que certas funções trabalhistas poderiam ser mais bem desempenhadas pelas mulheres devido a sua sensibilidade e às suas características maternas, como no caso da exclusividade da docência feminina nas escolas brasileiras no início do século passado (GIULANI, 2007; LOURO, 2007).

É possível constatar que o movimento inicial de inserção da mulher no domínio do trabalho assalariado adquiriu um sentido social pautado no princípio do dimorfismo sexual, tendo em vista a determinação de funções trabalhistas específicas conforme as características “naturais” do sexo feminino, nesse caso, principalmente a maternidade que está associada à atenção e ao cuidado.

Todavia, a importância social atribuída ao trabalho feminino esbarrou no argumento hegemônico masculino segundo o qual, a saída da mulher do ambiente familiar representaria uma degeneração da sociedade marcada pelo abandono da família. Além disso, os obstáculos morais construídos sobre ideais burgueses, principalmente aqueles utilizados pela ciência, não cessaram de associar a figura feminina à fraqueza e à fragilidade e de representar os espaços públicos através da “metáfora do cabaré”, enquanto que o lar era representado como ninho sagrado da família (RAGO, 2007b).

Com o passar do tempo, as próprias reivindicações femininas promoveram modificações na vida da mulher. Dentre estas alterações, é possível citar o maior reconhecimento de seus direitos trabalhistas – construídos, sobretudo, devido à insalubridade e aos casos de abuso sexual contra mulheres em ambientes industriais -, maior liberdade de transitar em vias públicas e em festas sem a necessidade de acompanhamento masculino – isto está associado ao próprio desenvolvimento das cidades o qual criou espaços de encontro diversificados -, e a maior liberdade de exhibir o corpo, fato que remete à moda e à necessidade de consumir vestimentas que representassem a mulher cada vez mais “pública”³⁷ (VIGARELLO, 2006; DEL PRIORI, 2007).

Entendendo que a subjetividade da super-mulher contemporânea encontra-se forjada sobre um imperativo da emancipação, ou seja, que a mulher busca uma “liberação” ainda em processo, resta agora discutir como o princípio do dimorfismo sexual insere a beleza nos jogos de poder, ou seja, como este princípio fundamenta a construção de corpo belos como um poder na atualidade.

O tema do poder sobre a beleza fora abordado inicialmente por Wolf (1981) que considerou o culto à estética, característico das sociedades ocidentais contemporâneas, como uma estratégia persistente de dominação da mulher.

³⁷ Sobre a questão da mulher pública, Rago (2007b) afirma que só muito recentemente ela foi dissociada da imagem de meretriz e compreendida a partir dos mesmos parâmetros pelos quais se pensa o “homem público”, ou seja, como ser racional, moral e dotado de capacidade produtiva.

Partindo de um entendimento unilateral de poder, ou seja, de uma concepção opressora da aparência estética sobre a subjetividade feminina, a autora defende uma hipótese repressiva da beleza, segundo a qual, todo o conjunto de imagens que remetem à estética feminina tem como objetivo fortalecer um domínio ideológico do masculino sobre o feminino. Na visão de Wolf, as mulheres deveriam pensar em formas de se libertar da ditadura da beleza. Essa idéia de libertação, no entanto, reflete a parcialidade da compreensão sobre o poder apresentada pela pensadora.

Para Foucault (2006e), nos jogos de poder a idéia de libertação não pode ser entendida de maneira absoluta, uma vez que, libertar-se de um determinado domínio implicaria automaticamente na inserção numa nova estrutura de forças que se constituem de diferentes maneiras.

A partir da visão de Foucault, nós acreditamos que a beleza não deve ser compreendida unilateralmente como tecnologia de dominação e opressão. Ela é, antes de tudo, sedutora e atua com base nas sensações obtidas pelos investimentos corporais. Nesta perspectiva, é preciso ressaltar que a produção da beleza favorece uma alteração constante nas posições de dominador e de dominado. Isto significa que a beleza, ao mesmo tempo em que resulta das relações de opressão, também funciona como forma de produzir e de exercer poder. Consideramos, portanto, que o corpo feminino não é somente submetido a um controle social da aparência. Ele não é apenas submisso ao poder, mas também é capaz de criar poder.

Dessa forma, pensamos que a construção da beleza pode funcionar como uma forma de redefinir posições nos jogos de poder, principalmente nas sociedades contemporâneas que funcionam segundo uma ordem de controle-estimulação. A ordem de controle-estimulação é caracterizada pela especialização das técnicas de dominação que deixaram de atuar exclusivamente através da opressão e dos espaços de confinamento para estimular os sujeitos ao controle por meio de táticas atraentes e prazerosas (FOUCAULT, 1999).

Entendemos que o dimorfismo sexual – o qual sustentara a doutrina das esferas e uma organização produtiva dos sujeitos a partir de uma ordem binária de gênero baseada na imagem do corpo – atualmente não funciona somente privilegiando o domínio dos sujeitos circunscrevendo-os em territórios específicos ou a funções pré-determinadas. No caso das mulheres, acreditamos que o princípio do dimorfismo sexual estimula a construir corpos belos, demarcando, assim, uma bioidentidade feminina. Esta bioidentidade feminina permite às mulheres impor

socialmente a beleza como forma de poder.

Essa beleza como forma de poder encontra condições de existência numa cultura somática construída sobre os anseios individuais de reconhecimento social que buscam na experiência estética corporal um referencial de estabilidade (COSTA, 2004). Nesta perspectiva, o desenvolvimento da moda, da mídia, a formação da indústria da beleza, e a renovação das práticas tecnológicas para construir o corpo podem ser compreendidos como manifestações de uma economia pautada sobre o desejo que o sujeito contemporâneo tem de obter, produzir e exercer poder.

Sobre a construção de corpos belos como estratégia para criação de bioidentidades nós identificamos nas falas das entrevistadas dois aspectos principais: o fato de que os investimentos sobre si levam a mulher a conhecer um “universo feminino”, e o fato de que seu corpo deve ser produzido para afirmar socialmente sua subjetividade e suas características físicas como não-masculinas.

Quanto à questão do universo feminino, Foucault (1999) considera que ele representa uma resposta ao esforço histórico para “reduzir a mulher às funções de procriação”. Hoje em dia, as reivindicações feministas levaram a uma dessexualização, “a um deslocamento em relação à centralização sexual da mulher” para colocá-la no mesmo patamar do homem, ou seja, como produtora de cultura, discursos e de linguagem³⁸.

Em relação ao segundo caso, a construção do corpo belo parece funcionar como uma forma de acesso à vida pública em geral. Mais especificamente a aparência estética da mulher tem uma grande influência na sua aceitação social

[...] a mulher relaxada, vamos dizer assim, que passa na rua, a mulher mal-cuidada que não está nem ai pra nada. Isso chama atenção, as pessoas comentam, não é? As pessoas falam e você sente um pouco de pressão. Você tem que estar bem tem que estar disposta. Isso acontece um pouco no trabalho onde se requer isso também, qualquer trabalho sempre pede boa aparência (G. 29 anos).

Percebe-se dentro desta perspectiva, a propagação da idéia de que a mulher através de sua beleza e feminilidade é capaz de promover uma maior sensibilização da figura masculina. Na mídia televisiva, são muitos os exemplos de mulheres as

³⁸ Referimo-nos aqui ao aparecimento de iniciativas que possibilitaram o desenvolvimento de uma “vontade feminina de saber” que abarca todo um conjunto de conhecimentos produzidos pelas mulheres sobre si mesmas. O aparecimento da doutrina feminista é um exemplo dos esforços feministas para criação de novas formas de existência, principalmente, no que diz respeito à liberação do corpo e da sexualidade (FOUCAULT, 1999).

quais exercem profissões como motoristas, mecânicas e operárias da construção civil, e que “embelezam” o ambiente masculino com sua feminilidade, ao mesmo tempo em que demarcam diferenças entre os dois gêneros através do cuidado com a beleza.

Essa função pode ser lida também como uma forma de valorização e reconhecimento da mulher enquanto sujeito economicamente capaz. Nesse sentido, em alguns depoimentos é possível identificar uma correlação entre beleza e valorização social da mulher:

[...] ter uma boa apresentação e isso é importante durante todo o período de sua vida porque se você quiser se candidatar a qualquer função de emprego você tem que estar bem apresentado, numa entrevista você tem que ter uma boa apresentação (T. 67 anos).

É fundamental você desempenhar várias funções, mas, sempre estar apresentável, sempre estar bonita e bem cuidada, eu acho que é fundamental. É aquela coisa não adianta você, quer dizer, não é uma questão de adiantar não, é que uma coisa é você se arrumar para sua vida profissional e outra é você chegar em casa toda esculhambada, toda descuidada. Já o homem pode, mas a mulher tem que ter um pouco mais de cuidado (A. C. 25 anos).

No âmago destas considerações, é possível verificar a importância da boa apresentação e a sua relação com o desempenho e com a disposição para o trabalho. Reconhece-se aqui a perpetuação social de um discurso que vincula a beleza do corpo a qualidades voltadas ao rendimento e à capacidade de produção.

Como vimos anteriormente, a eugenia moderna pode ser citada como exemplo de doutrina que tentou comprovar uma correlação entre a aparência física do sujeito e sua capacidade de produção intelectual. Curiosamente, persistem ainda hoje estudos que visam provar cientificamente a relação entre a beleza corporal e capacidade intelectual.

Um exemplo é o estudo de Kanazawa e Kovar (2004), no qual os autores procuraram comprovar que indivíduos bonitos são mais inteligentes do que indivíduos feios. A partir de investigações sobre competência intelectual em adultos e crianças, esses autores chegaram a considerar que homens mais inteligentes têm uma maior possibilidade de obter melhor status social do que homens menos inteligentes, que homens de destaque no meio social têm maior possibilidade de se relacionar com mulheres bonitas do que homens com baixo status social, que a inteligência é herdada geneticamente e que a beleza também o é. Essa lógica levou

os autores a concluir que as pessoas mais bonitas são mais inteligentes que pessoas feias.

Percebemos aqui a vivificação da tese largamente divulgada por Galton (1883) e por pensadores do eugenismo como Irajá (1938), Kehl (1927; 1958) segundo a qual seria possível através da aparência identificar aspectos do caráter, da moralidade e da capacidade intelectual dos sujeitos. Apesar de absurda, a idéia de associar beleza a qualidades morais ou intelectuais revela-se frequentemente na tradição ocidental.

Acreditamos que a manifestação mais atual deste fato está associada ao que Lipovetsky (2006) denomina “charme das aparências”, ou seja, a incorporação sistemática da estética numa ordem econômica em que a qualidade da imagem está correlacionada à apresentação e à apazibilidade do objeto – no caso o corpo humano que é entendido como objeto e centro das relações de consumo.

Por outro lado, a relação entre aparência corporal, moralidade e capacidade produtiva pode estar vinculada à economia da visibilidade na qual a visão ocupa a principal forma de apropriação da realidade e de exercício de poder sobre aquilo que se vê. Esta economia da visibilidade integra uma cultura visual que alimenta formas pedagógicas de construir o corpo e fomentam uma atenção obsessiva em torno de uma aparência perfeita capaz de se destacar nos jogos da sedução (FOUCAULT, 2004a; SOARES, 2008).

Uma terceira forma de perceber a atuação do dimorfismo sexual corresponde à criação de aparências naturais de corpos masculinos e femininos, fato que nos permitiria afirmar que o dimorfismo sexual está na base das relações de normalização da aparência corporal.

Muito embora a existência de um corpo humano “natural” seja contestada, referimo-nos aqui às expectativas sociais construídas sobre a imagem do corpo, as quais Novaes (2006) descreve em relação ao gênero de forma precisa. Em relação à figura masculina, o corpo natural estaria associado a traços agressivos e exagerados como [...] sobrelhas cerradas, linhas do maxilar bem delineada, nariz acentuado (padrão italiano) e membros avantajados (p.71). O corpo natural feminino, por outro lado, mistura ao mesmo tempo delicadeza, a magreza e a dedicação.

No contexto das entrevistas, especificamente quando da aplicação do cenário 15, foi possível perceber claramente a presença do dimorfismo sexual no momento em que as participantes tentaram revelar sua compreensão sobre corpo natural.

Pedimos às entrevistadas que classificassem hierarquicamente as diferentes imagens femininas presentes na figura conforme suas opiniões sobre naturalidade e artificialidade do corpo. Deparamo-nos com as seguintes opiniões:

Juliana Paes é a primeira. Gisele é a segunda. Essa a terceira (A gordinha). A quarta é essa (A idosa) e essa é a quinta que eu acho horrível [A fisiculturista]. [Quem você acha que tem o corpo mais artificial?] A fisiculturista que deve ter tomado algum anabolizante pra ter essa estrutura. (G. 29 anos).

Juliana Paes (Pausa) Gisele Bündchen, a gordinha, a fisiculturista e a senhora mais velha [Porque você escolheu esse corpo como o mais bonito?] Porque ele é natural, assim, não é algo que ela tenha que fazer muitas extravagâncias pra ficar assim, e ela representa a mulher brasileira mais natural assim. [O que é menos natural?] As pessoas que fazem absurdos com o corpo assim, que mexem muito, tipo essa aqui é natural também [As outras fizeram algumas coisa. Algo artificial?] É [O que elas fizeram?] Essa aqui é o exagero do treino, essa é o exagero da profissão em si, e essa é um pouco desproporcional não sei se pela idade [O que significa essa artificialidade do corpo?] É você provocar alguma coisa ou algum exagero no seu corpo pra ter uma evidência. Ou muito músculo ou muito osso talvez (risos) (C. P. 27 anos).

Juliana Paes, Gisele Bündchen, e essa a terceiro lugar. [Porque a senhora escolheu a Juliana Paes como a mais bela?] Juliana é uma magra que tem contornos, os ossos não ficam a aparecendo. Ela tem o corpo bonito. [Entre as 5 quem tem o corpo mais artificial?] A loira. Porque o tórax está muito parecido com o do homem, os braços, de costas a gente vê o ombro muito desenvolvido (M. A. 55 anos).

A mais bonita é Gisele, a segunda é Juliana Paes [...] Eu acho Juliana Paes muito bonita, mas eu acho que a Gisele tem o rosto mais bonito. Ela é alta, tem o cabelo bonito, o corpo também. Juliana Paes tem mais corpão e Gisele tem o corpo mais magro. [Porque esse corpo aqui é o mais feio?] Ah porque eu acho muito exagero parece um homem (M. A. 23 anos).

Eu [...] não gosto muito dessa coisa de halterofilismo não, fica muito deformado, não acho bom principalmente para a mulher. [Porque essa tem o corpo mais bonito?] Porque o visual dela aqui é determinante, ela tem um corpo escultural. Ela está bem mesmo. E essa aqui, eu não gosto desse exagero ela está esquelética. [E sobre está imagem daqui de baixo?] Ela tem o corpo daqueles atletas que fazem halterofilismo. Eu não gosto. Eu gosto de mulher bem feminina! (M. Z. 76 anos).

Nas declarações o modelo de corpo mais apontado como natural corresponde ao padrão de corpo “brasileiro”, caracterizado pelos contornos e pelas formas femininas mais definidas. Em todas as opiniões chama-nos atenção o detalhismo com o qual os corpos são comentados. A ênfase concebida aos aspectos anatômicos femininos revela a adoção de uma referência corporal atrelada às expectativas sociais atribuídas sobre o gênero feminino. Nas obras de Irajá (1938),

Azevedo (1960), Cooper (1972a; 1972b) é possível observar que a associação entre produção normalizada dos caracteres sexuais secundários e a determinação de funções sociais específicas por gênero foram fortemente reproduzidas no sentido de tornar o corpo da mulher cada vez mais feminino. Esta estratégia serviu para bloquear o acesso das mulheres à possibilidade de construir um corpo diferente do estereótipo feminino historicamente e ideologicamente implantado nas sociedades ocidentais. Este fato, entretanto, não significa que o controle da aparência feminina se deu de forma absoluta e inquestionável, pois a dominação não é capaz de anular o uso do poder como contra-resposta ou forma de resistência, principalmente, no contexto de uma sociedade somática em que o cuidado de si e os investimentos sobre a imagem do corpo podem assumir funções libertadoras (FOUCAULT, 2006e; RAGO, 2007; FILHO, 2008).

Ainda sobre esta questão, mais recentemente Hansen e Vaz (2006) analisaram a valorização dos caracteres sexuais secundários enquanto reflexo de uma geografia do corpo que, além de ratificar os elementos materiais e simbólicos por eles representados, afirmam uma hierarquia da imagem corporal na qual os indivíduos mais sarados ou musculosos estão no ápice das relações de poder. Na perspectiva da geografia do corpo, é possível perceber que o exercício físico se consolida como uma prática de construção de corpos e sujeitos “generificados” que conquistam uma maior aceitação social na medida em que seus corpos respondem a critérios de normalidade.

A acentuação das características sexuais do corpo como forma de reconhecimento social parece apontar para a busca do “destaque” que, segundo Sant’anna (2007), representa a quebra do insosso, a superação da experiência estética do corpo que se constitui enquanto imagem apagada, e a vitória sobre o corpo sem sal, que não chama atenção e que não é capaz de provocar vislumbre.

Assim, talvez seja possível considerar que a acentuação dos caracteres sexuais do corpo corresponde a uma erotização dos sujeitos que investem de forma disciplinada para aprimorar a capacidade de estimular o desejo do outro, influenciando, dessa forma, seus próprios critérios de beleza. O erotismo, nesse sentido, pode ser concebido como forma de poder que age como meio de transformar corpos em obras de arte (RODRIGUES, 2009).

No que diz respeito à construção do corpo como obra de arte, vale salientar a importância da estatuária grega para definição das referências de beleza nas

sociedades ocidentais (KEHL, 1927; IRAJÁ, 1937; 1938; AZEVEDO, 1960; ECO, 2007b; SILVA, 2008), referências que atualmente parecem dividir espaço com atores, atrizes e demais figuras públicas que detêm corpos perfeitos circulantes nas esferas da mídia e da moda.

Remetendo novamente às falas obtidas no décimo quinto cenário, identificamos a eliciação de diferentes critérios para a definição de uma hierarquia da aparência corporal. De início desconfiamos que o destaque concedido às figuras de Gisele Bündchen e de Juliana Paes foi devido à influência da mídia sobre a opinião das entrevistadas. Entretanto, observando com detalhe as falas pode-se compreender que a forma do corpo por si só orientou as escolhas.

Os enunciados revelam um valor atribuído ao corpo em sua totalidade – como no uso do operador “corpo escultural”, por exemplo -, e a partes corporais específicas, como os cabelos, a cintura e os quadris largos, que tem função de padronizar a imagem feminina diferenciando-a da imagem masculina. Concluímos isto a partir das falas referidas ao corpo da fisiculturista como um corpo “feio”, “exagerado”, “absurdo”, que também é anti-feminino – inadequado para se apresentar – por que é masculinizado.

Nas falas o exagero na construção do corpo é majoritariamente representado pela aquisição de uma aparência não feminina e artificial, fato que reforça a idéia de feminilidade como qualidade natural do corpo da mulher. Contudo, deve-se observar que a artificialidade referida nos depoimentos não é exclusivamente deturpadora da naturalidade do corpo. Note-se a incidência de falas em favor do uso de biotecnologias, cirurgias plásticas e outras estratégias como forma de melhorar a imagem do corpo e ter bem estar:

Se é pra que elas se sintam bem com elas mesmas, assim, eu concordo, mas, desde que isso não fique à frente de tudo, de todas as relações que ela tem, e de todas as responsabilidades que ela tem perante a sociedade. Eu acredito que assim é normal (C. P. 27 anos).

Apesar de utilizarmos o termo “corpo natural feminino” segundo a perspectiva das entrevistadas - ou seja, o corpo dotado de características femininas sem traços masculinos ou marcas evidentes de intervenção estética – nós achamos necessário ressaltar a impossibilidade de definir precisamente os limites entre natural e artificial, tendo em vista o fato de que o corpo humano é construído através de relações de

poder, conflito de interesses e modificações tecnológicas introduzidas no próprio organismo (FOUCAULT, 1999; 2006a).

Finalmente, gostaríamos de abordar o dimorfismo sexual e seu papel no estabelecimento de dois tipos de beleza, uma masculina e uma feminina, que atuam demarcando os critérios para avaliar se uma aparência é normal ou não, e definindo papéis sociais pautados na diferenciação nítida de gêneros.

Em relação aos diferentes papéis sociais estabelecidos por gênero é possível observar que a definição de funções econômicas específicas oculta também a existência de diferentes formas de produzir poder. Sobre este aspecto, Baudrillard (2006) considera que a diferenciação entre masculino e feminino representa uma falsa oposição entre poder de racionalidade e poder de sedução. Enquanto a racionalidade masculina procura dominar o feminino defendendo seu espaço a partir de supressões institucionais mais ideológicas do que propriamente reais, a sedução, que é exclusivamente feminina, age não em oposição, mas envolvendo o masculino através de um jogo das aparências. Esse jogo das aparências, por sua vez, diz respeito a um mimetismo feminino que simula estados de dominação encantando, seduzindo a partir do desejo estabelecido sobre uma beleza que está ausente porque se modifica insistentemente.

Para Baudrillard (2006, p. 79), o desejo, alimento da vontade masculina de dominação, só persiste nesta ausência, pois, quando a dominação passa para o plano da operacionalização ela perde o seu sentido. Isso se dá porque a estratégia da sedução é a do engano “Seduzir é morrer como realidade e produzir-se como engano, ou seja, é reconstruir a realidade de sua aparência projetando para ela uma existência momentânea, que tem necessidade de renovação”. Nesse sentido, da mesma forma que Foucault criticou a visão unilateral dos discursos sobre a dominação feminina, Baudrillard também questiona em que medida a dominação patriarcal nas sociedades ocidentais não passa apenas de uma idéia, pois a mulher sempre teve em mãos um poder mais astuto, que é o da sedução.

No que diz respeito à definição do que é normal e anormal, partindo das declarações de nossas entrevistadas, pode-se considerar que, no caso da beleza feminina, a aparência corporal considerada normal é aquela que possui os atributos anatômicos femininos. Constatamos isso a partir da preferência apontada pelas entrevistadas quando questionadas sobre quais regiões corporais elas modificariam. A construção da aparência corporal recaiu principalmente sobre as regiões

correspondentes aos caracteres sexuais secundários femininos. Um número significativo de opiniões apontou para as modificações da cintura, do quadril, do busto e do abdômen (23%). Em seguida as entrevistadas destacaram as modificações na fisionomia, sobretudo, os lábios, cor dos olhos e a boca (14%). Em terceiro lugar as opiniões remeteram às alterações nas pernas, coxas, região glútea (12%), e modificação no cabelo (12%).

A necessidade de afirmar um modelo feminino de beleza, além de corresponder às expectativas de aceitação social e de exercício de poder, está associada também à dissimetria das exigências sociais realizadas sobre a beleza feminina em comparação ao gênero masculino. Nos discursos analisados, a beleza feminina parece sofrer uma exigência social mais evidente do que a beleza masculina.

Para Dutra (2002), a postura tradicional assumida pelo homem ocidental em relação à aparência do seu corpo justifica-se pelo fato do cuidado com a beleza ser compreendida historicamente como uma prática feminilizante, ou seja, como atributo negativo o qual impede o sucesso nas áreas da sedução e do trabalho, por exemplo.

Nos dias atuais, contudo, Dutra (2002, p. 405) afirma que o homem ocidental tem adotado uma concepção diferente sobre o cuidado com a beleza corporal. [...] Os indivíduos aderem às modas porque querem extrair satisfação deste fato, querem enviar mensagens novas, querem se sentir contemporâneos, atualizados, ou mesmo a frente do seu tempo; modernos, bonitos. Nesta fala é possível perceber que a produção estética do corpo está associada às necessidades sociais de comunicação e bem-estar bem como à necessidade de produzir e exercer poder. Apesar da ascensão desta nova forma masculina de perceber a beleza, nas falas das entrevistadas esta mudança parece ainda tímida:

Não sei se é uma questão de poder, mas, assim o homem geralmente é mais descuidado com isso, é mais relaxado, e a mulher quando é tão relaxada quanto ele isso é mais perceptível, assim, acho que é mais alvo de crítica do que o homem (A. C. 25 anos).

Percebe-se neste caso que o relaxamento masculino em relação aos cuidados com a aparência representa ainda uma postura dominante que está associada a uma maior exigência social sobre a beleza das mulheres. Tal exigência remete à valorização dos elementos corporais que caracterizam e diferenciam a aparência feminina da aparência masculina. Ou seja, deve-se valorizar os caracteres sexuais

secundários para se atingir o padrão visual feminino aceito pelo próprio sujeito e pela sociedade.

Modificar os caracteres sexuais femininos, esse parece ser o sentido das práticas de embelezamento de acordo com as declarações realizadas frente ao nosso último cenário:

Cabelos lisos não muito longos, nos ombros, nariz afilado, boca bem delineada, uma boa postura, é um busto normal sem ser siliconado, cintura fina, quadril adequado aos padrões do tamanho da cintura, coxas grossas, pernas torneadas (T. 67 anos)

O corpo perfeito é uma pessoa que tem o cabelo bem volumoso, uma cor da pele morena, uns olhos verdes, lábios sensuais, cintura fina, bumbum bem levantado, pernas bem acentuadas. Essa seria uma miss! [Magra?] Magra sim! Gordas jamais! Gordas jamais! Não existe mulher bonita gorda não. Só tem o rostinho, mas o corpo neutraliza a beleza facial! (M. Z. 76 anos).

O que eu acho que é um corpo belo? Bom começando pelos cabelos eu acho bonito cabelos sedosos e bem tratados. O rosto, bom pra mim qualquer rosto bem cuidado é bonito, maquiado. O corpo, uma pessoa nem muito magra nem gorda, apenas bem tratado, não precisa ser sarado. Tem que ser bem tratado. E isso a pessoa pode conseguir através de exercício, através de alimentação. Isso a pessoa pode ter sob controle. Aí seria um corpo belo (D. V. 71 anos).

A reflexão que realizamos procurou revelar a ação do dimorfismo sexual na construção de modelos corporais vinculados ao domínio da sexualidade. Consideramos que o dimorfismo sexual contribuiu para uma especialização do controle dos sujeitos, definindo tipos de práticas necessárias à construção de corpos belos os quais garantissem a perpetuação do sistema social binário, e que produzissem uma feminilidade normalizada.

Em suma o domínio exercido através do dimorfismo sexual estabeleceu modelos de imagem limitados à dimensão anatômica do sujeito, o sentido de controlar possíveis dispersões da sexualidade. Foram instituídas, assim, duas formas permitidas de sexualidade que devem corresponder a dois modelos legítimos de beleza que não podem ser confundidos.

É preciso lembrar também que ao criar territórios e funções demarcadas sobre os gêneros, o dimorfismo sexual cria diferentes formas de produzir poder. No caso das mulheres, o poder se dá pela sedução das aparências que atua através do envolvimento e da simulação, ao invés da dominação supressora, racional que é simbolicamente masculina (BAUDRILLARD, 2006).

Tendo chegado à conclusão de que o princípio de dimorfismo sexual está nos fundamentos da normalização corporal, tentaremos no momento seguinte discutir as relações de controle da aparência corporal a luz dos enunciados analisados.

4.2 O controle biopolítico da aparência corporal

O mecanismo jurídico-funcionalista de construção de corpos belos, ao qual fazemos referência neste momento, é composto por um conjunto integrado de tecnologias de dominação e de disciplinamento. No conjunto de discursos coletados destacam-se as tecnologias de normalização, associadas à mídia e à moda, e as tecnologias de medicalização, vinculadas principalmente à patologização dos desvios corporais e às intervenções médicas sobre a beleza.

O princípio da normalização, segundo Foucault (2004a), corresponde às estratégias disciplinares de comparação, diferenciação, hierarquização, homogeneização e exclusão de corpos anormais, que são colocadas em prática a partir de uma lei ou regra instituída para garantir o funcionamento de uma ordem social. Nesse sentido, o desrespeito a uma determinada norma erigida socialmente implica numa punição que não é necessariamente imposta pela violência física, mas que têm efeitos tão eficazes quanto ela.

A medicalização, por outro lado, corresponde à extrapolação do domínio do saber médico para além da saúde, ou seja, diz respeito à influência da medicina nas demais esferas da sociedade de maneira a garantir uma regulamentação higiênica dos corpos e uma administração eficaz e racional da vida. A medicalização significa, portanto, a expansão de discursos e práticas médicas para outros domínios da sociedade (FOUCAULT, 1999; 2005b).

Conduziremos a discussão analisando, inicialmente, as relações de normalização à luz das falas das nossas entrevistadas para, posteriormente, abordar os aspectos relativos à medicalização.

Em relação à construção de corpos belos, a análise dos depoimentos confirma a idéia de que a aparência corporal é regida por um poder normalizador que determina imagens de corpos perfeitos como modelos a serem seguidos. Destacamos a seguir duas falas que nos permitem averiguar quais as características deste corpo normalizado, e com que profundidade a normalização da aparência corporal atua nos dias de hoje:

O padrão de beleza hoje é a pessoa magra, a pessoa esbelta, a pessoa, é, magra que está toda fininha, que está toda bonitinha, que é jovem, que está toda inteira e que tem tudo em cima, é uma pessoa magra e a gordinha está longe de entrar nesse perfil (A. C. 25 anos).

Como eu disse existem padrões já preestabelecidos de beleza, e quando você não se enquadra muito nesse padrão de beleza você acaba sendo um pouco “escanteada” em algumas situações, não é? Na relação afetiva, até na situação profissional às vezes. Muitas vezes a beleza se sobressai antes de você ver a capacidade de alguém, e até a questão também da saúde, não é? Quanto mais a gente piora nosso estado físico a gente sabe que pode ter problemas futuros e é mais difícil ainda de você se recuperar ou você demora muito (M. M. 25 anos).

Na fala de A. C. (25 anos) é possível identificar as características do modelo estético hegemônico referente à mulher nas sociedades ocidentais contemporâneas através dos operadores “corpo esbelto”, “fininho”, “que está com tudo em cima”, “jovem”, “toda bonitinha”, e que “está inteira”. A fala denota ainda a figura da gordinha como personagem excluída que não possui os mesmos atributos dos corpos considerados belos.

O depoimento de M. M. (25 anos) demonstra, por outro lado, a necessidade de se “enquadrar” em certos “padrões preestabelecidos” de corpo sob pena de exclusão. O “escanteamento” nas relações afetivas, nas relações profissionais, e até mesmo o “escanteamento” de si mesma provocado pela “piora no estado físico”, correspondem às consequências de não se obedecer à uma imagem ideal que funciona como norma.

A partir destas duas declarações pode-se perceber que a reprodução da imagem estética ideal reflete uma regulação biopolítica do corpo, ou seja, a necessidade de formar tipos de sujeitos que devem investir sobre o corpo para maximizar o seu potencial econômico. A regulação biopolítica da imagem corporal promove ainda uma associação entre a produção estética do corpo e a busca por um corpo jovem e saudável. Esta associação, por sua vez, atua diretamente sobre a capacidade produtiva dos sujeitos, ao mesmo tempo em que motiva o consumo de estratégias tecnológicas oferecidas pelo mercado da beleza.

Com relação às questões do disciplinamento normalizador e da regulação biopolítica da imagem, Foucault considera que a aparência corporal figura no centro de “economia da visibilidade” que corresponde ao movimento de ocultação do poder ao mesmo tempo em que os corpos dominados têm que obrigatoriamente se

mostrar. “Na disciplina são os súditos que tem que ser vistos. Sua iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre eles” (FOUCAULT 2004a, p. 156).

Seguindo esta lógica da economia da visibilidade, compreende-se que o poder, além de produzir corpos saudáveis, fortes e belos, tem a precisão de exibí-los para ratificar a sua eficiência. Eis, portanto, a necessidade de construir uma norma corporal baseada na imagem de um corpo perfeito, demonstrar uma aparência controlada que representa saúde e produtividade econômica.

No que se refere à normalização da aparência corporal, percebe-se no grupo investigado uma maior regularidade de enunciados sobre o controle do peso e a gordura corporal (10,54%). Assim como a magreza, a juventude e a saúde são apontadas como características do corpo belo, a gordura é apontada pelas entrevistadas como o “terror de toda a mulher”.

O trecho a seguir demonstra o reconhecimento de um padrão de feiúra, que, contrariando o ideal estético, se perpetua nas sociedades ocidentais contemporâneas:

Esse aqui é o padrão de feiúra que seria o das pessoas obesas. Sei lá, pessoas baixas ou altas demais. E a relação que a gente vê aqui, o que chama mais atenção é a falta de estética. Ela chama atenção porque não é, não tem um padrão de beleza aceitável (M. M. 25 anos).

Destaca-se nesta fala uma associação entre a “feiúra” e o fato de se ter “obesidade” ou de ser “alta demais” ou “baixa demais”. Neste caso, a obesidade e a altura excessiva representam as dispersões em relação aos corpos magros e de estatura normal. Estes corpos feios, por sua vez, chamam atenção, mas, de forma negativa, pois, se destacam pelo excesso e pela anormalidade.

Na teoria de Foucault (2004a), a identificação das dispersões corporais encontra-se relacionada à classificação dos sujeitos possibilitada, sobretudo, pelos processos de comparação e de diferenciação.

No caso da fala analisada, a comparação corresponde à observação dos aspectos corporais de “pessoas obesas”, de “pessoas baixas ou altas demais”, que quando comparadas com pessoas belas, “chamam a atenção pela falta de estética”. A diferenciação, por sua vez, corresponde à identificação das diferenças em relação a uma média.

Voltando ao enunciado, a diferenciação consiste no levantamento de informações as quais permitem afirmar que a “feiúra” possui peculiaridades suficientes que a separam do padrão de beleza corporal aceitável.

Diferenciar e comparar, contudo, não se limitam apenas à verificação das possíveis afinidades e discrepâncias em relação à norma. Comparar, para Foucault (2004a) significa medir as diferenças, diferenciar, por sua vez, significa tornar úteis estas diferenças. Trata-se de reconhecer “toda a gradação das diferenças individuais” e aplicar sobre elas medidas jurídicas de padronização.

Em relação à aplicação das “medidas jurídicas” de padronização, os discursos revelam que, atualmente, ela é realizada através do convívio social, e institucionalmente, através da produção e divulgação de corpos e imagens “perfeitas”.

Ao questionar M. C. (23 anos) participante sobre as origens da padronização do corpo e sobre a pressão social exercida para conquistar esta imagem, obtivemos o seguinte comentário:

[A cobrança] Vem de fora, é minha e dos meus colegas de trabalho também. [...] Eu acho que a pessoa tem que se cuidar tem que se mostrar [...] primeiro a mulher se cobra muito, se o outro é bonito, se é alto, se é baixo tudo tem um motivozinho e aí a vaidade acho que influencia muito. [A cobrança vem] do mundo [...] das pessoas que estão ao redor.

Quando realizamos a mesma pergunta à C. P. (27 anos) nós notamos uma destacada similaridade:

É mais uma vez aqui é o que a sociedade julga que o belo é ter um corpo perfeito. Que a mulher bonita é a que tem curvas e tal. Aqui eu vejo o culto ao corpo, sei lá, que está dentro dos padrões da mídia porque a mídia impõe muito isso, a mídia influencia muito, porque nas capas de revista só tem mulheres bonitas. Vai acabar funcionando dessa forma. E isso até agora não mudou.

Na mesma perspectiva, quando questionamos D. S (81 anos) sobre a construção social do corpo magro como o padrão de beleza corporal, a mídia foi apontada como principal fator. Segundo ela, através da mídia “foi decretado que todo mundo tem que ser magro e quem não é não tá com nada. Está por fora.”

Os três exemplos acima citados se referem ao poder de padronização da aparência. Identificamos neles o estabelecimento de linhas de força estruturadas de diversas maneiras. A cobrança, como está ilustrada na primeira fala, está presente

na convivência entre o sujeito e seus “colegas de trabalho”, entre o sujeito e si mesmo, em resumo, “a cobrança vem do mundo”. O modo como a nossa nona entrevistada se refere à “ vaidade” parece indicar que o cuidado com a aparência, antes de ser um cuidado proveniente de si, é um cuidado construído na relação com o outro, ou seja, na necessidade de verificar se o outro é bonito e depois, na cobrança imposta sobre si no sentido de corresponder à beleza do outro.

No segundo e terceiro exemplos, percebemos a presença de linhas de força traçadas na relação entre sujeito e sociedade, e entre sujeito e a mídia, que no caso das mulheres se manifesta fortemente através das “capas de revista”. Nos três casos, desenham-se claramente os processos de comparação – em que as dispersões do outro são calculadas em relação a uma norma – e de diferenciação – em que o próprio sujeito faz uso da vaidade para se aproximar do padrão para não estar “por fora”.

O reconhecimento deste campo de forças construído sobre a necessidade de ser bela confirma a teoria de Foucault, especialmente no que se refere à multilateralidade das relações de poder, e aos efeitos de subjetivação que nem sempre podem ser localizados. Nesse sentido, ressaltamos que na perspectiva de Foucault (2006a, p. 104) “o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”.

Detendo-nos ainda sobre a aplicação de medidas jurídicas de padronização, pensamos ser importante abordar a atuação de dois dispositivos fundamentais que correspondem aos modos de exercer poder segundo a teoria foucaultiana: o dispositivo da visão e o dispositivo do discurso.

Para Foucault (*Idem*), o desenvolvimento do dispositivo da visão, que está na base de economia da visibilidade, representa um fenômeno crucial para instalação de estratégias disciplinares e biopolíticas. A problemática da construção da norma corporal, representada pela imagem de corpos perfeitos na contemporaneidade, pode ser citada como o resultado de uma intensa atuação de mecanismos de domínio da imagem que variam desde as técnicas de exame corporal até o panoptismo. Dentro desta perspectiva, acreditamos que a atual normalização da aparência consiste na instalação de uma imagem que deve ser reproduzida e no desenvolvimento de técnicas disciplinares para revelar as dispersões e corrigi-las.

Em relação à visão vale ressaltar que atualmente o desenvolvimento das tecnologias vinculadas à informação e à vigilância parece promover uma

reorganização da economia da visibilidade que tende a manifestar efeitos subjetivos relacionados à segurança e à já comentada supervalorização da aparência corporal (VIRILIO, 1996; TUCHERMAN, 2007). Portanto, a visibilidade do corpo parece assumir uma importância significativa nas relações sociais.

Em algumas declarações é possível perceber uma associação entre visibilidade do corpo, boa aparência e competência. A opinião de nossa décima terceira entrevistada parece representativa:

A forma, a aparência de uma maneira geral influencia muito, mas não só a forma, o cuidado também. Por exemplo, quando você vai num médico, para se consultar com um clínico [...] você vê o cara lá com unhas grandes, bata suja de sangue, o cara pode de ser um galã, mas, a impressão é que ele não cuida nem dele próprio. Um personal trainer não pode ser um cara obeso. Uma arquiteta não pode andar desmantelada “Poxa se ela não cuida nem dela como é que ela pode cuidar da minha sala?” (H. 52 anos).

Outra opinião de destaque foi emitida pela nossa décima nona entrevistada, uma Professora de Educação Física de 28 anos que dá aulas de Pilates. De acordo com ela, principalmente no caso de profissões como a Educação Física a aparência corporal é um fator determinante para o sucesso profissional. “Dentro de uma academia de ginástica uma gordinha dando aula nunca vai fazer os clientes acreditarem que o Pilates dá certo. [...] Em certas profissões a imagem é tudo” (D. 28 anos).

A mesma relação entre boa aparência e competência associada à Educação Física pode ser percebida no discurso de nossa quinta participante também professora, mas que não atua em academias de ginástica: “É a mesma coisa daquela história de que o Professor de Educação Física tem que ser sarado, “malhadão”, tem que ser forte porque você vende um produto e aí você acaba sendo um produto do seu trabalho” (M. M. 25 anos).

Percebemos, nestas falas, a existência de um uso econômico da visibilidade identificado pela manipulação da aparência do corpo como forma de vender um produto, e pela transformação do próprio corpo em produto do trabalho. Fica evidente nos discursos que ter uma visibilidade normalizada, ou seja, se mostrar mais próximo do padrão estabelecido, não é uma condição exclusiva para ser aceito socialmente. Entretanto, em certas situações, dentre as quais se destaca a dimensão profissional, ter uma boa aparência torna-se primordial.

Com relação a isso, é possível pensar a partir de Foucault (2004a) que a assimilação da imagem, seja pela simples contemplação ou por uma técnica avançada como o exame corporal, permite que o sujeito domine o que se vê, isto é, que ele transforme o fenômeno observado num objeto descritível, analisável e controlável. Partindo desta relação entre visibilidade e objetivação, a boa aparência passa a ser a representação do controle e da disciplina, que são condições preponderantes para o trabalho.

Ainda nesse sentido, talvez seja possível adentrar no contexto das “tecnologias de sistemas de sinais”, as quais Foucault (1988) reconhece como as formas de utilizar signos, símbolos e significados para construir uma compressão de si ou uma dominação racional dos fenômenos. Nesse caso, a boa aparência que representa saúde, disciplina e cuidado desempenha uma função simbólica reguladora estritamente vinculada à economia da visibilidade.

Para além da visão, o discurso em si é capaz de veicular e produzir poder ao mesmo tempo em que pode barrá-lo e miná-lo (FOUCAULT, 2006a). O poder do discurso, que na verdade diz respeito à capacidade de produção de saber e à construção de sujeitos, também está associado à definição de interditos e à limitação das condições de seu uso. Em relação a estes aspectos da interdição, merece destaque nas declarações de nossas entrevistadas uma ligação entre a legitimidade dos discursos sobre o corpo e a aparência de quem fala. Ressaltamos mais uma vez os discursos acerca da Educação Física que fazem referência a tendência social de associar a aparência do corpo à legitimidade da intervenção profissional. Nesta mesma perspectiva, somam-se os discursos sobre a mídia e a aparência física aos quais faremos referência mais adiante.

Percebemos nos enunciados selecionados, uma quantidade significativa de operadores referentes à avaliação social realizada pelo comentário sobre a aparência (28,84%). O “comentário das pessoas”, “as brincadeiras”, “a crítica”, “a repulsa”, “as reclamações” “as pessoas mangando”, ou seja, as apreciações negativas sobre o corpo desempenham uma forma de controle, pois, ao “incomodar” despertam a preocupação com as formas de apresentação do corpo na sociedade.

As impressões relatadas pelas entrevistadas demonstram claramente a discriminação em relação às pessoas diferentes, e os efeitos subjetivos que uma imagem considerada anormal pode causar. Com relação a isso, destacamos no alguns discursos emitidos na aplicação do nosso segundo cenário que retratam a

vigilância e a influência dos comentários nas apreciações sobre a forma corporal. É possível perceber aspectos relacionados à interdição sobre a aparência.

(...) todo mundo diz que gorda não pode usar biquíni (T. 67 anos)

(...) Por ter esse corpo (...) não devia usar biquíni (...) ela veio fazer exercício na frente do mar, mas não devia usar biquíni (M. Z. 76 anos)

(...) a gordinha aqui na praia é bem corajosa de estar com as gordurinhas de fora (...) não é bonito de se ver a gordura do corpo (...) muitas vezes a gente não pode ver alguém assim na praia e a gente pensa “essa pessoa não tem espelho?” (M. A. 55 anos)

(...) a forma como se veste, se (...) está cuidada interfere muito (A. C. 25 anos)

Quando você tem um corpo legal você pode usar qualquer tipo de roupa (...) é como se eles estivessem espantados com o corpo dela por não estar dentro dos padrões que a sociedade exige (G. A. 29 anos)

(...) eu tenho pena, eu tenho dó! Dá vontade de ajudar uma pessoa dessas. Realmente ela tem algum problema (F. M. 36 anos)

Ela chama atenção porque não é, não tem um padrão de beleza aceitável (M. M. 25 anos)

A imagem que compõe o nosso segundo cenário consiste numa figura feminina, obesa, usando roupas de praia, que está sendo observada por dois rapazes (vide Apêndice A). As categorias identificadas em relação a este cenário foram “vigiando corpos feios e imperfeitos” (72,71%), “o poder da aparência corporal” (13,63%) e “preconceito contra o gordo” (9,52%).

O primeiro eixo temático identificado confirma a existência de uma rede de vigilância sobre a imagem corporal que atua não apenas em relação à forma do corpo, mas também, em relação às roupas que se usa. O segundo grupo corresponde à condição de visibilidade dos corpos “feios” e “belos” e à utilização da aparência para seduzir ou para agredir e impressionar o outro. A última categoria de enunciados refere-se ao preconceito com o corpo gordo e aos esforços sociais desenvolvidos para controlá-los.

Com base na regularidade destes eixos enunciativos, uma leitura a partir de Foucault permite identificar que, de acordo com o grupo pesquisado, o poder da aparência corporal - representado pelos operadores de dominação “discreta”, “corpo”, “corpo legal”, “a forma como se veste”, “usar biquíni”, “usar qualquer tipo de roupa” (%Operadores de dominação= 56,25%) – o qual estabelece o corpo magro

como norma, fundamenta relações de preconceito construídas sobre corpos desviantes – correspondentes aos operadores “sociedade”, “pessoa”, “preguiçosa”, “não tem coragem”, “não tem força de vontade”, “sofre” (%OP= 28,12%) - que precisam ser controlados por um sistema de vigilância – identificado a partir dos operadores “chama atenção”, “olhava”, “corpo”, “paquera”, “agredir”, “aparência” (%OP= 15,62%).

Reconhecemos, no âmago das falas registradas, uma relação entre visibilidade, qualidade da aparência corporal, e interdição. Os relatos de nossa décima e décima terceira entrevistadas ilustram esta relação:

[...] Ai Jesus! Aqui eu vejo a coisa mais feia do mundo. Uma mulher super obesa, todo mundo que vê acha uma coisa estranha, todo mundo que vê acha uma coisa curiosa e ela aqui se sentindo o máximo de estar aqui. Ninguém tem nada a ver com isso, mas chama atenção o que não é normal e ela aqui não é né? E essa pessoa não se ama (M. Z. 76 anos).

[...] Tem essa questão da crítica porque às vezes, é engraçado, eu já percebi isso, tem pessoas que olham pro gordo com aquele preconceito [...] como se ele valesse menos, como se ele fosse “o preguiçoso”, como se ele não tivesse direito de estar ali, como se ele não tivesse direito de vestir determinada roupa ou se comportar de uma determinada forma, não é verdade? Porque existe mesmo preconceito na sociedade [...] e é o que estas pessoas estão questionando aqui “O que é que essa mulher está fazendo aqui?” (F. M. 36 anos).

Focalizando o sistema de vigilância social da aparência, destacamos dois aspectos principais presentes nos enunciados analisados. O primeiro aspecto diz respeito à maneira “discreta” de se exhibir e o segundo diz respeito às formas de interdição aplicadas sobre os corpos “indiscretos”.

Nos discursos, o sentido atribuído ao termo “discreto” diz respeito ao controle da própria aparência, sobretudo, em relação a não mostrar os defeitos do corpo ou pelo menos disfarçar os defeitos através de estratégias simples de visibilidade, como o uso de uma roupa mais folgada ou mais escura. Nesse sentido, a nossa primeira entrevistada relata que quando está acima do peso já limita as suas roupas, passando a utilizar vestimentas mais folgadas para se sentir bem. Segundo ela, numa situação de sobrepeso ou de excesso de gordura corporal ela “[...] nunca usaria uma roupa que [...] apertasse demais ou que estivesse mostrando tanto assim os meus defeitos” (G. 29 anos).

O sistema de vigilância admite ainda que apenas o “corpo legal”, ou seja, o corpo magro, belo e jovem pode se exhibir ou usar certos tipos de roupa. Os

argumentos que sustentam essa idéia indicam preocupações em não exibir os defeitos da forma corporal, tendo em vista o preconceito e o impacto que um corpo “anormal” pode causar, e em não se expor ao “ridículo” de usar uma roupa que não reflete a idade que se tem. Nesse sentido, a fala da nossa vigésima entrevistada remete “à feiúra da gordura e à agressividade da imagem que choca por estar fora do padrão”: Em função disso o corpo gordo é punido:

[...] a pessoa gorda é ridicularizada, ela ganha, digamos, apelidos que mostram esse preconceito nem sempre as pessoas gostam de se relacionar, então não há uma abertura pra se relacionar com uma pessoa gorda demais [...] a própria estrutura social que não está voltada para as pessoas que estão fora do padrão. Agora é que a gente vê nos ônibus cadeiras para obesos que mostra essa preocupação, mas, a própria infraestrutura social não, digamos, abraça as pessoas que estão fora do padrão então tudo isso é uma forma de mostrar esse preconceito essa discriminação (A. J. 25 anos).

No que concerne a não exibição dos defeitos corporais, a roupa ocupa um lugar de destaque nas declarações analisadas. Funcionando como um instrumento para avaliar a imagem do corpo, a roupa aparece nas falas como um recurso estético para se apresentar bem e ressaltar a beleza, como recurso para esconder imperfeições corporais, como objeto de consumo que simboliza a vida difícil de uma pessoa gorda e como indicador de bem-estar – particularmente “quando a roupa cai bem”.

Percebemos um realce conferido à questão da roupa, particularmente no que se refere ao “preconceito” da indústria da moda para com as gordinhas. Nesse sentido, foi possível constatar a dificuldade que as pessoas gordas têm em se vestir bem, ou em conseguir roupas facilmente. M. C. (23 anos), praticante de exercício físico com orientação de personal trainer há 8 anos, e ex-obesa (realizou cirurgia de redução de estômago há 2 anos), descreve a sua rotina em relação ao consumo de roupas quando estava acima do peso:

[...] para o gordo a maior dificuldade do mundo é se vestir bem. Você tem dificuldade porque as roupas de gordo são feitas como se fossem roupas para as senhoras, são roupas se gosto, entende? Já o magro não. Encontra tudo o que quer e tudo o que gosta, cai bem. No gordo não porque tudo é feito para o magro. Então o magro é uma pessoa mais livre a pessoa tem mais direito de escolha e não precisa ir numa loja horrorosa do shopping que só vende coisa feia.

Segundo ela as dificuldades impostas socialmente servem para afirmar uma série de preconceitos em relação ao corpo gordo, especialmente, reforçando a idéia de que “a mulher gorda não tem senso de ridículo”. A partir de enunciados como este e da regularidade de operadores como “desprezo”, “espanto” e “chamar atenção” percebe-se que o preconceito representa a principal forma de exclusão associada à normalização da aparência corporal.

As idéias de vigilância, visibilidade, interdição da aparência e preconceito encontram reforço ao analisarmos as opiniões das participantes sobre o terceiro cenário. As declarações retratam a construção do corpo magro como um bem-estar (“se sentir bem”, “bonita”, “chamar atenção”, “autoconfiança”, “atitude”, “atividade física”, “alimentação”) (%OP= 21,15%), a gordura como um incômodo (“incomodam”, “terror”, “mal”, “defeito”, “feio”, “negativo”, “infeliz”, “não se sentir bem”, “frustração”, “descuido”) (%OP=50%), e o comentário enquanto um sistema normalizador vinculado à exclusão (“comentário”, “desprezo”, “preconceito”, “crítica”, “repulsa”, “as pessoas mangam”, “reclama”) (%OP=28,84%)

O cenário 3 corresponde à fotografia de uma mulher com uma grande concentração de tecido adiposo na região abdominal (VIDE APÊNDICE A). As categorias identificadas no processo de eliciação referem-se à “negatividade da gordura” (52,63%), à construção do corpo e bem-estar (31,57%), e ao “comentário como sistema de exclusão” (15,78%).

Sobre a negatividade da gordura a nossa primeira entrevistada apresenta uma opinião contundente. Para ela a gordura, especialmente, a abdominal, “é o terror de todas as mulheres”. A sexta participante compartilha da mesma opinião ao dizer que a gordura “Incomoda”. Entretanto, para ela o excesso de gordura é um problema moral “porque mostra que tem uma coisa que de repente você não foi cuidadosa suficiente para manter aquilo nos conformes”. A gordura segundo ela “é um sinal de descuido e relaxamento.

A entrevistada número cinco, por sua vez, aborda a questão da gordura do ponto de vista psicológico: “Ela está infeliz com a forma física atual. Ela está se tocando como se tivesse reclamando do que está pegando. Isso aqui já mostra que a auto-estima dela já não está muito boa. Ela não está se sentindo muito bem [...] com essa gordurinha a mais” (M. M. 25 anos). A oitava participante (M. A. 55 anos) ressalta que o excesso de peso, os famosos “pneuzinhos” incomodam muito, principalmente pela repulsa social e pelas críticas sofridas por não estar dentro do

padrão. Dentre tantas outras opiniões destacam-se ainda os discursos de nossa sétima entrevistada, os quais revelamos a seguir:

Acho que é o mal de toda mulher, não é? Por menos que você tenha tudo mundo fala “Ah tem um gordurinha aqui, tem uma gordurinha ali!” Isso mostra a zona mais crítica de que todo mundo reclama hoje em dia em relação à gordura. É a zona em que o pessoal reclama mais, não é nem mais no quadril, ou no braço é mais na cintura. Eu vejo aqui o retrato das pessoas que tem sempre uma gordurinha a mais para tirar. Elas dizem que não estão satisfeitas com isso, dizem “Ainda tenho isso aqui para tirar!”. O que eu vejo aqui é isso a blusa levantada e ela pegando na gordura como se dissesse “Olha aqui, está vendo, isso aqui ainda está ruim, preciso tirar isso!” (F. 40 anos).

Ela é negativa. Pra mim ela seria algo negativo, é feio, negativa, incomoda. [...] Porque é feio. Porque as pessoas mangam, porque talvez você não se sinta a vontade para usar um determinado tipo de roupa, talvez você não se sinta a vontade para fazer alguma coisa, para ir à praia, então é uma coisa incomoda, pra mim passa uma coisa incômoda. Não acho bonito “Ah que bonito, tem uma gordurinha que massa, que fofinho!” Não! Para mim passa uma coisa incômoda. Incomoda a ela e incomoda às outras pessoas também pelos olhares não é? Então passa uma coisa negativa, não passa nada de positivo (F. 40 anos).

Um olhar mais geral revela que a gordura, especificamente a gordura abdominal, representa um mal-estar físico, estético e moral. O mal-estar físico está correlacionado ao uso de vestimentas e ao aumento do peso corporal. Nesse caso, a gordura localizada é entendida como um excesso e um peso que precisa ser retirado.

A gordura também representa um impedimento social que interfere nas formas de apresentação e nas situações de exposição do corpo. O mal-estar estético, por sua vez, remete à feiúra, ao incômodo e aos baixos níveis de auto-estima. O mal-estar moral diz respeito ao descuido em relação ao dever de cultivar um corpo bonito. Este descuido se manifesta materialmente através do acúmulo de “gordurinhas” e “pneuzinhos indesejáveis”.

Nas falas observamos também aspectos relativos aos efeitos subjetivos da normatização. Conforme a fala da sétima participante, a própria “negação” da gordura representada pelas sensações de incomodo e de sofrimento está associada à obsessão e ao impedimento de usar certo tipo de “roupa” ou de freqüentar um lugar público de lazer com a praia.

Ratificando a sensação de mal estar, o comentário das pessoas, as críticas, as palavras depreciativas e de repulsa representam a impressão inicial que se tem de

uma aparência que não é considerada bela. Logo abaixo realçamos os principais enunciados que remetem às representações da gordura à luz das nossas participantes:

É desagradável de ver e chama atenção. Não é normal, se não for doença representa pouco caso de si mesmo (M. Z. 76 anos)

É o terror de todas as mulheres. Representa algo que está em excesso no corpo, sedentarismo ou comeu demais, distúrbio hormonal. Uma pessoa relapsa (...) motivo de piada (G. 29 anos)

Pessoa desleixada é mais lenta que se preocupa mais com comida do que com trabalho. A gordura não é sinônimo de saúde (...) que vai dar mais trabalho pra empresa do que lucro (E. 34 anos)

Indicativo de que a pessoa vai ter um infarto (...) é muito feio (...) falta de cuidado e preocupação (D. S. 81 anos)

É exatamente isso que mais incomoda as mulheres (...) o visual não agrada de jeito nenhum (...) ela diz respeito à alimentação e à falta de exercício. Representa infelicidade e auto-estima baixa (...) é o mal de toda mulher (M. A. 55 anos)

Incomoda, mostra que tem uma coisa fora dos conformes. É um sinal de descuido e relaxamento (C. P. 27 anos)

(...) é como se a gordura pesasse, é com se fosse um fardo, é como se fosse todas as frustrações "incrustadas" ali na linha da cintura, sabe? É uma coisa ruim, eu não vejo como uma coisa boa (F. 40 anos)

Estas observações confirmam a teoria de Foucault, sobretudo, no que concerne aos processos de normalização e exclusão. A gordura, que representa a antítese da norma, tende a ser reprimida, disciplinada, excluída. É possível identificar também os dois modelos de exclusão hegemônicos nas sociedades atuais de acordo com Foucault (2004a), que são a divisão binária e a marcação. Segundo o autor, estes dois modelos funcionam impondo um controle disciplinar que permite marcá-los e classificá-los dentro de um sistema de normalidade e anormalidade.

No contexto das falas, o corpo "gordo" e "feio" é "marcado" como anormal, fato que motiva a aplicação do poder disciplinar com duas finalidades econômicas: que tem duas finalidades: definir espaços que devem ser ocupados para cuidar e normalizar os corpos indesejados (lógica de quadriculamento), e aplicar sobre o corpo proibições, nesse caso, interdições sobre as formas de se mostrar, de se exibir, de se vestir.

Abordamos, até aqui, aspectos da comparação, da diferenciação e exclusão inerentes ao processo da normalização. A partir deste momento iniciamos uma

abordagem sobre os processos de hierarquização e homogeneização da aparência corporal a partir dos discursos emitidos sobre a mídia e a moda.

Com relação à mídia vários autores têm-na associado à busca pela beleza como resultado de uma ascendência das consciências individuais em torno das possibilidades de modificação corporal, e ao surgimento de uma crença num vínculo fundamental entre auto-estima e aparência física que está pautada num certo valor de mercado. Por outro lado, a disposição dos sujeitos à construção do corpo belo encontra na indústria, na economia e na mídia um mercado de negociação onde o que está em jogo é o consumo do próprio corpo (FOUCAULT, 1999; EDMONDS, 2002; VIGARELLO, 2006).

A mídia, por estar associada à necessidade de mostrar e de tornar visível desempenha uma função de dominação imprescindível: através de sua ação a aparência corporal é inserida na economia da visibilidade, ou seja, a mídia transformar corpos em objetos de apreciação cujas características estéticas devem revelar o máximo de controle. Essas funções escondem ainda uma ação educativa da mídia associada à expansão dos meios de comunicação e de uma indústria cultural que incidem sobre a formação do inconsciente coletivo e, paradoxalmente, sobre a padronização e emancipação das massas (DANTAS, 2007).

No âmbito das nossas entrevistas, a determinação do corpo padronizado encontra-se significativamente vinculado à propaganda, ao cinema, e à televisão. Os impactos da mídia sobre a regulação corporal de acordo com o grupo pesquisado correspondem em primeiro lugar à estipulação de uma imagem ideal, e em segundo lugar à incitação obsessiva pela construção desta aparência ideal.

De acordo com algumas entrevistadas, os sujeitos contemporâneos tendem a reproduzir os padrões corporais que a mídia divulga. O resultado é a formação de indivíduos padronizados que atuam no limite de sua própria identidade. Sobre estes aspectos ressaltamos as seguintes falas:

Muitas [mulheres] olham o corpo de uma atriz ou de uma atleta e pensam “Eita eu queria ter aquele corpo, aquele bumbum, aquelas pernas!” Muitas desejam ter a estética da outra mulher que tem o corpo mais definido e escultural (G. 29 anos).

[...] se você for olhar a maioria quer ser loira, quer ter peito de silicone então às vezes as mulheres ficam todas parecidas né? Muitas vezes você não sabe quem é quem. “Eita aquela ali é a modelo tal, vixe como ela está parecida com fulana!” Então é como se todas fossem ficando mais ou

menos parecidas, bota a boca assim e não sei o que, então ficam todas como se tivessem o mesmo biótipo, tudo muito parecido (F. 40 anos).

Na análise de enunciados o operador “mídia” aparece em vários cenários. Inicialmente, a compreensão mais visível é a de mídia enquanto meio de divulgação da beleza e formadora de opiniões. Nesse caso, a mídia não só propaga imagens de corpos belos como também incentiva a reprodução e a exibição destes corpos. Ao observar o quarto cenário, por exemplo, a nossa primeira entrevistada relata que a mídia “diz que a mulher tem que estar bonita e tem que estar se exibindo”.

O cenário que demonstrou uma maior regularidade de enunciados sobre o tema “mídia” foi o sétimo (43,83%). Esse cenário é constituído por uma mulher obesa observando um *outdoor* que veicula a imagem de um corpo feminino magro o qual faz propaganda de uma loja de roupas. Neste contexto, a senhora gorda que observa o *outdoor* questiona porque somente a obesidade é considerada doença e a magreza excessiva não (VIDE APÊNDICE A).

Através desta figura, foi possível perceber uma categoria referente “a exclusão, comparação e diferenciação do corpo gordo” (28%) e outras categorias vinculadas ao “sacrifício corporal” (20%), “ao poder da magreza no mercado da beleza” (28%) e ao “culto ao corpo na mídia” (24%).

Ressaltamos a associação da mídia com o tema culto ao corpo, aspecto que revela o poder midiático de incitar investimentos sobre a aparência visando alcançar a imagem estética normalizada. Destacamos as falas mais significativas a seguir:

As pessoas são muito influenciadas pela mídia e a gente vê uma vez no ano uma loja no shopping, uma ou duas, você conta as lojas que tem pra essas pessoas assim. E pra quem é magro não, quanto mais magro as pessoas vêem que parece que mais saudável, acho que é isso. Ou porque é magra a pessoa veste a roupa com facilidade em qualquer lugar, assim, e pra outras pessoas é mais difícil (C. P. 27 anos).

Realmente a mídia contribui muito, muito, demais. É um canal assim, a televisão, você vai se deixando envolver por aquilo, entendeu? Aí os homens também elogiam, né? O que presta é a mulher do vizinho, a mulher da gente não presta, sempre tem isso não é? E assim então eu acho que a mídia favorece muito a você ter que ser bonita, ter que ser magra, só a mulher desejada é aquela que tem cintura fina, que tem músculo, isso e aquilo outro, e isso está ficando cada vez pior (F. 40 anos).

E você não vê um gordinho fazendo propaganda? [...] A mídia quer passar sempre uma imagem, eles nunca botam um gordinho, um feinho, para poder chamar atenção. Eles pregam que todo mundo tem que ser magro, bem-feito. Acho que (isso) passa uma credibilidade, eles acreditam, como eu

falei, que a pessoa gorda não tem força de vontade, não tem coragem de investir ou de tomar uma decisão. (M. C. 23 anos).

Como garantir que o hoje em dia belo é saudável? E os casos de anorexia bulimia? E a pessoa que segue isso é dita magra, mas não tem saúde [...] a pergunta é o que é saúde? Antigamente a obesidade era saúde, mas, hoje se sabe que algumas doenças são causadas pela obesidade e hoje em dia também se sabe que a magreza causa doença mas, mesmo assim a gordura é discriminada. Acho que isso é porque hoje o belo é o magro, a mídia mostra que o belo é o magro (D. 28 anos).

Tem 2 elementos importantes [...] a magreza e a obesidade [...] a anorexia tem aparecido muito, mas mesmo assim o gordo sofre mais ainda [...] Eu acho que a mídia está muito associada com isso tudo porque a mídia passa esse perfil da mulher bela e bem cuidada. Por outro lado tem a mídia que ressalta a boa alimentação e coisas assim, mas, a maioria ainda ressalta a vida dos famosos. Acho que nós temos responsabilidade porque a mídia incentiva muito, mas cabe a você também escolher se você quer ou não ficar na frente da TV a tarde toda (A. J. 25 anos).

É possível perceber referências à mídia e à sua atuação no mercado e na indústria da beleza, sobretudo, sua influência na criação de uma “obsessão pela beleza” representada pela necessidade de intervir cirurgicamente sobre os defeitos do corpo para se atingir o modelo de corpo circulante nas propagandas e na televisão. Realçamos o discurso da nossa sexta entrevistada no tocante ao papel da mídia na criação de “várias necessidades” e “novas preocupações” que fomentam um culto exacerbado do corpo perfeito.

A mídia intensifica isso e eu acho que exclui cada vez mais criando novos tipos de obsessão a cada dia. Vai criando, como é que eu digo [...] várias necessidades, novas preocupações. Em relação ao corpo a norma geralmente é essa, é de você fazer exercício para ficar toda durinha toda definida é você fazer plástica, é você fazer “lipo”, é de você fazer isso ou aquilo, é do culto exacerbado ao corpo (A. C. 25 anos).

A forma de ação da mídia sobre os sujeitos, por sua vez pode ser mais claramente observada nos discursos de F. (40 anos) e M. C. (23 anos), principalmente. Entende-se, a partir deles, que a mídia atua manipulando o desejo, ou seja, associado à imagem padrão ao que deve ser consumido, reproduzido e valorizado: “A mulher desejada é aquela que tem cintura fina, que tem músculo, isso e aquilo outro” (F. 40 anos). Por outro lado a mídia age associando a figura da magreza a posições sociais de prestígio e credibilidade. Segundo M. C. (23 anos) essa é razão pela qual o corpo gordo não é destacado nas propagandas nem nos programas de televisão. Exceto alguns casos, a hegemonia é dos corpos magros

que simbolizam o contrário da “falta de vontade”, e da “incapacidade de tomar uma decisão”.

Ainda em relação à obsessão pelo corpo perfeito, destacamos a presença dos operadores “anorexia” e “bulimia” nos discursos de D. (28 anos) e de A. J. (25 anos). Ambas realizam uma reflexão sobre a saúde e a beleza considerando que a imagem padronizada, apesar de ser desejada na contemporaneidade, em muitas situações não corresponde a ter um corpo saudável.

Não obstante o reconhecimento dos distúrbios da imagem corporal associados à magreza, ainda assim, há, na nossa sociedade, uma maior valorização da beleza magra. Trata-se de evitar ter um corpo gordo a todo custo. As conseqüências disso podem ser verificadas com o desenvolvimento de transtornos psicológicos dentre os quais a anorexia e a bulimia tem maior destaque.

A relação entre anorexia nervosa e a mídia tem sido investigada na literatura nos últimos anos. Destacamos o estudo realizado por Niemeyer e Kruse (2008), que a partir de uma perspectiva foucaultiana analisaram a construção de corpos anoréxicos através da análise de discursos veiculados numa revista voltada ao público adolescente. De acordo com as autoras:

O complexo de beleza magra produz formas patológicas de subjetividade, pois percebemos muita semelhança na forma de experienciar o corpo entre pessoas tidas como anoréxicas, em relação a outras assim não diagnosticadas. [...] E a mídia participa fortemente dessa situação, quando subjetiva seu público através dos ideais de corpo perfeito e das prescrições de como ter esse corpo, provocando um desejo de emagrecimento que é culturalmente reforçado nos dias de hoje (NIEMEYER; KRUSE, 2008, p. 463).

Podemos confirmar essa informação a partir da declaração da nossa oitava entrevistada sobre um desfile de moda:

A magreza, agora é que, depois de várias modelos falecerem, terem falecido, mas se você olhar, eu fui ver um desfile aqui no shopping e eu fiquei impressionada com a magreza das modelos, feias, visivelmente feias. Então eu fiquei horrorizada, muito osso, sabe? Então essa magreza realmente eu nunca desejei eu acho que é doentio. Mas a modelo também quando está vestida não tem nada sobrando, ela está maquiada, então as pessoas não sabem distinguir que é uma doença, não é? E no caso da gorda as pessoas notam a dificuldade de caminhar, respirar, de dormir bem. Elas têm colesterol alto, depressão também. E o gordo pra mim, aquele gordo que tem dificuldade de caminhar dá uma certa aflição de ver uma pessoa tão sacrificada pelo próprio peso (M. A. 55 anos).

Mas outras questões ainda estão envolvidas neste processo. A valorização da imagem estética do corpo em certos casos parece já não respeitar os limites do corpo saudável. Para ilustrar esse fato destacamos a fala da nossa sétima participante, uma ex-fisiculturista de 40 anos de idade, praticante de exercício físico em academias de ginástica há 27 anos. Suas declarações sobre o consumo de esteróides anabolizantes para atingir a imagem padronizada demonstram uma desobediência em relação aos limites do que é considerado saudável. Quando questionada sobre as intervenções sobre a aparência que causam malefícios à saúde obtivemos a seguinte resposta:

É eu mais do que ninguém sei disso, mas eu não me arrependo de nada do que eu fiz. Se eu morresse amanhã eu não deixaria de ter feito nada o que eu fiz em relação à beleza, à estética, ou ao percentual de gordura. Eu não, se eu tivesse de viver de novo eu não deixaria de fazer o que eu fiz porque eu cheguei onde eu quis chegar, naquela hora, naquele momento eu queria estar assim. Então eu não posso me arrepender de nada que eu fiz porque na hora aquilo era importante pra mim. Então eu não posso ser desonesta comigo mesma, não posso me arrepender. Se amanhã eu descobrir que tenho um problema porque tomei anabolizante, eu não posso me arrepender. Eu faria tudo de novo. Não me arrependo de jeito nenhum. Nunca tive medo. Talvez eu seja um pouco egoísta em relação a isso, eu quero e acabou-se, não quero saber se vou morrer isso ou aquilo. Essa coisa de dizer que não toma "Ah nunca tomei não! Isso é batata-doce!" Não tem isso não (F. 40 anos).

Nesta curiosa declaração, pode-se perceber o excesso de preocupação com a aparência física e as conseqüências desse excesso associadas ao consumo de drogas anabolizantes. A entrevistada afirma de maneira contundente "que não se arrepende do que fez" e confirma que faria novamente o uso do mesmo recurso. Nem mesmo o reconhecimento de que há ainda o risco de desenvolver alguma doença em função da droga parece indicar algum tipo de constrangimento.

Outro aspecto presente no discurso indica que a utilização de recursos não-medicamentosos, por exemplo, "comer batata-doce", não foi suficiente para conferir à entrevistada a qualidade corporal que ela tanto celebra. Isso nos leva a refletir novamente sobre os limites entre o que é natural e o que é artificial, e o que eles representam para o sujeito contemporâneo. Para Virilio (1996), o uso de estratégias biotecnológicas para melhorar o corpo parece estar fundamentado na idéia de superação dos limites biológicos que, nos dias atuais, impedem que os sujeitos atinjam níveis mais altos de excitação e de desempenho. Nesse caso o uso de derivados sintéticos hormonais foi o único recurso que permitiu atingir o estado de

desenvolvimento físico desejado. Na perspectiva de Virilio, este caso revela as características do sujeito super-excitado que busca transpor os limites do biológico recorrendo à tecnociência.

Nota-se que inicialmente a entrevistada se referiu ao consumo de anabolizantes como algo realizado no passado. No entanto, ao longo da entrevista ela revela que já fez uso, que ainda usa, vai usar, e que não se arrepende disso: “se morrer morro feliz e alegre”.

Pode-se perceber que o poder normativo da mídia tem uma grande contribuição para assegurar a reprodução do padrão estético corporal. Neste caso, o que está em jogo é homogeneizar, diminuir as discrepâncias, mas estimulando os sujeitos a investir economicamente e até cirurgicamente sobre seus corpos para melhorar sua aparência. Homogeneizar, nesse sentido, remete claramente à idéia biopolítica de maximização, ou seja, melhorar a própria aparência a partir de uma administração racional do seu próprio organismo.

Para Foucault (2004a, p. 153), trata-se de “traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal”, ou seja, de estabelecer um modelo de aparência estética num nível melhorado ao qual todos devem se igualar. Conseqüentemente há também a definição de um limite inferior correspondente aos corpos inferiores, limite este que deve ser evitado. Percebe-se nesta reflexão uma transição entre homogeneização e uma hierarquização.

A respeito deste limite estético inferior, identificamos depoimentos referentes ao eixo enunciativo “discriminando/classificando o corpo gordo”, identificado ainda no âmbito do sétimo cenário.

De acordo com T. (67 anos) a pessoa gorda se depara com muitas situações sociais desfavoráveis que revelam a atuação de uma discriminação declarada e constante. “(...) A pessoa gorda sofre pra entrar no ônibus, pra sentar numa cadeira têm que ter cuidado pra não quebrar a cadeira, as pessoas já ficam olhando, na praia as pessoas olham. O gordo sofre muita discriminação”.

Segundo a nossa oitava informante, o preconceito com o corpo gordo está fundado na idéia de que “o obeso incomoda” e que tem pouca utilidade econômica. Referindo-se a uma matéria publicada em revista de circulação nacional a informante exemplifica o preconceito contra os gordos citando o caso de empresas que excluem enfermeiras gordas “porque em caso de correr e tudo elas teriam dificuldade” (M. A. 55 anos).

A raiz de todo preconceito talvez esteja no fato de que o gordo é considerado “lento, pesado”, numa sociedade em que a produção e a velocidade da informação necessitam de sujeitos ágeis. Para ilustrar isso a entrevistada utilizou outro exemplo da mídia:

[...] Eu até vi numa reportagem que tem empresas agora nos Estados Unidos que estão cobrando deles duas passagens, e colocaram cadeiras maiores para eles. Então o obeso atrapalha também quando você vai subir numa escada rolante com um gordo, no elevador (M. A. 55 anos).

Sobre a idéia de que o obeso incomoda, a nossa nona participante considera que o obeso incomoda porque “[...] as pessoas pensam que eles não têm coragem de mudar. Eles não sabem que no fundo a obesidade não tem nada a haver com a preguiça, ela é um problema genético” (M. C. 23 anos).

Apesar das complicações de ser “gordo” representadas na fala da nossa segunda entrevistada, nós percebemos nos discursos que a busca pela normalização da aparência estética ou do peso corporal atua num duplo sentido: demarca subjetividades que são “escravas da aparência” ao mesmo tempo em que formam sujeitos “sacrificados pela beleza”.

Quanto ao operador “sacrificados pela beleza”, ele diz respeito aos sacrifícios que se deve realizar para alcançar a imagem padrão. Tendo como referência a imagem presente no sétimo cenário, as entrevistadas reconhecem que, entre o corpo muito magro das modelos e o corpo da mulher gorda, uma série de exigências tem que ser cumpridas para se conquistar uma aparência desejada. A notável regularidade de operadores associados ao sofrimento de conquistar um corpo magro demonstra o quão significativo é esse tema para as entrevistadas (32,87%).

[...] as modelos [...] seguem um padrão que é muito rígido. Elas têm que ser muito magras. E uma pessoa que segue esse tipo assim de modelo não significa que seja uma pessoa saudável. Tanto é que a gente vê muitos casos de modelos que morrem porque, com é que eu posso dizer, elas desenvolvem aquela doença a anorexia, não é? (T. 67 anos).

Em alguns casos de anorexia que existem por aí (...) acontece entre as modelos entre o pessoal da moda, não é? Acaba se criando uma neura, não é? Uma psicose, uma doença, não é? Na verdade é uma doença! E também faz muito mal porque pode levar à morte. É um emagrecimento que não é nada saudável porque você perde tudo até massa magra, fica só o esqueleto mesmo. Acho que não tem diferença de melhor e pior entre os dois. Os dois matam, os dois são horríveis, os dois são feios. O gordo que sofre de obesidade mórbida que não consegue andar, não consegue entrar num ônibus, sentar numa cadeira de ônibus. Uma magra dessas aqui não

conseguiria nem se locomover de tão fraca, de tão sem energia, ela não tem nada (M. M. 25 anos).

Em relação a essa coisa de gordura o pessoal mete pau nessa coisa de obesidade mórbida, mas também não estão vendo o lado das pessoas anorexas que tem vários tipos de problemas e que tem uma imagem distorcida, não é? Acontece muito no fisiculturismo a gente sempre malha fica muito forte, mas nunca acha que está forte sempre fica querendo mais, mais e mais. É a visão distorcida da própria imagem (F. 40 anos).

Estes sacrifícios, no entanto, têm um objetivo que é o reconhecimento social e, em alguns casos, econômico da estética produzida. Nesse sentido, a indústria da moda representa o ápice da normalização estética do corpo.

A moda, segundo Dweck (1999), representa atualmente uma “variável-chave” que determina não só os tipos de beleza, mas os serviços oferecidos pelo mercado para se construir um determinado arquétipo de aparência. Com base em pesquisas realizadas sobre a expansão dos serviços de beleza na América do Norte, a autora considera que a moda

[...] é o elemento crucial na trajetória dos serviços de beleza [...] que é construída pela indústria de cosméticos/perfumaria, mídia e movimentos sociais que, ao valorizarem certos aspectos raciais e culturais, influenciam num determinado espaço de tempo, em escala mundial e nacional, o consumo desses serviços e produtos (DWECK, 1999, p. 04).

Para Lipovetsky (2006) a moda representa o impulso em relação ao efêmero que está associado à incorporação de estilos fundada num sistema de aparências padronizadas como “força de interiorização subjetiva” e de “imposição social”. Percebe-se na fala a seguir uma compreensão sobre a moda que revela, principalmente, aspectos relativos à padronização do corpo magro e seus efeitos de subjetivação nos corpos das consumidoras:

[...] o padrão de beleza não é favorável à pessoa gorda por uma questão de lógica, você vai numa loja provar uma roupa você está gorda nada cabe, você sai na rua todo mundo fica falando “Nossa!”, que você está obesa. Também tem a questão da saúde também, as doenças. Mas se for o caso da anorexia eu acho igual é horrível também você ver uma mulher esquelética. Uma modelo não porque tem uma diferença entre modelo normal e uma modelo anorexa. Claro que entre uma modelo normal e uma pessoa obesa quem chama mais atenção quem sofre mais seria a obesa por causa do preconceito. Mas uma anorexa eu acho que está no mesmo nível, tanto de saúde como de estética é horrível (M. M. 25 anos).

E., uma empresária da indústria da moda com 34 anos de idade e praticante de exercício físico em academias de ginástica há 9 anos, apresenta uma posição reveladora sobre a influência da moda na sociedade e seu papel na definição da imagem normalizada:

A indústria da moda, como eu te disse, faz um mercado sempre voltado para os magros. E aí, infelizmente tem isso, se você tem uma confecção como uma marca, com um nome já estabelecido no mercado, para a sua roupa cair bem e para que as pessoas olhem para a roupa e não para quem está usando, neste caso realmente o magro é que serve.

De acordo com ela, a moda corresponde à construção de roupas “conceito” que são expostas para ditar as tendências sobre o que se deve usar. As roupas vendidas nas lojas reproduzem essas tendências que se renovam conforme a coleção lançada. A situação do desfile de moda, explica a entrevistada, representa o momento de exibição das criações, no qual todos os olhares estão voltados para as roupas. Nesse contexto, o corpo magro tem a função de mostrar a criação acentuando a visibilidade da própria roupa. Sua função é expositora, pois o que deve ser ressaltado é apenas a roupa para que ela possa ser vendida.

Funcionando como um corpo “cabide”, o corpo magro é o que melhor se adequa às necessidades da moda. Conseqüentemente ele é o que mais circula na mídia e é justamente através dessa veiculação que a moda exerce influência sobre a sociedade. A entrevistada cita o caso das modelos muito “magras e anoréxicas” como conseqüência da vigilância da própria mídia sobre a magreza:

Me lembro que de uns dois anos pra cá houve o caso de uma modelo brasileira, ela é bem famosa e vive nesse circuito Paris-Milão, e ela estava um pouquinho, assim, ela não estava gorda, mas ela não estava tão magrinha. Gorda ela não estava porque modelo gorda não existe. Então a imprensa toda malhou a coitada. Ela saiu em jornais, revistas todo mundo criticando ela.

A ação da mídia revela que o corpo das modelos está no centro da economia da visibilidade da qual Foucault (2004a) nos fala. A exibição do seu corpo deve demonstrar o controle que se tem sobre ele. Caso a aparência apresente alguma dispersão, a interdição social já atua no sentido de criticar, apontar a falha, para “corrigir o defeito”.

A partir da fala de E. (34 anos), é possível perceber ainda que a moda, apesar da sua materialidade, é uma indústria que constrói imagens “ideais” e para serem

reproduzidos em corpos reais. “As roupas que aparecem nos desfiles são roupas “conceito”, elas não vão para as lojas. Todo estilista se inspira em alguma coisa ele tem um mote, tem um tema para fazer uma coleção”. Da mesma forma, a entrevistada revela que os manequins utilizados para confeccionar as vestimentas nem sempre reproduzem as dimensões humanas reais. “Um manequim, desses que a gente usa na faculdade para aprender modelagem, [...] que é o tamanho 38, se você for ver uma pessoa real que veste 38, ela não cabe naquele formato”. Para fortalecer a idéia de que a mídia e a moda desempenham funções normalizadoras as quais sedimentam o corpo magro enquanto padrão de beleza contemporânea, nós dialogamos, neste momento, com a nossa sétima entrevistada:

[...] no mercado de modelos de desfiles, você vê bem a quantidade de pessoas anorexas, mas que são lindas, a roupa cai bem, cai melhor, ficam mais elegantes, tem maquiagem, tudo cai melhor embora elas estejam abaixo do peso, mas tudo fica melhor numa pessoa magra do que numa pessoa gorda. O mercado de trabalho tem bem mais trabalho pra quem está abaixo do peso do que pra quem está muito acima do peso. Ninguém vai exaltar a beleza dela, entendeu? Tanto que é que são poucas as confecções que tem para as pessoas gordas, as modelos gordinhas têm poucas no mundo todo. Então isso muito voltado infelizmente mesmo para a falta de saúde, mesmo, mas o mercado ainda dá uma vantagem para a magra em relação à gorda (F. 40 anos).

Constatamos nesta fala que a idéia de sacrifício associada à construção de corpos belos esconde uma busca pelo prestígio social e sucesso econômico. Este fato confirma a interpretação de Foucault segundo a qual o poder, mesmo com objetivos disciplinares, age estrategicamente seduzindo os sujeitos a atingir certos estados de dominação e a permanecer neles. Muito embora a normalização da aparência estética corporal esteja fortemente vinculada à mídia e às produções da indústria da moda, acreditamos que outro processo de dominação tem igual importância nos dias atuais. Trata-se da medicalização.

A medicalização, para Foucault (2005b), consiste no processo de construção dos comportamentos, condutas, discursos e desejos a partir de um referencial médico. A medicalização foi instaurada desde que as sociedades ocidentais transitaram de *episteme* jurídica, centrada no poder soberano, para uma *episteme* biológica, voltada aos investimentos biopolíticos sobre a vida do indivíduo e da população. Através da aplicação de técnicas médico-normalizadoras, a medicalização atua impedindo que os sujeitos percam sua capacidade de produzir, saindo, assim, do circuito de atividade econômica. Nesse sentido, cabe à

medicalização combater doenças, condutas de risco ou qualquer tipo de empecilho à manutenção de corpos saudáveis e economicamente produtivos.

As funções de controle desempenhadas pela medicalização sobre a aparência estética do corpo podem ser enumeradas de diversas formas, desde o surgimento de uma medicina estética, até os estudos de epidemiologia que visam controlar a obesidade na população. A atuação médica voltada à dominação da aparência aparece nos discursos coletados com uma regularidade significativa.

Centralizamos nossa análise sobre as declarações emitidas no nosso quinto cenário, pois, verificamos nele uma maior quantidade de operadores de dominação (66,6%), além de uma qualidade de informações sobre o “saber médico”, o “discurso médico”, às “doenças” ou às estratégias de padronização do corpo, como o “IMC” e o “peso corporal”.

A imagem que ilustra nosso quinto cenário é uma figura feminina reverenciando uma balança (VIDE APÊNDICE A). As interpretações demonstraram como categorias a “necessidade de controlar o peso corporal associada ao discurso do bem-estar e da saúde” divulgados pela medicina (60%), e o “medo da balança e de engordar” (40%). Por outro lado o ato de se pesar representa uma situação constrangedora para as mulheres, pois, através da medição do peso corporal elas se depararam com a realidade do seu próprio corpo. Ao serem questionadas sobre o significado da balança e sobre o ato de se pesar obtivemos as seguintes respostas:

A balança mostra que as mulheres não estão bem com seu corpo e que precisam perder. Mas também tem algumas mulheres que são muito magras e precisam ganhar peso. No final nenhuma está satisfeita (G. 29 anos).

Isso aqui retrata mais aquela escravidão que algumas pessoas têm com o peso, em relação ao peso. Ficam sempre se pesando e dizendo “Ah engordei 1 quilo a mais!”, “Estou mais pesada hoje!”, “Estou menos pesada!” e fica sempre nesse vício de se pesar para tentar ver as diferenças. E muitas vezes não muda nem a atitude, não é? E nem tem atitude para mudar. Fica só olhando todo dia, todo dia. Acho que não adianta nada disso. A pessoa tem que tentar ficar de bem consigo mesmo, buscar uma atividade que goste e deixar a balança pra lá (M. M. 25 anos).

Uma grama a mais uma grama a menos é como se ela fosse decisiva para ao longo do seu dia você ficar com bom humor em relação ao que ela está me dizendo [...] Um martírio, como se fosse um castigo, uma coisa ruim. Você tem que ficar se pesando sempre para saber se você chegou onde você quer (F. 40 anos).

[...] ela tem um lado bom não é? Porque ela ajuda você a ver a realidade e através dessa realidade aí você vai se cuidar, não é? Se você vê que seu

peso está cada vez maior eu acho que ela te dá um, ela faz com que você pare e diga “não é por aí!”. Eu acho que ela controla um pouquinho você. Não sei se todas as pessoas, mas, comigo eu acho que ela me controla um pouco (risos). E por outro lado a gente tem até medo da balança. Eu acho que nesse caso aqui ela deve estar com medo não é? De ver a realidade dela (T. 67 anos).

Eu acho que representa essa busca pela perfeição. É engraçado como engordar 2 Kg já é motivo de loucura e como isso acontece? Porque você já percebe uma blusa que fica apertada, uma blusa que já não entra, que já dá um outro contorno ao seu corpo e aí o seu corpo não se mostra para as pessoas como você gostaria que se mostrasse. E aí de repente você tem que apelar para alternativas de esconder de disfarçar, e as pessoas não notarem exatamente como seu corpo é. Eu acho que as pessoas se pesam, se medem, enfim, para tentar manter esse controle assim da forma, da perfeição (M. C. 23 anos)

As declarações permitem identificar que o peso corporal é motivo de grande preocupação para as entrevistadas. A grande dificuldade em controlá-lo pode ser constada através dos operadores “escravidão”, “martírio”, “castigo”, “coisa ruim”, “loucura”. Os dois motivos que estão por trás da preocupação com o peso parecem ser a saúde, pois viver acima do peso “pode causar problemas nas coronárias ou entupimento de veias”, e a estética, já que o aumento do peso “dá um outro contorno para o seu corpo e aí o corpo não se mostra para as pessoas como você gostaria que se mostrasse”.

Notamos, nesse sentido, a existência de um padrão de saúde que parece estar vinculado ao padrão estético. A importância de estar dentro destes padrões pode ser constada a partir da declaração da nossa oitava entrevistada que associa o controle do peso às sensações de “bem-estar” e de “semelhança”. No contexto desta fala, o uso do termo “semelhança” denota a necessidade de se parecer, de se identificar e de ser identificada como um elemento igual, ou seja, normal.

Destacamos também a opinião da nossa nona entrevistada no que diz respeito à auto-avaliação proporcionada pela balança. Foucault (2004a) analisa esta questão da medição a partir das técnicas de exames construídas para enfatizar o controle das rotinas e das medidas corporais. O exame é um ritual, segundo Foucault, que permite a identificação das diferenças e a afirmação das singularidades individuais. A sua utilização está sempre acompanhada da aplicação de códigos de qualificação física, moral e biológica. Vale salientar que, apesar de seu caráter jurídico, estes quadros de qualificação se originaram principalmente nas instituições médicas.

Sobre este aspecto, percebemos a presença de termos referentes ao saber médico e à aplicação de técnicas biomédicas para avaliar a aparência corporal,

como o IMC, a análise do percentual de gordura corporal (%G), a estatura, e o próprio peso corporal (39,21%). As entrevistadas também fizeram referência aos quadros de classificação construídos conforme a idade que servem de parâmetro para classificar e perceber o que precisa ser melhorado.

Opiniões semelhantes às obtidas quando da pergunta sobre os significados da balança e da medição foram constatadas quando questionamos as entrevistadas sobre o significado do peso corporal em suas vidas. As respostas obtidas confirmam receio geral de engordar, ou seja, de se distanciar dos padrões de saúde e de beleza:

Olha o peso, é porque existe uma, já existe um padrão. De acordo com a sua idade você tem que estar dentro dos limites isso ainda é estabelecido. Se você é jovem você deve pesar de tanto a tanto, se você tem 40, 50 anos, não é? Então já existem determinados padrões de acordo com a idade e você procura se enquadrar nos padrões (T. 67 anos).

O inferno é porque para algumas o excesso de peso pode ser uma coisa pavorosa pra sua vida sentimental, para sua vida profissional e por uma questão de saúde. E pode ser um céu porque quando o peso está do jeito que a gente quer é ótimo, não é? Ou quando a gente acha que está no peso certo. [...] Tem que ter todo um processo, uma mudança de atitude, uma avaliação periódica, para você saber realmente e não ficar escravo desses ponteiros ou desses números (M. M. 25 anos).

Os argumentos utilizados para defender o controle do peso corporal são construídos sobre uma idéia de bem-estar a qual transforma o excesso de peso corporal em “uma coisa ruim”. Essa associação entre o excesso de peso corporal e mal-estar fundamenta, por sua vez, o reconhecimento da magreza como um estado desejável.

Apesar do reconhecimento do peso corporal “ideal” possuir uma dimensão subjetiva, associada à idéia de bem-estar, percebemos, de acordo com as falas analisadas, que o valor padrão para o peso corporal possui um vínculo com o discurso médico de promoção da saúde.

Em relação à declaração da nossa segunda entrevistada, o “padrão” de peso corporal é determinado pelos médicos através de tabelas etárias nas quais é preciso se enquadrar. Neste caso, ter o peso ideal, padrão é se submeter a um valor pré-concebido, calculado exclusivamente a partir das variações etárias.

No discurso da nossa quinta entrevistada, o que parece servir de parâmetro para o controle do peso é a sensação de bem-estar provocada pela obtenção de um peso desejado. Este segundo discurso faz uma aproximação entre o controle do

peso corporal com o conceito de saúde, pois, o excesso de peso não é apenas negativo para o funcionamento do corpo, ele também prejudica as relações sociais e sentimentais. Contudo, de acordo com este depoimento, o estado ideal significa alcançar o “peso certo”. Mas que valor corresponde ao peso certo?

Quando questionamos nossas entrevistadas sobre isso obtivemos respostas diversificadas e imprecisas. Variando entre a ação da mídia e o sentimento de bem-estar, a norma médica apareceu em meio aos discursos de forma inesperada. Este fato nos chamou atenção porque, de acordo com algumas declarações, a intervenção médica detém uma racionalidade científica capaz de determinar a medida correspondente ao peso ideal:

Acho que até os próprios médicos [...] tem formas de avaliar do % de gordura, sobrepeso, níveis de obesidade, também tem os endocrinologistas. Realmente tem pessoas que trabalham para definir, para dar o diagnóstico (G. 29 anos).

Não sei se padrões de protocolos de IMC ou de, é, nutricionais ou alguma coisa desse tipo que as pessoas [...] A pessoa acha que tem que estar em tal peso pra ficar legal ou alguém diz pelo IMC, não é? Ela vê que na tabelinha o peso não está bom, está ruim, aí ela preestabelece que tem que estar a baixo, ou então o médico que fala assim “Você tem que perder 2 quilos!”, a nutricionista que fala “Você tem que perder 3!” (M. M. 25 anos).

A crença na racionalidade médica talvez seja um dos principais reflexos da medicalização nos dias de hoje. No âmbito da construção de corpos belos, por exemplo, o desenvolvimento da medicina estética tem contribuído para consolidar padrões de beleza a partir de normas biológicas que alimentam o desejo de modificar a imagem corporal de maneira segura e rápida.

A consolidação destes padrões parece ter uma influência considerável sobre as sociedades ocidentais contemporâneas. Pode-se considerar o Brasil como um caso exemplar. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), entre setembro de 2007 e agosto de 2008 foram registradas 1.252 cirurgias estéticas realizadas por dia no país, o que resultou num total de 547 mil cirurgias realizadas neste período.

Poli Neto e Caponi (2007) associam esse fenômeno a dois fatores: à busca por uma aparência melhor - que é um traço subjetivo do indivíduo contemporâneo – e a necessidade de controlar racionalmente a invasão de corpos perfeitos nas sociedades contemporâneas. Segundo eles a “dominação médica da beleza” tem se caracterizado pela

[...] tentativa de formulação teórica sobre normas biológicas. Medidas, distâncias, ângulos, curvaturas e saliências ideais que definam padrões de beleza ancorados em estudos anatômicos simplesmente ou em pesquisas de opinião pública sobre aparência física, mas que também se refeririam a padrões biológicos de beleza que são aceitos por serem naturais, a-históricos, efeitos da evolução humana, isto é, que não são socialmente determinados. (POLI NETO; CAPONE, 2007, p. 582).

No que diz respeito ao significativo sucesso da medicina estética nas culturas ocidentais, os autores acreditam que a propagação dos benefícios de uma melhoria da aparência para a vida dos sujeitos tem uma grande influência. O argumento central utilizado para fundamentar estes benefícios é o de que o afastamento de uma norma estética natural e biológica pode provocar um quadro psicopatológico cuja única cura é a correção cirúrgica dos defeitos da aparência. Justificando sua importância a partir do binômio saúde/doença, a medicina estética estabelece a necessidade de se adequar a uma norma de beleza sob o risco de desenvolver um sofrimento psíquico devido à perda progressiva de uma aparência jovem e saudável. Este quadro de sofrimento, por sua vez, remete a uma suposta “condição instintiva do homem” relacionada à busca pela beleza e superação dos efeitos do tempo.

Ao exercer um domínio tecnológico sobre a produção estética do corpo, a medicina inaugura formas de modificar a aparência que prometem unir o imediatismo à satisfação com a própria imagem corporal. Por outro lado, o desenvolvimento das intervenções cirúrgicas sobre a aparência encontrou na atual cultura somática um campo fértil. Com efeito, a própria medicina estética tem contribuído para a formação de um mercado em que as tecnologias de construção da aparência são comercializadas. A respeito disso, a nossa sétima apresenta uma reflexão de destaque:

Está cada vez mais apertada essa onda de beleza porque eles ganham muito dinheiro com isso também e estão tornando isso acessível até para as pessoas que não tem condições de pagar. Em São Paulo existem clínicas de estética que você divide em 10 vezes uma cirurgia plástica (F. 40 anos).

A acessibilidade que caracteriza esta economia da modificação estética é mais um fator que possibilita a expansão do domínio médico sobre a beleza. Vigorando nos campos do saber médico, a construção da beleza tem se consagrado como objeto de desejo. No entanto, Poli Neto e Capone (2007) ressaltam que, ao desconsiderar as diferentes concepções sócio-culturais de beleza, a medicina estética tende a acentuar ainda mais a homogeneização da aparência corporal.

Homogeneizar, nesse caso, corresponde ao sentido atribuído por Foucault (2004a), que é o de diminuição das diferenças através da criação de subjetividades que não aceitam as diferenças de imagem, ou seja, subjetividades que tendem à intolerância e à correção das dispersões corporais em função da norma.

Através do reconhecimento da beleza enquanto objeto de estudo da medicina, percebemos que a construção de corpos belos encontra-se vinculada a uma ordem epistemológica centrada no biológico e no investimento sobre o organismo.

Entretanto, nas atuais sociedades somáticas, a medicalização da beleza parece apontar para um deslocamento da medicina acerca de seu campo de ação. Deslocamento que se move das práticas higiênicas de controle para as práticas de estetização do corpo, com a finalidade de acentuar sua influência sobre a sociedade e maximizar uma normalização da beleza.

Finalizamos aqui nossa reflexão sobre o controle biopolítico da aparência corporal. Com base nas declarações analisadas e no nosso referencial teórico, percebemos o preconceito e a exclusão de corpos anormais como as principais implicações decorrentes da desobediência à norma estética em vigor. Percebemos como o controle normalizador é operacionalizado, e a partir de que instituições o padrão de beleza e o padrão de feiúra, exercem poder sobre a construção da aparência dos sujeitos na contemporaneidade.

No capítulo seguinte, discutiremos ainda no contexto dos jogos de poder, a construção de corpos belos como uma tecnologia de si, ou seja, como uma forma de exercer poder sobre os outros e sobre si próprio no sentido de reconstruir sua própria existência e reconfigurar as posições estratégicas ocupadas nos campos de resistência e dominação.

4.3 A construção de corpos belos como tecnologia de si

Procuramos discutir, neste momento, a construção de corpos belos como tecnologia de si a luz dos discursos coletados em campo. A reflexão sobre as tecnologias de si nos leva a reconhecer duas formas a partir das quais os sujeitos conseguem utilizar a construção da beleza corporal para se tornar mais poderosos.

A primeira possibilidade remete à construção da beleza como uma contra-resposta aos padrões sociais da aparência física, subvertendo os ditames biopolíticos da Lei da aparência, materializada pelo princípio do dimorfismo sexual.

Neste caso, a produção de corpos belos tem como finalidade desenvolver uma “escrita de si” em que o sujeito se reconhece como autor de si mesmo o qual escreve, ou desenha as linhas de seu próprio corpo. Segundo Krutzen (2008, p. 133), é possível entender os investimentos sobre a construção do corpo belo como “O esforço em procurar desenvolver um estilo que seja afeito ao autor/artista – entendido como aquele que busca uma excelência sobre si, sobre um estilo na arte de viver”, esforço que, na nossa perspectiva, reuniria cuidado de si e estetização do corpo.

A segunda possibilidade corresponde ao uso da beleza física como um poder sem necessariamente subverter as normas da cultura somática. Trata-se de produzir a aparência corporal como forma de influenciar ou bloquear intencionalmente a conduta do outro. Neste caso, a construção de corpos belos remete às práticas de governamentalidade, nas quais o sujeito é capaz de promover uma integração das tecnologias de dominação com as artes de viver (FOUCAULT, 1999). Esta integração implica numa autonomia da administração do próprio corpo que assegura um estado de governo e de gozo de si, ou seja, a aquisição de um estado de bem-estar e auto-satisfação viabilizado pela produção estética do corpo.

Adotando este posicionamento apontamos para uma ruptura na cartografia da biopolítica da beleza que corresponde à transição da Lei da aparência, originária, da aplicação do controle eugenista do corpo, para o atual surgimento de uma Ordem da visibilidade, na qual quanto mais o corpo é visto e exibido mais ele se torna poderoso³⁹. Discutimos esta ruptura a partir de duas questões fundamentais: como o sujeito utiliza a beleza para se tornar mais poderoso e como a construção do corpo belo torna o sujeito mais poderoso? Estas questões orientam nossa discussão de duas maneiras: abordando a construção da beleza enquanto uma prática de bioascese e como forma de domínio do outro.

Iniciando pela construção de corpos belos enquanto prática de bioascese, tem-se compreendido que as sociedades ocidentais hodiernas se encontram fundadas numa moralidade somática em que o controle disciplinar dos corpos parece não ser mais suficiente (DELEUZE, 1992; VIRILIO, 1996; COSTA, 2004). A nova ordem do poder agora está voltada ao controle através das sensações, da estimulação

³⁹ O sentido atribuído ao termo poderoso corresponde ao mesmo tempo à valorização social atribuída ao corpo belo, e à autonomia exercida pelos sujeitos nos esforços de construir sua própria aparência. Esforços que concedem um sentido particular ao trabalho que se realiza sobre si mesmo (FOUCAULT, 2006e).

somática e, porque não dizer, da experiência estética corporal. Trata-se de buscar nos investimentos corporais um aporte para a construção da identidade, ou seja, modificar, fortalecer, “pavonear” o próprio corpo para se atingir um “modo de ser” e um estilo de existência que, nas palavras de Foucault (2005a; 2006a; 2006e), crie condições para uma reorganização de posições nos jogos de poder.

Uma vez que a identidade passou a ser determinada pelos investimentos sobre a fisiologia e a estética do corpo o prazer e as sensações imediatas tornaram-se referências de existência e de auto-identificação. Nesse sentido, os processos de subjetivação, antes centrados numa moralidade transcendental, assumiram a forma de uma bioascese.

Para compreender o conceito de bioascese, remetemos ao entendimento de ascese apresentado por Foucault (2005a) em seu estudo sobre as tecnologias de si na antigüidade clássica. Para ele as práticas de ascese são “atividades de conversão a si” que objetivam promover o conhecimento necessário para se atingir um estado pleno de autogoverno ou domínio de si. Este autogoverno, por sua vez, corresponde a um nível de satisfação pessoal referente à autonomia pessoal ou a uma felicidade construída a partir e sobre o próprio sujeito.

Nos dias atuais, as práticas de ascese encontram-se predominantemente associadas ao cuidado corporal, devido à atuação de uma ordem biológica de poder centrada na maximização da vida. Com isso, a esfera do governo de si passou a ser orientada para uma bioascese que valoriza socialmente o domínio do corpo saudável e a produção da aparência estética próxima da perfeição. Para Ortega (2003, p. 64), esta reorientação do governo de si consiste em focalizar os “procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais”.

Enquanto estratégia de subjetivação, a bioascese pode ser compreendida como um processo de formação de identidades capazes de construir sua existência através do autogoverno, do autocontrole e da conversão do olhar sobre seu próprio corpo. Em outras palavras, a bioascese corresponde à construção de identidades a partir de uma referência somática.

Na perspectiva de Foucault (2006e), esse processo de formação de identidades é indispensável para que os indivíduos se reconheçam como sujeitos nos jogos de poder. Segundo ele, sem o reconhecimento de sua identidade, o sujeito não seria capaz de perceber sua liberdade e, conseqüentemente tornar-se-ia impossibilitado

de assumir uma posição refletida nas disputas sociais. Logo, a conversão a si mesmo promovida pela bioascese é uma condição preponderante para se ter consciência da liberdade e, conseqüentemente, para se exercer poder.

Seguindo esta lógica, pode-se considerar que a produção de corpos belos desempenha uma função estratégica particularmente vinculada ao reconhecimento da identidade, ou de uma bioidentidade, como nos fala Costa (2004), estruturada sobre os princípios bioascéticos do desempenho corporal, do *fitness* e do bem-estar.

Focalizando a construção da beleza enquanto forma de bioascese, isto é acesso à bioidentidade, Costa (2004) afirma que a imagem jovem, bela e saudável corresponde a uma expectativa de sucesso social vinculada a idéia de força de vontade. Ter força de vontade na sociedade somática corresponde à busca pela modificação corporal que vem quase sempre acompanhada de uma sensação de bem-estar proveniente do julgamento externo, e do reconhecimento das próprias competências.

Numa cultura que valoriza a boa forma como sinal de dedicação e fortaleza moral, pode-se considerar que a construção da beleza corporal representa uma forma de diferenciação - não apenas estética, mas, moral e social - extremamente almejada. A diferenciação estética do corpo, portanto, encontra-se vinculada à aquisição de um estado de governo de si, caracterizado pela satisfação e aquisição de bem-estar social e individual. Construir uma bioidentidade, por outro lado, significa reconhecer a si próprio enquanto governante do seu bem-estar, da sua beleza e da sua saúde. Assim, cabe aos sujeitos desenvolver suas dimensões corporais como forma de obter uma autonomia na cultura somática.

No âmbito de nossa pesquisa é possível identificar posicionamentos que confirmam o vínculo entre a valorização da aparência estética corporal e à aquisição de um estado de auto-satisfação. Destacamos no universo das eliciações dois enunciados que revelam essa relação. O primeiro foi emitido pela nossa sétima entrevistada e revela uma impossibilidade de ser feliz sem estar bem esteticamente. O segundo é um relato de nossa décima oitava entrevistada, o qual demonstra como o bem-estar obtido pela produção da beleza apresenta repercussões positivas nas relações que se tem consigo mesmo.

[...] eu não conseguiria ser feliz gorda, eu não consigo, é além de mim. Eu tenho que estar bem pelo menos mais ou menos esteticamente para eu me sentir bem, para ter mais autoconfiança, para colocar roupa, para ter um tipo

de atitude. Para mim isso é uma coisa que é ligada. Eu não consigo separar matéria e espírito, são duas coisas que andam juntas em mim, que eu não consigo separar (F. 40 anos).

[Quando você se transforma] você se sente bonita e quando isso acontece você começa a se gostar mais, a se amar mais, sabe? Eu digo porque comigo é assim e acontece com minhas amigas. Várias amigas dizem a mesma coisa: “Estou me sentindo ótima!”. Em qualquer mudança é assim: “Tou me adorando, tou me amando!” Com as mulheres é claro, né? Qualquer mudança nos cabelos e elas se sentem melhor (I. 45 anos).

Iniciando pela declaração de F. (40 anos), percebe-se que a beleza corporal é considerada como pré-requisito para se sentir bem. Nesse caso, a autoconfiança necessária ao desenvolvimento de atividades comuns encontra-se estreitamente associada à estética do corpo, como se a imagem representasse a condição principal para se atingir um estado de estabilidade emocional. Na fala ainda é possível observar uma opinião sobre a inseparabilidade entre matéria e espírito. Segundo a entrevistada esta visão da realidade é responsável pela preocupação excessiva com a estética do corpo que interfere em situações cotidianas, como escolher uma roupa para vestir, por exemplo.

Através deste discurso identificamos as características de uma bioidentidade regida por referências de segurança, retidão e justiça que são determinadas a partir de uma lógica corporal. Esta lógica corporal encontra-se fundada numa ordem biopolítica em que os fenômenos sociais são valorados de acordo com uma afinidade em relação a princípios da qualidade de vida. De acordo com Costa (2004, p. 191), o bom corpo “é o quê se adapta ao programa da vida bem-sucedida do ponto de vista biológico”.

No que diz respeito ao segundo enunciado, a opinião de I (45 anos) indica que a experiência bioascética de construir a aparência corporal causa uma sensação de bem-estar no nível do auto-reconhecimento e do governo de si. A “conversão a si mesmo” citada por Foucault (2005a) e compreendida como autoperitagem⁴⁰ contemporânea por Ortega (2003), pode ser observada na medida em que o investimento sobre si promove uma reflexividade, um retorno dos esforços despendidos sob a forma de efeitos positivos sobre si mesmo. Trata-se de modificar a aparência para obter uma auto-satisfação tendo como uma finalidade o amor por si próprio.

⁴⁰ Para Ortega (2003) autoperitagem é a atividade fundamental que o sujeito utiliza para construir sua identidade. Corresponde à auto-avaliação que regula o governo de si.

Retornando ao universo dos discursos coletados, as declarações referentes ao vínculo entre construção da beleza e bem-estar apresentaram-se de forma dispersa entre os cenários. Não obstante, o sentido dos enunciados selecionados demonstra a ação da idéia foucaultiana de “poder sobre a vida”, segundo a qual, quanto mais o poder é investido sobre a vida, mais ela mesma se torna uma forma de poder. No caso da beleza, quanto mais se investe poder sobre ela, mais ela tende a influenciar as condutas ou a se tornar um objeto de desejo. As representações sobre o corpo belo identificadas em diferentes momentos da pesquisa demonstram a sua associação com a saúde, cuidado com o corpo, bem-estar, felicidade, leveza, capacidade de influenciar, poder, segurança, esforço, força de vontade, auto-satisfação e auto-estima.

Observando estas representações é possível perceber que, para o grupo entrevistado, construir a aparência estética do corpo expressa cuidado consigo mesmo, saúde, leveza, felicidade, admiração, esforço, credibilidade, segurança e poder. Os sentidos atribuídos a estes operadores encontram-se constantemente associados à idéia de um bem-estar conquistado através de investimentos sobre a modificação do corpo. Em relação aos investimentos, destacam-se nos discursos os enunciados que fazem referência às cirurgias plásticas, às dietas e ao exercício físico.

Sobre a experiência bioascética das cirurgias plásticas, nós encontramos opiniões diversas sobre a sua prática apesar das entrevistadas reconhecerem a sua ampla utilização como prática de modificação corporal nos dias de hoje. Do total de participantes (n=30), apenas duas, a segunda e a décima primeira, declararam abertamente que não realizariam nenhum tipo de cirurgia estética.

Nos demais discursos, nós percebemos um grupo de participantes que tem vontade de realizar intervenções cirúrgicas sobre o corpo, mas são impedidas devido aos riscos ou à impossibilidade econômica (73,33%), e outro grupo de mulheres que já se submeteram a cirurgias plásticas (20%). As intervenções relatadas pelas entrevistadas deste segundo grupo foram a redução de estômago, a lipoaspiração, a redução de mamas, a colocação de próteses de silicone, a plástica abdominal, o uso de botox e o implante de fios no rosto.

Em relação ao primeiro grupo, as declarações foram obtidas quando da aplicação do décimo cenário que é constituído por fotografias de pessoas famosas antes e depois de realizarem cirurgias estéticas (VIDE APÊNDICE A). A regularidade

de enunciados e operadores coletados para esse cenário permitiu a identificação das categorias “mudança da aparência e bem-estar” (61,11%) e “culto ao corpo e poder da mídia” (38,88%).

Frente a este cenário as impressões assumiram um caráter descritivo com uma evidente associação entre as cirurgias estéticas e a condição profissional das personagens presentes na imagem. A nossa terceira entrevistada, por exemplo, associa o uso de cirurgias estéticas aos sujeitos que, em função do trabalho, “se transformam e viram outras pessoas praticamente”. Vale salientar que a transformação da imagem foi reconhecida pela entrevistada como fato positivo associado “à satisfação do ego”. “É claro que elas, depois que mudaram, eu acho que se sentiram bem melhor e isso também porque elas trabalham com a imagem” (C. P. 27 anos).

Ainda neste grupo, identificamos discursos que apontam para a suspensão dos riscos na realização de intervenções cirúrgicas como resultado de um exorbitante culto ao corpo. Na opinião descrita logo abaixo, os riscos associados à cirurgia estética parecem não representar mais um limite significativo. De acordo com a entrevistada, nos dias de hoje os “limites foram esquecidos” em detrimento do desejo de ser belo:

[...] eu acho que [...] isso tudo que eu estava falando sobre o culto ao corpo, é uma coisa bem exacerbada tão, como é que eu digo assim, tão, é uma aflição muito grande que às vezes eu acho que as pessoas perdem o limite, esquecem os riscos em prol de alcançar essa perfeição. E é muito melhor eu correr um risquinho de algo não sair como eu queria, ou correr o risco de realmente prejudicar minha saúde, mas sabendo que eu posso alcançar aquilo que eu tanto almejo e que, alcançando aquilo que eu tanto almejo, eu vou estar dentro dos padrões de beleza (A. C. 25 anos).

O risco parece ser recompensado pela aquisição de um corpo desejado. Apesar de a entrevistada ter citado o operador “padrões de beleza”, esta referência denota, em nossa opinião, o reconhecimento de um estado físico que se deseja alcançar. Esse fato esconde aspectos subjetivos relacionados à intencionalidade da decisão pessoal e à consciência sobre os limites de sua própria ação. “Correr um risquinho” ou “prejudicar a saúde” são situações intercorrentes, erros de percurso, mas que valem a pena quando o que está em jogo é tornar-se mais bela.

Em relação às mulheres contemporâneas, que são o foco deste discurso, a prioridade conferida à modificação da aparência em detrimento dos riscos aponta

para a capacidade de refletir sobre si própria e de calcular os revezes a partir do conhecimento de si. Essa capacidade de reflexão relacionada à construção da beleza pode ser entendida, a partir de Foucault (2005a), como uma “modificação da atividade”, ou seja, um deslocamento de foco do mundo exterior para si de maneira a conseguir satisfação levando em consideração o regime de moralidade em vigência.

Ainda sobre a cirurgia estética, percebemos opiniões que se referem ao poder aquisitivo, ao desenvolvimento tecnológico da construção da aparência, e sobre como os sujeitos optam intencionalmente pela reprodução da beleza corporal veiculada na mídia.

Iniciando pela nossa primeira entrevistada realçamos seu relato sobre a inexistência de mulheres feias na atualidade: “Não existe mulher feia, há mulher que não tem dinheiro” (G. 29 anos). Essa declaração revela que a falta de dinheiro é um empecilho para que as mulheres fiquem mais bonitas. Todavia, o aspecto que nos chama mais atenção é a possibilidade de toda mulher se tornar bela, empregando sobre si uma série de recursos tecnológicos:

Você tendo condições você tem vários recursos, drenagens linfáticas, plásticas a gente vê muito, um defeitinho aqui eu vou fazer uma plástica ou uma lipo. A mulher que tem condições não estando bem com o corpo dela vai partir pra uma lipoaspiração, vai ajeitar o nariz, vai colocar silicone (G. 29 anos).

Curiosamente, na fala da nossa sexta entrevistada, encontramos uma semelhança de opiniões e expressões utilizadas pela primeira entrevistada. No entanto, sem destacar somente a dimensão econômica, a entrevistada menciona a responsabilização do sujeito pela beleza, principalmente quando se refere às pessoas que não tem condições econômicas para recorrer a uma intervenção cirúrgica.

É o que dizem não existe mulher feia, existe mulher sem dinheiro! (...) hoje existe milhões de alternativas, não é? E eu acredito muito, quer dizer o dinheiro ajuda muito, mas, acho também que vai muito do bom gosto, do jeito da pessoa. **Você pode não ter dinheiro, mas, você tenta andar arrumadinha, você tenta cuidar do seu corpo, pode não ter dinheiro pra malhar, mas, pode dar uma corridinha na avenida. Você tem que achar alternativas para cuidar de si mesma.** Mas que o dinheiro ajuda, ajuda! Ô se eu tivesse dinheiro! (A. C. 25 anos, grifo nosso).

O fato de que o dinheiro não é uma limitação para cuidar da aparência traduz uma compreensão da boa aparência como objetivo alcançável para todos aqueles que procuram cuidar do corpo. Para Costa (2004), o que importa na moral somática é justamente isso, desenvolver alternativas para “cuidar de si mesma”. A consciência destas alternativas remete ao que alguns estudiosos denominam “democratização da beleza”. Entende-se “democratização da beleza” o reconhecimento de que a boa aparência do corpo não é mais considerada um dom divino ou pré-determinado, mais sim, uma qualidade que pode ser conquistada por todos, independentemente das diferenças sócio-culturais e econômicas (GOLDEMBERG; RAMOS, 2002; VIGARELLLO, 2006). A democratização da beleza se refere, portanto, à conscientização de que é possível modificar o corpo dentro dos limites que cada sujeito considera como ideal.

Conforme os discursos analisados, essa conscientização parece estar associada à mídia. De acordo com a nossa sétima entrevistada, “querendo ou não, a mídia exige que você fique no auge”, e, além disso, oferece ganhos para aqueles que “utilizam a imagem de seus corpos” em “propagandas” de produtos específicos. De acordo com ela, o sujeito “tem que saber aliar o útil ao agradável” (F. 40 anos), ou seja, é preciso reconhecer as vantagens de se ter uma boa aparência numa sociedade que valoriza a exposição do corpo.

Sobre o aspecto da utilização econômica da imagem, Foucault (1999) analisa a exposição do corpo na atualidade como reflexo de uma moral de controle-estimulação que privilegia a produção da aparência como forma de se contrapor a uma herança de dominadora que desencadeou uma aversão às referências tradicionais de identidade.

Segundo o autor, num jogo de “contra-respostas” a construção da imagem corporal representa uma resistência dos sujeitos à opressão histórica das instituições. Dentro desta perspectiva, os sujeitos tendem a buscar a construção da sua existência fora do modelo institucional, fato que desencadeou a formação de subjetividades somáticas, construídas sobre as experiências de seu próprio corpo. A resposta do poder em relação a isto instaurou uma exploração econômica do corpo que agora é regido pela intensidade dos sentidos, pela qualidade de vida e pela longevidade.

Voltando ainda às nossas falas, encontramos também posições favoráveis sobre a realização das cirurgias plásticas não obstante as ressalvas em relação aos

riscos. Estes relatos explicitam o bem-estar que a modificação corporal pode promover, como no caso da nossa décima entrevistada que demonstra de forma contundente a sua opinião: “Concordo! Para a pessoa ficar melhor, se sentir bem, ficar com o ego massageado é muito bom, muito bom!” (M. Z. 76 anos).

Complementamos essa idéia com o relato de nossa quinta entrevistada que retrata uma posição mais voltada sobre os limites e riscos das cirurgias estéticas para a saúde:

Ora, tudo que faça a mulher se sentir bem, que a faça se sentir bonita e de bem consigo mesma eu concordo. Só não concordo com aquilo que ponha em risco a vida. Nada que você precise arriscar a saúde do seu corpo para obter beleza, tipo esteróides, fazer uma lipoaspiração eu acho perigoso, eu acho que seios só se for algo realmente feio ou depois de uma gravidez (M. M. 25 anos).

Nesse caso, observa-se uma opinião diferente sobre o risco que está diretamente vinculada à idéia biopolítica de “proteção da vida”. Segundo Foucault (2006a), na ordem biopolítica não se trata apenas de proteger a vida, mas de controlar os riscos de maneira racionalizada. A proteção da vida deve ser priorizada simplesmente porque é preciso mantê-la o maior tempo possível na esfera da produção econômica.

Com relação ao enunciado acima descrito, a posição da entrevistada sobre o controlar os riscos não significa deixar de investir sobre a beleza corporal, mas sim identificar os procedimentos mais perigosos e estabelecer a situação mais adequada para fazer uso de uma determinada tecnologia.

Percebe-se aqui um posicionamento refletido, o exercício da autonomia que definiu uma posição estratégica sem excluir a possibilidade de usufruir do desejo de modificar a aparência corporal.

Voltando nosso olhar para a experiência bioascética do exercício físico, encontramos um número significativo de relatos que demonstram a sua relação com bem-estar e a saúde. As falas eliciadas na interpretação do décimo quarto cenário permitem perceber o reconhecimento do exercício físico como caminho para se ter mais saúde ou melhorar esteticamente e, conseqüentemente, obter uma melhoria em outros aspectos da vida. As ilustrações que compõem este cenário são duas imagens de mulheres obesas realizando exercício físico em academias de ginástica (VIDE APÊNDICE A).

O primeiro eixo enunciativo, construído na aplicação do décimo quarto cenário, aponta que o exercício físico está associado à saúde e à vontade de modificar o corpo (62,5%). A partir da categorização dos operadores de dominação é possível perceber que, para esse grupo de entrevistadas, o exercício físico representa uma forma de “priorizar a saúde” e “prevenir problemas de saúde”. O exercício representa ainda uma forma de “melhorar o corpo e a imagem”, funcionando como meio através do qual as pessoas que “querem ficar bonitas” conseguem “atingir beleza”. A idéia de beleza obtida pelo exercício físico aparece neste cenário sob a forma do emagrecimento que, por sua vez representa a “salvação” ou a “realização de um sonho”.

Por outro lado, no segundo eixo temático o exercício aparece vinculado ao desejo de construir outro corpo (37,5%). Seguindo a regularidade dos operadores de dominação, especificamente para este cenário, as pessoas parecem buscar o exercício físico porque desejam construir um corpo diferente que possibilite “ser mais feliz”, “estar de bem com a vida”. A idéia de felicidade, por sua vez, está vinculada ao fato de “ser magra”, ou de “ser malhada”.

Conforme o discurso da nossa primeira entrevistada, as mulheres gordinhas buscam fazer exercício para emagrecer e, dessa forma, alcançar algum tipo de satisfação associada à forma corporal. “Ser magra pra elas é ser mais feliz, estar mais de bem com vida” (G. 29 anos).

Na mesma perspectiva, a nossa segunda entrevistada reconhece que as mulheres representadas nas figuras estão acima do peso e que elas buscam através do exercício melhorar o corpo e a imagem. Ela também relata a necessidade de fazer exercício para manter a saúde: “Eu também acredito que tenha a ver com a saúde, não é? Para evitar a diabetes, hipertensão. Ela previne uma série de problemas” (T. 67 anos).

Da mesma forma a nossa quinta entrevistada considera que o exercício “representa a salvação pra elas, representa um meio pra que elas consigam atingir os objetivos de beleza e de saúde”. Entretanto ela reconhece que melhorar a aparência e a saúde exige esforço e dedicação:

[...] não é milagre. É um processo que leva tempo e que não pode ultrapassar os limites do corpo também para você alcançar seus objetivos. [...] mas, a gente sabe que na cabeça das mulheres não é assim. Elas podem estar com a saúde péssima, mas mesmo assim querem ficar bonitas (M. M. 25 anos).

Ainda na opinião desta participante praticar exercício físico demonstra uma conscientização do que realmente é preciso fazer para melhorar e para se destacar socialmente de forma positiva. Nessa situação, o bem-estar adquirido pelo exercício físico vai além da saúde passando a ocupar um lugar nas relações sociais. “Deve-se procurar chamar atenção por outras coisas e não pela sua obesidade”.

A nossa décima nona entrevistada apresenta um posicionamento muito próximo deste. Segundo ela o exercício físico funciona como um meio. “É o que eu preciso fazer pra chegar ao meu sonho. Particularmente pra mim o exercício físico é uma forma de se manter saudável buscando a beleza!” (D. 28 anos).

É possível confirmar com base nestas declarações que a experiência bioascética promovida pelo exercício físico promove um efeito de subjetivação no nível das técnicas de si, ou seja, o próprio exercício parece atuar como uma tecnologia de si na medida em que possibilita modificações sobre o corpo que promovem um certo estado de satisfação e felicidade (FOUCAULT, 1988).

Essa ação do exercício físico como tecnologia de si já foi largamente abordada na literatura a partir de estudos de base foucaultiana desenvolvidos na área da Educação Física. As investigações de Johns e Johns (2000), Wesely (2001), Pringle e Markula (2005), e Thorpe (2008), por exemplo, abordam como através das práticas de treinamento e exercício físico torna-se possível transformar o corpo para obter alto-rendimento, ou como o exercício físico promove um autogoverno da aparência corporal contra os padrões midiáticos de imagem.

No âmbito da experiência bioascética do exercício físico, vale ressaltar o papel as opiniões proferidas sobre as academias de ginástica que, segundo as participantes tem uma função social indispensável nos dias atuais.

Tendo surgido com excepcional destaque a partir da década de 80, as academias de ginástica movimentam hoje uma economia mundial erigida sobre a necessidade de ter um corpo padronizado (*fitness*), ou de atingir um estado de bem estar contínuo (*wellness*) através de treinamentos e exercícios físicos dirigidos racionalmente.

Seguindo a lógica capitalista, as academias de ginástica oferecem um suporte renovado de práticas corporais sem desprezar a necessidade da disciplina corporal. Por outro lado, o poder das academias de ginástica parece repousar na experiência bioascética que ela pode promover, sobretudo, no contexto da moralidade somática

em que os sujeitos buscam construir suas identidades a partir de vivências corporais.

Assim, as academias de ginásticas constituem-se enquanto espaços particulares, territórios híbridos caracterizados pela inter-relação entre técnicas de dominação - que formam corpos dóceis e indivíduos obedientes - e estratégias de sedução - as quais motivam os sujeitos a buscar a super-excitação e a sobre-produção de suas forças.

A importância social das academias pode ser claramente percebida nos enunciados analisados. Segundo nossas informantes, as academias são importantes para a “manutenção e cuidado da saúde”, “para a estética”, “pela orientação dos professores”, “pela motivação durante o exercício físico” e pela “socialização”. As academias funcionam também como um “espaço de terapia” de “liberação de adrenalina”, no qual o exercício físico e a comunicação contribuem em conjunto para um bem-estar que transcende os benefícios fisiológicos.

Os enunciados proferidos a respeito das academias de ginástica foram obtidos na aplicação do nosso décimo primeiro cenário, o qual é formado por imagens que ilustram situações comuns nas academias de ginástica (VIDE APÊNDICE A). As categorias concernentes aos discursos eliciados referem-se “a importância social das academias de ginástica” (53,3%), à “maximização da vida através do exercício físico” (33,33%), e ao “poder do professor de Educação Física” (13,33%).

Observando as considerações sobre as academias de ginástica pode-se compreender que ela funciona como um “local de encontros” em que é possível “brincar”, “interagir”, “paquerar” e “conhecer pessoas novas”, ao mesmo tempo em que é possível “se cuidar”, “se sentir bem e bonita” usufruindo de um “acompanhamento profissional” que oferece um “treino mais cuidadoso”.

Percebemos que na maioria dos discursos que a produção estética do corpo é entendida como resultado do cuidado com a saúde. Contudo, este privilégio concedido à saúde perde ênfase ao longo das falas, fato que pode ser confirmado pela maior regularidade de operadores de dominação referentes à beleza (27,27%) em relação aos operadores referentes à saúde (21,88%), para este cenário.

Ressaltamos, a seguir, uma declaração da nossa sétima informante sobre a procura da estética nas academias de ginástica. Merece destaque o fato de que ela inverte a causalidade ao dizer que a saúde é o resultado do investimento sobre a aparência.

Mas o que mais faz o pessoal ir para a academia é o lado estético, não é a saúde não. A saúde vem como consequência, claro, mas o lado estético eu acho que é o maior e aí depois vem a saúde, fazer novas amizades, mas o principal é “poxa estou com uma gordurinha vai chegar o verão tenho que malhar”. Isso é estético pô. **Ela vai lá querer saber de colesterol! Ele só quer saber de tirar a gordura! “Vou emagrecer, mas não quero saber se o colesterol está 30, 40, 50, 100”. Ela quer é emagrecer não é não?** (F. 40 anos, grifo nosso).

Essa fala pode ser considerada como a antítese da medicalização, ou talvez, o resultado da valorização estética nas sociedades ocidentais contemporâneas. Contudo, este fato não deve ser entendido enquanto desvalorização da saúde, mas sim como uma apropriação da experiência da beleza como referencial de vida.

Na atualidade, as proximidades entre construção da beleza e a sensação de bem-estar parecem ter chegado a um ponto de intersecção. De fato, mesmo no nível conceitual, os limiares entre beleza e saúde tornaram-se difíceis de distinguir. Isso nos leva a realizar o seguinte questionamento: o que ainda nos impede de reconhecer a beleza e a saúde enquanto dimensões associadas? Que determinantes permitem a perpetuação da dicotomia entre saúde e beleza? A resposta talvez esteja no âmago do pensamento médico que, historicamente, se fundamentou na relação saúde/doença sem levar em consideração a dimensão sociocultural do corpo a ser tratado.

Ao analisar a construção de corpos belos enquanto uma prática bioascética nós procuramos compreender como através da produção da aparência estética os sujeitos conseguem construir sua identidade inserindo-se nos jogos de poder. A construção desta bioidentidade remete a uma tomada de consciência sobre o governo de si que, na cultura somática, privilegia a maximização da vida. Nesta trajetória, a utilização da teoria foucaultiana possibilitou-nos entender que o culto à beleza nas sociedades ocidentais contemporâneas é em grande parte definido pelas expectativas individuais dos sujeitos e não apenas por processos de dominação institucional. Os anseios por um usufruto da vida em toda a sua potencia têm como resultado a valorização da experiência estética.

Parece ser possível desmascarar a idéia de que a produção da beleza funciona apenas um instrumento de dominação, uma vez que não é mais a “sociedade” que impõe um padrão a ser seguido, mas sim a própria experiência de construção estética do corpo que rege a formação de bioidentidades, ou seja, a beleza exerce um poder sobre as estratégias de autogoverno. Assim, talvez seja possível observar

a ascensão de uma perspectiva epistemológica de estetização da vida, na qual a beleza representa uma nova forma de construir a realidade.

Levando em consideração a influência da produção estética corporal sobre as bioidentidades e táticas de autogoverno, nós continuamos a reflexão sobre a construção de corpos belos abordando uma segunda dimensão das tecnologias de si que diz respeito ao uso da beleza como forma de dominação individual.

A dominação individual é um termo utilizado por Foucault (1988; 2006e) para caracterizar a ação do poder sobre as condutas dos sujeitos que compõem uma determinada rede social. Para Foucault, o convívio entre diferentes sujeitos é regido sempre pela intenção de dirigir a conduta do outro. Entretanto, exercer uma maior ou menor influência sobre os outros depende especialmente da posição que estes sujeitos ocupam nas relações de poder. Estas posições são móveis, reversíveis e instáveis, ou seja, tendem a se reorganizar conforme as situações de disputa e de conflito. Foucault denomina cada posição ocupada nos jogos de poder como estado de dominação os quais tendem a variar reorganizando as posições entre os sujeitos dominantes e que dominados.

Na perspectiva da cultura somática, é possível perceber que os sujeitos procuram atingir uma reorganização dos estados de dominação a partir do investimento sobre as dimensões corporais, no sentido de galgar situações de maior vantagem em relação ao outro.

Do ponto de vista da experiência estética, seria possível perceber que a demanda pela construção de corpos belos e de aparências melhoradas corresponde, na verdade, à busca pelo governo do outro. Isto significa que a construção do corpo belo está associada a uma dominação individual aplicada através da aparência corporal.

A dominação individual, entretanto, desenvolve um papel paradoxal podendo funcionar também enquanto prática de liberdade. As práticas de liberdade são entendidas por Foucault (2006e) como formas refletidas dentro dos jogos de poder através das quais se tenta resistir, bloquear a influência dos outros, ou responder à esta influência interferindo diretamente em sua conduta.

De acordo com Foucault (*Ibidem*), esta característica paradoxal da dominação individual é o que confere a ela um caráter estratégico, isto é, procura-se através dela dominar o outro, ao mesmo tempo em que se busca não ser dominado por ele.

No contexto geral dos discursos analisados, foi possível identificar uma regularidade significativa de declarações sobre os efeitos de poder promovidos pela beleza. Essas declarações, todavia, se dividiram entre relatos referentes a construção de corpos belos como prática de liberdade, e declarações sobre o uso da beleza como forma de dominação. As referências sobre a construção da beleza enquanto forma de domínio do outro podem ser identificadas de maneiras variadas. Nos discursos analisados o corpo belo foi entendido como forma de chamar atenção, provocar elogios, desviar o foco, influenciar, convencer, provocar admiração, distração, inveja e seduzir.

Percebe-se neste quadro uma centralização do poder estabelecido na relação com o outro, seja pela atração ou pelo sentimento de inveja que a boa aparência é capaz de despertar. Os cenários que apresentaram uma maior regularidade de discursos nesta perspectiva foram o quarto e o nono.

No nosso quarto cenário percebemos falas que remetem às intenções de produzir a beleza corporal objetivando causar um efeito sobre o outro. Este efeito, segundo as participantes, ocorre no sentido de “alimentar o ego” - de se sentir bem em mostrar que está bem -, ou de “chamar a atenção” para se sentir desejada, cultuada e aceita.

O quadro de enunciados correspondente às categorias “corpos belos exibindo poder” (45,83%) e “a beleza como norma social” (8,3%), surgidas na aplicação do quarto cenário, as quais indicam que os corpos belos exercem poder de dominação através da exibição. Esse poder lado está fundamentado na aceitação da beleza como referencial de existência da cultura somática (COSTA, 2004).

No contexto das falas, o poder da beleza encontra-se vinculado à consciência da dominação que se exerce através da aparência. De acordo com a nossa 6 informante existe “uma questão narcísica” na exibição da beleza corporal. Essa questão narcísica é representada pela sensação de ser “olhada” e pelo fato de “se sentir desejada”.

Segundo a nossa terceira entrevistada, a busca pelo corpo belo possivelmente esconde a intenção de ser admirada e de chamar atenção. “[...] Assim, algumas acham que quanto mais bonito o corpo, melhor” (C. P. 27 anos). O discurso de nossa oitava participante ratifica os mesmos aspectos, porém, ela ressalta a necessidade da mulher “[...] mostrar todo esforço, todo exercício, toda dieta, todo investimento para se sentir bem” (M. A. 55 anos).

As opiniões registradas sobre o poder da beleza nestas falas correspondem às características da personalidade somática que é valorizada pela dedicação e pelo esforço dirigido ao corpo (COSTA, 2004). Vale salientar que os indivíduos julgados como poderosos são aqueles que não apenas investem para melhorar o corpo, mas que exibem o resultado de sua disciplina corporal.

No que diz respeito aos enunciados emitidos para o nono cenário, foi possível compreender referências às formas através das quais as mulheres utilizam sua beleza para dominar. Realçamos as declarações sobre a intencionalidade da dominação pela beleza, sobre a existência de um poder de sedução, e sobre as relações de competição estética existente entre as mulheres.

A análise das falas permitiu a categorização dos enunciados em dois eixos temáticos que remetem às vantagens da beleza (88,23%), e ao surgimento de um pensamento estético concomitante à valorização da vaidade e do culto ao corpo (11,76%).

Ressaltamos inicialmente as declarações que reconhecem o uso da beleza como um poder pelas mulheres. As falas indicam que a mulher bela tem o poder de “desviar o foco”, “chamar atenção”, e “causar atração”. De acordo com a primeira informante “[...] Pode-se dizer que uma mulher bonita consegue algumas coisas a mais do que uma mulher comum, num sei. Acho que com jeitinho a mulher bonita consegue o que quer (G. 29 anos).

A terceira entrevistada, por sua vez, considera que, ao se utilizar da beleza, a “mulher pode conquistar tudo o que deseja”. “[...] A mulher é esperta. Pode até não parecer, mas, a maioria sabe ter o que quer na hora que quer. Então elas podem estar jogando com eles aqui apenas para alimentar o ego ou para dar continuidade depois” (C. P. 27 anos).

De maneira semelhante, a quinta entrevistada considera que as mulheres conseguem obter vantagens a partir da atração física que elas podem desempenhar. Esta atração física, entretanto, deve ser realizada almejando “alguma coisa em troca”. Nesse sentido, a beleza é considerada uma forma de poder porque consegue desviar “o foco daquela pessoa de outro local para você” (M. M. 25 anos).

De acordo com os enunciados identificados até aqui, a construção do corpo belo pode ser considerada uma maneira de influenciar a conduta do outro afirmando posições temporárias de dominação (FOUCAULT, 2006e). A tendência nas relações

de dominação, portanto, é que se influencie o outro de maneira a organizar as relações de poder afirmando uma posição de dominante.

Assim, no âmbito das análises dos enunciados, nós percebemos que as formas de exercício de poder aparecem de maneira variada. Partindo dos discursos emitidos para o nosso nono cenário, nós destacamos inicialmente a capacidade que os corpos belos têm de desviar a atenção do outro a qual é reconhecida nos discursos como poder de sedução.

O poder de sedução, para a nossa oitava participante, é caracterizado como “poder que o belo tem de chamar a atenção”, interferindo muitas vezes no que se está fazendo. Neste discurso, a sedução está associada à figura da mulher “poderosa”, que tem o “poder de estar bem, de estar bonita e chamar atenção” (M. A. 55 anos).

Em relação à nona entrevistada, o seu discurso revela aspectos semelhantes aos da fala anterior. Para ela, a beleza corporal é um sinônimo de poder que está associado à reconstrução da vida:

[...] Se a pessoa se sente esquecida, acha que não chama atenção, nem tem valor ela poderia ficar mais magra e se arrumar toda para chamar atenção. [...] Ser bela é ter poder porque quando a pessoa bonita ela já se acha. Mesmo que seja uma feia ela tem que se achar bonita para poder se valorizar. Aí ser bela é ter poder é sim porque quando você se acha muito bonita você se acha a última pedra de gelo do deserto. Ela se acha muito importante, acha que só ela chama atenção (M. C. 23 anos)

As demais opiniões obtidas para este cenário giram em torno da beleza enquanto um poder de sedução. Destacamos os discursos mais significativos sobre esta questão, iniciando pela declaração da nossa quinta informante. Nela pode-se perceber que o culto ao corpo se fundamenta na necessidade humana de chamar atenção, e que essa necessidade, por sua vez, está vinculada a um pensamento estético largamente difundido atualmente.

[...] hoje em dia é tão freqüente esse culto ao corpo, assim, esse pensamento estético. A gente vê que como o ser humano busca atenção mesmo, chamar atenção dos outros, tanto homens como mulheres, às vezes uma mulher quer ser mais bonita do que outra, quer mostrar para outra que é mais bonita, não necessariamente para o homem, aí tem que ver isso aqui, que a beleza, a beleza chama atenção é por isso que as pessoas hoje em dia buscam o corpo belo, o corpo perfeito (M. M. 25 anos).

De acordo com esta opinião os sujeitos contemporâneos têm um motivo irreduzível para construir a beleza que é a necessidade de chamar atenção como maneira de demonstrar superioridade através da aparência. De acordo com a fala pode-se considerar a existência de uma “hierarquia” da aparência corporal que denota a concepção foucaultiana de estados de dominação. Ter um corpo belo, nesse sentido, significa claramente ter poder.

Noutro discurso, agora elaborado pela sétima participante, é possível identificar os contornos do poder da sedução focalizando as relações de poder entre homem e mulher. Nesse caso, a beleza causa efeitos de admiração que podem ser potencializados pela vaidade feminina que é capaz de maximizar a beleza:

Então como a vaidade, o poder da mulher assim de ser bonita e vaidosa muitas vezes seduz o homem e realmente o homem fica bobo. Ele pode estar casado com uma mulher linda e maravilhosa, mas passa outra e ele não deixa de olhar não. [...] Aqui o carro foi insignificante diante da escultura humana, vamos dizer assim. A batida do carro foi uma coisa chocante, mas a beleza dela se sobressaiu em relação ao fato do carro bonito estar batido (F. 40 anos).

O poder de seduzir o homem, tornando-o “bobo” é o elemento que mais se destaca neste trecho. A sedução enquanto estratégia de dominação apareceu também a partir de exemplos da realidade que foram trazidos pelas participantes. Estas falas permitem constatar dois aspectos que são o da materialidade do poder da sedução, e o reconhecimento da sedução enquanto um poder feminino.

De fato, é possível perceber a existência de uma microfísica dos poderes femininos que se caracterizam muito mais pela sutileza e pelo mimetismo do que pela força e a violência simbólica (FOUCAULT, 2006e).

Sobre a questão da sedução enquanto um poder feminino, Baudrillard (2006) afirma a manipulação das aparências corresponde a uma prática de domínio que “põe em xeque a profundidade do masculino”. O domínio da sedução está fundado na incerteza e na variação anatômica que é passível de manipulação para se tornar mais incidente e poderosa, principalmente nas sociedades atuais, caracterizadas por uma circulação acelerada do corpo e das sensações.

Retornando aos discursos, identificamos ainda situações de conflito relativas à dominação exercida pela beleza. Estas situações refletem uma competição existente principalmente na relação entre mulheres. Demonstramos essa competição através de um relato da nossa sétima entrevistada.

Mulher muitas vezes se veste para outra mulher. Muitas vezes a mulher se preocupa mais, porque assim, tem mulheres que acham as outras bonitas, mas procuram ver mais os defeitos do que as coisas bonitas, por questão de medo, de competição, de estar se comparando ou insegurança mesmo de ter que assumir que a outra é mais bonita, pode ser uma nojenta, mas é linda, pode não valer nada, mas é linda (F. 40 anos).

Para a participante a disputa em relação às outras mulheres é mais freqüente e preocupante do que a maioria de relações estabelecidas com o homem. Acreditamos que este fato pode ser compreendido como uma ameaça à hegemonia individual construída sobre beleza. Do ponto de vista dos jogos de poder a disputa pode ser entendida enquanto consequência do atrito entre sujeitos que possuem estados de dominação similares. Uma vez que os estados de dominação estão em constante movimento, a tática para manter uma posição favorável nos jogos de poder pode ser essa, a de depreciar para se afirmar (FOUCAULT, 2006e).

Todavia, a influência da beleza feminina sobre outra mulher também pode desencadear reações de admiração. Nesse caso o exercício de poder desencadeia uma reorganização estratégica mais próxima das práticas de liberdade, nas quais o próprio sujeito nega a sua condição de infelicidade, desvalorização ou tristeza. A fala da nossa sexta participante demonstra estes efeitos de subjetivação a partir da situação em que os indivíduos ocupam diferentes estados de dominação.

Não sei se for uma mulher que não tem o mesmo perfil o mesmo corpo deve causar uma mistura de coisas, de sensações, tristeza, desvalorização, de menos valia, uma série de coisas assim. Concordo também é, que pode te dar uma vontade de você buscar, não é? De cuidar mais desse corpo e tal. Já eu acho que para a mulher que tem o mesmo padrão de corpo assim, acirra mais a rivalidade e a competição (A. C. 25 anos).

Confirmamos, neste discurso, a idéia de Foucault (2006e) segundo a qual, diferentes relações de poder são estabelecidas conforme as diferentes posições ocupadas nos jogos de dominação. Nesta perspectiva, os próprios jogos de dominação não devem ser entendidos com “jogos de opressão”, mas sim como um conjunto de linhas que se cruzam e que são passíveis de modificação.

A exemplo do discurso analisado foi possível identificar através dos relatos coletados uma outra manifestação da beleza como um poder a qual está vinculada às práticas de liberdade, ou seja, corresponde à construção de corpos belos como prática de liberdade. Os enunciados que revelam essa forma de compreensão foram coletados quando da aplicação do cenário de número 8.

Nas declarações o poder do corpo belo aparece vinculado à categoria “liberdade de ser magra” (68,75%), que corresponde aos operadores de dominação “liberdade de agir”, “auto-estima”, “felicidade”, “prazer”, “saúde”, e “confiança”. As compreensões emitidas fazem referência à construção da magreza não como imposição da norma, mas sim como possibilidade de construir uma estilística de existência que traga benefícios para a vida.

[...] Pra mim é felicidade primeiro porque é uma coisa que todo mundo quer, de 10 pessoas que falam todo mundo diz “ah eu quero perder 2 kg, 3kg!” todo mundo quer perder, ninguém quer ganhar. É muito difícil você ver alguém dizendo que quer ganhar. A maioria sempre quer perder fazendo lipo, sempre buscando afinar a cintura, perder quilos, é o que todo mundo almeja, é o que parece que traz felicidade, prazer, não sei o que. [...] Então assim emagrecer pra mim significa a pessoa estar se sentindo mais leve (F. 40 anos).

[...] quando você é magra e está passando na rua todo mundo olha, e quando você é gorda ninguém olha. No shopping todo mundo olha que chega vira a cabeça, pro gordo ninguém olha. Então pro gordo isso é importante, e as pessoas fazem tudo pra ter isso. [...] Estou feliz não vou mentir (M. C. 23 anos).

Verificamos novamente a valorização estética do corpo e a procura pela beleza corporal como satisfação pessoal. No primeiro discurso, especificamente, nota-se traços do sujeito super-excitado, constituído por uma personalidade somática que tende a busca na experiência estética uma extrapolação que é reconhecida socialmente como estado de felicidade. No segundo caso, percebe-se a importância de chamar atenção, de desviar o olhar do outro para si, como forma de se conquistar um estado pleno de si, ou seja, de administração da própria beleza corporal como estratégia de dominação (FOUCAULT, 2005a; 2006e).

Ademais, a beleza não se limita somente ao corpo magro, mas corresponde a uma série de atitudes que permitem a obtenção de uma aparência melhor com uma concomitante melhoria da qualidade de vida. Nesse sentido, apontamos para a utilização da experiência estética como estratégia para reconstruir as relações de existência.

É eu acho que quando a pessoa está de bem consigo mesma quando está, quando se sente saudável, ela se sente mais livre também. Tem haver com a liberdade também porque ela fica mais solta, fica mais relaxada, se sente mais espontânea, fica mais desinibida, fica mais autoconfiante, fica mais confiante de seu corpo, de si mesmo, sobre o que as outras pessoas pensam sobre ela (M. M. 25 anos).

Pra mim isso é o ápice, ela chegou onde ela queria [...] ela está se sentindo bem, poderosa, mais sedutora, auto-estima lá em cima, uma roupa cai melhor, ela pode ser mais ousada. Ela passa até um pouco mais de atitude, ela tem uma segurança maior em relação a várias outras coisas e ao posicionamento das pessoas em relação a ela. Então isso aqui pra ela é tipo assim "Poxa cheguei onde eu quis, estou magra, me sinto o máximo, estou feliz, estou bem com meu corpo eu sinto mais segurança e o resto vai se desenrolar melhor! (F. 40 anos).

As referências realizadas sobre a liberdade demonstram a existência de espaços de resistência que são determinados conscientemente em função de estratégia alheias. Para Foucault (2006e), estes espaços de resistência não remetem a uma libertação integral do sujeito, mas sim, na criação de uma postura estratégica diferente que permite um exercício de liberdade sobre a liberdade do outro.

Sobre a produção da beleza corporal como prática de resistência é possível perceber na fala de F. (40 anos) a possibilidade de exercer poder produzindo um corpo feminino discrepante do ideal estabelecido socialmente. Ter um corpo muito musculoso para a entrevistada significa ser capaz de chocar o outro, e de impor respeito pelas qualidades físicas desenvolvidas através do treinamento físico especializado e consumo de produtos ergogênicos para melhoria da performance corporal.

[...] quando eu era muito forte, todo mundo olhava pra mim como se eu fosse um ET e eu não tava nem aí, eu achava o máximo agredir mesmo. Então assim tem o lado do poder, do corpo, em relação a isso, entendeu? Porque ninguém tirava onda comigo também. Eu achava o máximo foi um lado que eu curti, não me arrependo. [...] Eu era feliz daquele jeito apesar das muitas restrições, mas eu era feliz. Eu sinto falta às vezes, daquele mundo em que eu vivia em que eu era muito bem entendida daquele mundo, não é? Era meu mundo particular (F., 40 anos).

É possível perceber nesta fala não apenas a satisfação em ter uma aparência física desejada, mas também a consciência de que através de um corpo desenvolvido é possível promover dominação. Nota-se aqui a materialização do *fitness* (boa forma) e do *wellness* (prazer corporal) considerados por Costa (2004) como as representações de sucesso, de bem-estar e de valorização social na cultura somática. Tanto o *fitness* como o *wellness* pressupõem a disciplina corporal como condição indispensável, mas não limitante, pois, através dela é possível alcançar um estado de domínio de si que permite reconstruir, dentro de certas condições de liberdade, a realidade do próprio corpo.

Nesta perspectiva, é necessário ressaltar que a construção do corpo belo traz reflexos no nível da subjetivação e das artes de viver. O “mundo particular” mencionado pela entrevistada, formulado em meio a “restrições” e “prazeres”, indicam a possibilidade de construir uma outra perspectiva de beleza corporal. Esta nova possibilidade não corresponde ao controle das regras de visibilidade, mas sim a uma espécie de subversão das normas somáticas da sociedade atual que nega a reprodução dos arquétipos femininos propagados pela Lei eugênica da aparência. Esta subversão representa uma “contracultura” da beleza corporal a qual tem conquistado espaço com a divulgação das práticas de fisiculturismo feminino, por exemplo. Portanto, é possível vislumbrar a produção da beleza como uma prática de liberdade no sentido em que Foucault pensa os jogos de resistência.

Filho (2008, p. 17) realiza uma reflexão precisa sobre o sentido da liberdade na teoria de Foucault, admitindo que “somente ocorrem práticas de liberdade onde as relações de poder substituem realidades totalitárias de dominação”. Logo, a liberdade não deve ser pensada como sinônimo de liberação, mas sim como uma agonística, como luta entre dominação e resistência.

Esta reflexão convida-nos a observar o cuidado de si e a produção de corpos belos como possibilidade de escrita, ou reescrita de si mesmo, a partir da luta constante em relação ao julgo institucional. Ser artífice, ou autor de si mesmo consiste justamente num movimento posterior - e superador - a um esquema de dominação. Nesse sentido, Krutzen (2008, p 132) afirma que

[...] a autoria não se esgota no primeiro movimento, exigindo sempre que o autor prossiga seu trabalho de modo a poder voltar-se sobre si, se contorne em seu próprio eixo, se veja naquilo que extrapolou sua intenção e possa, então, acolher esse movimento.

A partir dos sujeitos entrevistados, nós notamos a utilização de uma referência estética do corpo como forma de obter uma estabilidade momentânea que se deflagra para outras dimensões da vida. Constatamos, assim, que a construção de corpos belos pode repercutir nas formas de socialização, e na maneira de lidar com o mundo e consigo mesmo. Não obstante os riscos da atual liberdade corporal, a construção de corpos belos assume o papel de reconstruir estratégias de resistência e inventar outras formas de construir a aparência corporal, usufruindo de autonomia e de um gozo de si. Este processo de “estetização das formas de construir a beleza”

parece indicar a ascensão de uma ordem de poder na qual os sujeitos passam a buscar na experiência estética referenciais para conduzir a própria vida e suas posições nos “nós” e “linhas” que formam as redes históricas de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar as operações biopolíticas que transformaram a beleza em objeto de poder a partir da discussão sobre as relações de dominação e de autodomínio que fundamentam a construção de corpos belos em academias de ginástica. Optamos por investigar as relações de poder a luz dos discursos de mulheres praticantes de exercício físico em academias de ginástica utilizando como referencial a teoria de Foucault.

Procuramos identificar arqueologicamente os princípios biopolíticos que perpetuaram a beleza como uma qualidade associada à produção econômica, à saúde, e à moralidade. A partir do surgimento de uma Medicina social, abordamos o nascimento do sujeito na ordem do saber e o desenvolvimento de políticas eugenistas de combate à fealdade a partir das quais a Educação Física pôde se consolidar. Nesse sentido, buscamos verificar a perpetuação dos princípios de maximização da vida que fundamentaram relações de medicalização, patologização e padronização de corpos feios e anormais reproduzidos no discurso da própria Educação Física através dos textos de Azevedo (1960) e Cooper (1972a; 1972b). Com isso identificamos a atuação de um poder institucional e disciplinar que orientou o uso da beleza para produzir corpos dóceis.

Realizamos um aprofundamento na teoria do poder de Foucault para compreender aspectos referentes às tecnologias de si. Recorremos também à Costa (2004) e a seu conceito de moralidade somática, para discutir como o cuidado de si se tornou uma forma de poder na contemporaneidade.

A cartografia realizada sobre o poder da beleza permitiu a identificação de dois grandes dispositivos relacionados à construção de corpos belos e que caracterizam a biopolítica da beleza: um mecanismo jurídico-funcionalista e um dispositivo bioascético.

As conclusões obtidas através da análise dos enunciados levaram-nos a reconhecer o princípio do dimorfismo sexual que regula a produção da beleza a partir do investimento sobre os caracteres sexuais secundários. Estes investimentos têm uma intenção biológica que desconsidera as variações sócio-culturais de sexualidade, produzindo modelos de beleza os quais devem refletir estilos de subjetividade intransponíveis. O dimorfismo sexual atua como princípio definidor das qualidades físicas, as quais estabelecem os limites entre a aparência masculina e

feminina. No caso das entrevistadas, construir uma imagem bela é ter um corpo magro, delicado, que reproduza os detalhes anatômicos femininos. Nesta perspectiva percebemos que o dimorfismo sexual age produzindo as duas únicas formas corporais socialmente aceitas, a beleza masculina e a beleza feminina, as quais representam campos circunscritos por uma linha que separa o permitido do subversivo.

Outra conclusão refere-se ao fato de que a beleza é controlada por relações de normalização e de medicalização associadas à criação de um padrão corporal correspondente à imagem de corpo magro, jovem e saudável. Neste contexto, as próprias entrevistadas reconhecem que a mídia e a moda atuam fortalecendo práticas de exclusão de corpo anormais concomitantes à valorização de corpos esbeltos enquanto modelos de saúde e exemplos de sucesso social.

Percebemos também a presença de tecnologias de medicalização voltadas à patologização da gordura e valorização das práticas de saúde. A medicalização da beleza é caracterizada pela recente expansão de uma economia de cirurgias estético-reparadoras como recurso para melhorar a aparência corporal. Este fenômeno parece indicar a existência de uma forte demanda estética social que também tem afetado campo da Medicina. Referimo-nos ao deslocamento do pensamento médico das práticas higiênicas de dominação em direção às práticas de estetização do corpo, com a finalidade de acentuar sua influência sobre a sociedade e maximizar uma normalização da beleza. A tática medicalizadora da beleza, contudo, age renovando um acervo de possibilidades tecnológicas que prometem segurança e resultados rápidos ao mesmo tempo em que torna mais acessível o consumo destas tecnologias.

As reflexões realizadas até este momento levaram-nos a constatar que a criação desta biopolítica da beleza está fortemente vinculada às características dos sujeitos contemporâneos. O sujeito contemporâneo é um indivíduo “superexcitado” que busca negar o domínio institucional e as referenciais transcendentais de identidade em nome da liberdade de seu próprio corpo (VIRILIO, 1996; FOUCAULT, 1999). Assim, a culminância da própria biopolítica deve-se, por um lado, à necessidade de investir biotecnologicamente sobre o corpo obsoleto, que não é capaz de produzir intensamente “24 horas por dia”, e por outro, à supervalorização individual das experiências corporais, das sensações, do prazer imediato, os quais funcionam como meios para construir bioidentidades.

Nesse sentido, a atual demanda estética dos sujeitos parece apontar para adoção de experiência da beleza como referência para construir relações de existência, táticas de autogoverno, e também estratégias de poder para regular a convivência social. Verifica-se aqui a construção da beleza utilizada como instrumento e estratégia de poder que se manifesta nas relações microfísicas. Referimo-nos às relações de sedução, de domínio do outro, relações de conversão a si ou de autoperitagem as quais visam, fundamentalmente, controlar a conduta do outro ou bloquear sua influência, e avaliar a própria existência.

Percebemos que a experiência bioascética do exercício físico está associada ao bem-estar e à auto-satisfação, no nível das técnicas de si. Ou seja, o exercício físico pode promover modificações na capacidade do sujeito auto-gerir a saúde e a beleza. Essa auto-gestão encontra-se vinculada ao reconhecimento social e à felicidade de ser “um mestre do cuidado de si” (FOUCAULT, 2006c).

Ainda sobre a prática regular de exercício físico o estudo mostra que esta não é apenas motivada pela aquisição de saúde e pela qualidade de vida, mas também pelo valor da experiência estética que o exercício físico pode promover. Apesar da maioria das entrevistadas terem citado a promoção da saúde como principal objetivo para frequentar as academias percebemos que a beleza representa uma grande preocupação, chegando até a ser apontada como causa e não consequência da saúde. As opiniões registradas dentro desta perspectiva apareceram, especialmente, quando as entrevistada não foram questionadas diretamente sobre os motivos que fundamentam a prática de exercício físico.

Pensamos que a tendência a apontar a saúde como principal objetivo está vinculada inicialmente à influência do discurso médico, do qual a Educação Física faz parte, e atua propagando a idéia de tornar o corpo saudável a todo custo. Entretanto, é possível perceber que a produção do corpo belo é movida pelo propósito de ter poder, ou seja, de ter beleza para se ter um reconhecimento social, para exercer influência sobre a conduta do outro, para se ter maior visibilidade despertando admiração e credibilidade, e para seduzir. Na relação para consigo mesmo ter um corpo belo corresponder a ter uma maior liberdade e obter uma maior confiança nas relações desenvolvidas socialmente.

Concluimos ainda que a intencionalidade do poder da beleza, no contexto da sociedade somática, pode possibilitar uma alteração nas posições assumidas pelos sujeitos nos jogos de poder. No caso das mulheres investigadas, a “reconstrução

estética de si” pode estar associada à uma prática de liberdade, isto é, à superação de certos estados de dominação a partir do uso estratégico da própria beleza ou pelo nível de autogoverno que o cuidado de si possibilita.

A partir das conclusões apresentadas e das lacunas identificadas no árduo trabalho da pesquisa científica, observamos uma vasta possibilidade de estudos que podem ser realizados seguindo a perspectiva da biopolítica da beleza.

A primeira observação diz respeito à necessidade de ampliar a cartografia da beleza e das relações de poder que regulam sua produção para se obter uma compreensão mais fidedigna, diminuindo os riscos de generalização que uma postura indutiva geralmente oferece. Esta cartografia poderia abranger um sem número de espaços voltado à produção estética do corpo, como clínicas e salões de beleza, por exemplo.

Uma segunda possibilidade que nos salta aos olhos é a de realizar uma arqueologia da beleza feminina no sentido de identificar as relações de força que sustentam a idéia tão difundida nas sociedades ocidentais de que a beleza é uma qualidade legitimamente feminina. Apesar da atual procura masculina pela produção da beleza corporal, os investimentos sobre a aparência, quando atingem um certo nível, passam a ser consideradas “feminilizantes”. Caberia, portanto, analisar estas determinantes de poder que agem sobre o gênero conferindo à beleza um status feminino.

Outra proposta de estudo, que está próxima desta última, remete à cartografia da beleza em relação ao sexo masculino. Como se dá a construção de corpos belos pelo gênero masculino? O que é o corpo belo para o sujeito masculino e quais são os seus significados? Porque motivo construir a beleza hoje em dia é mais aceito do que em década posteriores? Essas questões servem apenas de questões norteadoras para desvendar os jogos de poder associados à estética masculina.

Poder-se-ia realizar também um estudo arqueológico a partir da teoria de Foucault no sentido de analisar a formação do sujeito *fitness* na Educação Física, a partir do exame de textos e documentos produzidos pelos principais autores da área. Sabendo que o *fitness* é um princípio de construção de bioidentidade, poder-se-ia abordar discursivamente os enunciados, campos associados e funções de existência referentes ao *fitness* e sua regularidade num dado conjunto de obras visando identificar uma regularidade epistemológica entre eles.

Entendendo que a construção do corpo belo é um processo histórico, percebemos a possibilidade de construir uma proposta de intervenção pedagógica com o objetivo de fomentar uma reflexão sobre as práticas de produção estética do corpo. Assim, o estudo pretende colaborar para uma educação estética da qual a Educação Física deve participar ativamente.

Uma última possibilidade de análise aponta para estudos sobre a estetização da sociedade, sobretudo, para uma estetização das áreas do saber. Como pudemos constatar neste trabalho, o valor da experiência estética nos dias atuais tem demonstrado a ascensão da dimensão do prazer, das sensações e do gosto como referenciais nas relações sociais.

No caso da área médica, as intervenções antes direcionadas ao combate da degenerescência, nos dias de hoje, cedem lugar à experiência estética como forma de potencializar o controle sobre a vida. Esse controle, com já observamos, está baseado no exercício da liberdade somática e na constante estimulação como exigência auto-determinada. Talvez seja possível discutir essa estetização como uma forma de humanização das áreas do saber, ou como uma lente através da qual se pode refletir sobre os nossos rumos enquanto sujeitos construídos sobre a ânsia do controle-estimulação e sobre a liberdade de sermos autores e artífices de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **A revolta da vacina**: vacinando contra a varíola e contra o povo. Rio de Janeiro: Ciência moderna, 2003.

AZEVEDO, F. **Da Educação Física**. 3ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUER, M. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **Globalização**: As conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BAUDRILLARD, J. **Da sedução**. 6. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

BENTO, J.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Pedagogia do desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros horizontes, 1999.

BOAS, F. Eugenics. **The Scientific Monthly**, v. 03, n. 05. p. 471-478, November, 1916.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMARGO, E. **A militância de Fernando de Azevedo na Educação Física**: a educação física (1915). 1995. 392f. Dissertação – Faculdade de Educação. - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

CASTRO, A. **Culto ao corpo e sociedade:** mídia, cultura de consumo e estilos de vida. 2001. 183f. Tese – Departamento de Sociologia e Instituto de Filosofia. - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

CLARK-IBÁÑEZ, M. Framing the social world with photo-elicitation interviews. **American behavioral scientist**, v. 47, n. 12, p. 1507-1527, August, 2004.

COELHO, M. **Forte e bonito como o barão:** ciência e propagando no Brasil; início do século XX. 2005. 104f. Dissertação – Departamento de História da Ciência. – PUC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

COOPER, K. **Capacidade Aeróbica.** São Paulo: Honor Editorial, 1972a.

COOPER, K. **Aptidão Física em qualquer idade.** São Paulo: Honor Editorial, 1972b.

COSTA, J. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CURRY, T. A visual method of studying sports; the photo-elicitation interview. **Sociology of Sports Journal**, v. 03, p. 204-216, 1986.

DANTAS, Eduardo. **A produção biopolítica do corpo saudável:** mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação. 2007. 207f. Tese – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

DARWIN, C. **A origem das espécies.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

DELCONTI, V. **Eugenia:** a ciência do melhoramento das especificidades genéticas humanas. 2007. 364f. Tese – Departamento de Antropologia do instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

DIWAN, P. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

DUTRA, J. "Onde você comprou esta roupa tem para homem?": A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 359-411.

DWECK, R. **A beleza como variável econômica: reflexo nos mercados de trabalho e de bens e serviços**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

ECO, H. **A história da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

ECO, H. **A história da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

EPSTEIN, I. STEVENS, B. MCKEEVER, P. BARUCHEL S. Photo Elicitation Interview (PEI): Using Photos to Elicit Children's Perspectives International **Journal of Qualitative Methods**, v. 5, n. 3. September 2006.

ENGS, R. **The eugenics movement: an encyclopedia**. Westport/London: Greenwood Press, 2005.

FARIAS, P. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 263-302.

FAVORETTO, M. **A noção de "conversão a si"**: uma leitura da abordagem de Michel Foucault a respeito da relação subjetividade e verdade na filosofia antiga. 2004. 100f. Dissertação – Faculdade de Educação - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

FEATHERSTONE, M. **The body in consumer culture**. In: The body. Social process and cultural Theory. Londres: Sage Publications, 1995.

FERREIRA, M. C. **Análise do Discurso no Brasil**: notas à sua história. Texto de apresentação do I SEAD, 2006. Disponível em:
<HTTP://spider.ufrgs.br/discurso/event/extre/apresentação>. Acesso em 27 mar. 2009.

FILHO, A. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: JÚNIOR, D.; VEIGA-NETO, A.; FILHO, F. (Org.) **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 13-26.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.) **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

FISHER, R. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, Novembro, 2001.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 114-136.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. **“Technologies of the self”**. IN: L. Martin, H. Gutman e P. Hutton(orgs.), Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault, Massachusetts, The University of Massachusetts Press, 1988, p. 16-49.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2006a.

_____. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2006c.

_____. **A história da sexualidade III: cuidado de si.** São Paulo: Graal, 2005a.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Dits et écrits.** Tradução: Wanderson F. Nascimento. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, p. 730-735.

_____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **O nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUSS, H. & RABINOW, P. (Orgs.). Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

_____. **Power/Knowledge: Selected Interviews, 1972-1977,** Toronto, Random House, 1981.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Entrevistas.** São Paulo: Graal, 2006b.

_____. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Ditos e escritos: Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006e.

FLORES, M. **Tecnologia e estética do racismo.** Rio de Janeiro: Editora Argos, 2007.

GALTON, F. **Essays in eugenics**. London: The eugenics education society, 1909.

_____. **Natural Inheritance**. London: The eugenics education society, 1889.

_____. **Probability, the foundation of eugenics**. Oxford: Clarendon Press, 1907.

_____. **Inquiries into human faculty and its development**. Gavan Tredoux, 2004.

_____. **Hereditary genius: an inquiry into its laws and consequences**. London: Macmillan and co. and New York, 1892.

_____. **Hereditary talent and character**. London: The eugenics education society, 1865.

_____. **Natural Inheritance**. London: The eugenics education society, 1889.

_____. **Eugenics: its definition, scope, and aims**. The American Journal of Sociology, v. 10, n. 01, July, 1904.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. _____. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 64-89.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 244-270.

GIULANI, P. O movimento de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 640 – 668.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher** da Revista Educação Physica. 1999. 194f. Tese – Faculdade de Educação - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

GOLDEMBERG, M.; RAMOS, M. A civilização das formas: o corpo como valor. In: _____. (Org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19 – 40.

GOUBERT, J. Família e saúde na França do século XVIII ao século XXI. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, v. 17, n. 3, p. 147-153, 2007.

GREGOLIN, M. **Foucault e Pêcheux na análise de discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre. “Sarados” e “gostosas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**. Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 133-152, Jan./Abril 2006.

HARPER, D. Talking about pictures: A case for photo elicitation. **Visual Studies**, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE: Perfil dos trabalhadores domésticos nas seis regiões metropolitanas investigadas pela pesquisa mensal de emprego (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre): IBGE, 2006a.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE: o trabalho da mulher principal responsável no domicílio: IBGE, 2006b.**

IRAJÁ, H. **Sexo e Beleza**. São Paulo: Cultura moderna, 1938.

_____. **Morfologia da Mulher: A Plástica Feminina no Brasil**. Estudos Brasileiros. 4 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1937.

JENKINGS, K. WOODWARD, R. WINTER, T. The emergent production of analysis in photo elicitation: Pictures of military identity. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 09, n. 03, September 2008.

JOHNS, D. P.; JOHNS, J. S. Surveillance, subjectivism and technologies of power: an analysis of the discursive practice of high-performance sport. **International review for the Sociology of Sport**, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. BAUER, M. Entrevista narrativa. In: _____. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 90-113.

KANAZAWA, S.; KOVAR, J. Why beautiful people are more intelligent. **Intelligence**, v. 32, p. 227-243, 2004.

KEHL, R. **Formulário da Beleza: Fórmulas Escolhidas**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1927.

_____. **Tipos vulgares: introdução à psicologia da personalidade**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1958.

KRUTZEN, E. Discurso e autoria: a escrita terapêutica. In: JÚNIOR, D.; VEIGANETO, A.; FILHO, F. (Org.) **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 123-137.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

LIPOVETSKI, G. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKI, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LOURO, G. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 443 – 481.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise de discurso na França. In: Orlandi, E. (Org.) **Gestos de leitura**. Da história do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 79-138.

MARINHO, I. **A ginástica brasileira**: resumo do projeto. Brasília, 1981.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

NIEMEYER F.; KRUSE M. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da revista Capricho. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 17, n. 03, p. 457-465, 2008.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 01, p. 59 - 77, 2003.

ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 08, n.14, p. 9-20, 2004.

PICKSTONE, J. Medicina, Sociedade e Estado. In. PORTER, R. (Org.). **História da Medicina**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008, p. 265-302.

POLI NETO, P.; CAPONI, S. A medicalização da beleza. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 11, n. 23, p. 569-84, 2007.

POWERS, S.; HOWLEY, E. **Fisiologia do exercício**. São Paulo: Manole, 2000.

PRINGLE, R.; MARKULA, P. No pain is sane after all: a Foucauldian analysis of masculinities and men's experiences in Rugby. **Sociology of Sports Journal (SSJ)**, 2005.

RAGO, M. Cultura do narcisismo, política e cuidado de si. In. SOARES, C. (Org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. São Paulo: Autores Associados, 2007a, p. 49-68.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In. DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007b, p.578-606.

RODRIGUES, F. A nudez no jogo do erótico e do sensível. **Famecos**. Porto Alegre, n.22, p. 28-32, Dez. 2009.

RUSSEL, B. **A perspectiva científica**. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1997.

SANTAELLA, L. NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANT'ANNA, D. Uma história do corpo. In: SOARES, C. (Org.) **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. São Paulo: Autores associados, 2007, p. 67-80.

SANT'ANNA, D. (Org.) **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SILVA, A. **Corpo, Ciência e Mercado**: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Santa Catarina: Autores Associados, 2001.

SILVA, A. **A perfeição expressa na carne**: a Educação Física no projeto eugênico de Renato Kehl 1917-1929. 2008. 141f. Dissertação – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SILVA, A.; GOELLNER, S.. “Sedentárias” e “Coquettes” à margem: corpos e feminilidades desviantes na obra de Renato Kehl. **Pensar a Prática**, v.11, p. 26-36, 2008.

SNYDER, E. KANE, M. Photo elicitation a methodological technique for studying sport. **Journal of Sport Management**, v. 4, p. 21-30, 1990.

SOARES, C. **Imagens da Educação Física no corpo**: estudo a partir da Ginástica francesa no século XIX. 1996. 198f. Tese – Faculdade de Educação. - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

SOARES, C.; FRAGA, A. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. **Pro-Posições**. V. 14, n. 2, p. 77-90 - maio/ago. 2003.

SOARES, C. **Educação Física: raízes européias no Brasil**. Campinas: Autores associados, 2004.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Disponível em:
<<http://www.cirurgioplastica.org.br/publico/ultimas09.cfm>>. Acesso em: 25 de jan.
2010.

THOMAS, J.; NELSON, J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Trad.
Ricardo Petersen et al.3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THORPE, H. Foucault, Technologies of Self, and the Media: Discourses of
Femininity in Snowboarding Culture. **Journal of Sport and Social Issues**, 2008.

TUCHERMAN, I. Michel Foucault, hoje ou ainda: Do dispositivo da vigilância ao
dispositivo de exposição da intimidade. In. QUEIROZ, A.; CRUZ, N. V. (Org.)
Foucault hoje? Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p.108-118.

VIGARELLO, G. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar do
renascimento aos nossos dias. São Paulo: Ediouro, 2006.

VIRILIO, P. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WESELY, J. Negotiating gender: Bodybuilding and the Natural/unnatural continuum.
Sociology of Sports Journal (SSJ), 2001.

WOLF, V. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as
mulheres. Rio de Janeiro: Rocci, 1992.

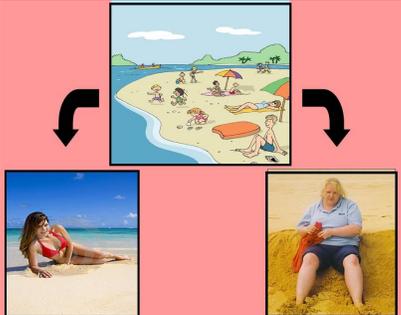
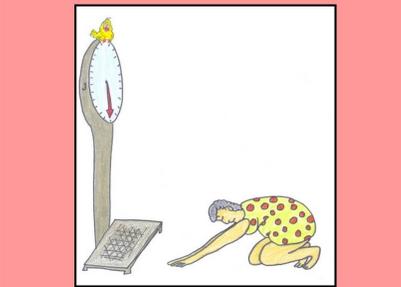
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

DADOS PESSOAIS

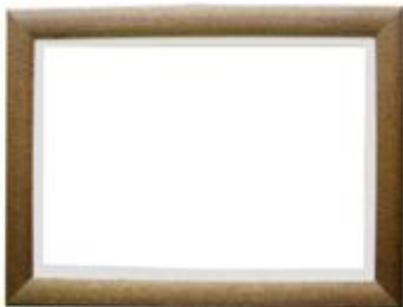
IDADE:
 ESCOLARIDADE:
 PROFISSÃO:
 ESTADO CIVIL:
 NÍVEL DE RENDA:
 TEM PLANO DE SAÚDE:

1- Fale um pouco sobre a história de seu corpo:

<p style="text-align: center;">CENÁRIO 1</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Você se enquadra neste perfil de mulher? Porque a mulher assume tantas responsabilidades? Você concorda que a mulher conquistou esse espaço? O que você acha dessa emancipação? 2. Fale um pouco de sua rotina. Você se sente pressionada a desempenhar todas essas funções? 3. Há uma pressão sobre a mulher para ela se manter bonita? Por exemplo, você acha que a beleza pode interferir no trabalho ou nas relações pessoais das mulheres? Como?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 2</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que há de diferente entre as duas figuras? 2. Na nossa sociedade o corpo das pessoas influencia na impressão que se faz delas? Que sentimento o corpo gordo causou? Porque? Que tipo de sentimento o corpo magro despertou?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 3</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como ela chegou a esse ponto? Você acha que ela se sente bem assim? 2. Qual a reação das pessoas quando vêem? (Há diferença entre homens e mulheres?) 3. Você já viveu essa situação? O que fez para mudá-la?

<p style="text-align: center;">CENÁRIO 4</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Onde elas estão? 2. Qual a diferença entre as duas mulheres? O que você acha que elas estão sentindo? 3. A mulher magra tem problema de exibir seu corpo? Por quê? Porque as pessoas exibem o corpo? 4. Você já deixou de ir a algum lugar ou fazer algo por causa do seu corpo?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 5</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que está imagem significa? Que elementos estão presentes? 2. Você costuma se medir? Qual a importância da medição? 3. Qual o significado do peso e da balança na vida da mulher? Você se preocupa com o peso? Por quê?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 6</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que está acontecendo nesta imagem? 2. O que é emagrecer para você e qual o significado no seu dia-dia? O que se pode fazer para emagrecer hoje em dia? 3. Você acha que a mulher ficou satisfeita com a atitude do marido? 4. Existem diferenças entre as mulheres do cenário? (Em relação à vendedora como a mulher se sentiu?)
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 7</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que você vê na figura? 2. Vemos aqui a mídia. Você vê alguma relação entre a mídia a preocupação com o corpo? 3. O excesso de magreza é doença? 4. Quem sofre mais preconceito a pessoa muito magra (anorexia e bulímica) ou a muito gorda?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 8</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Descreva a imagem. O que você vê? 2. Qual o significado dela? 3. Ser magra é ser livre? Por quê? 4. Em sua opinião, porque na nossa sociedade esse corpo é aceito? 5. Ser magra é ser bela?

<p style="text-align: center;">CENÁRIO 9</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que você está vendo nas fotos? (Como são estas mulheres?) 2. A beleza realmente pode causar esse efeito? Mas, que efeito é esse? E em relação às mulheres? 3. Em que situações é bom ser bela? 4. Ser bela é sinônimo de poder?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 10</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que práticas elas realizaram para atingir essa imagem? Porque elas fizeram isso? Isso tem efeito em outras pessoas? Você concorda? 2. Que riscos existem nas cirurgias plásticas?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 11</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a importância da academias de ginástica na sociedade? 2. O que é exercício físico pra você? 3. Além dos exercícios físicos você mantém algum outro cuidado corporal, qual? 4. Que critérios você usa para escolher uma academia? O que pensa do ambiente, pessoas que freqüenta a sua academia? 5. Costuma fazer amizades na academia? 6. Como é a sua relação com os professores?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 12</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Porque elas estão na academia? O que elas estão fazendo? Qual o objetivo delas? 2. Como elas são?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 13</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Descreva o que você vê 2. Como ela chegou a esse corpo?

<p style="text-align: center;">CENÁRIO 14</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que elas estão fazendo? 2. Porque elas estão na academia? 3. O que o exercício representa para elas? 4. O corpo belo para essas mulheres pode representar felicidade
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 15</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual delas tem o corpo mais bonito? Por quê? 2. Qual delas tem o corpo mais artificial? Por quê?
<p style="text-align: center;">CENÁRIO 16</p> 	<p>Descreva, em sua opinião, como seria a imagem de um corpo belo feminino:</p>